BIBLIOTECA GERAL
DA
UNIVERSIDADE
— JORNAIS —
COIMBRA

A Cabra

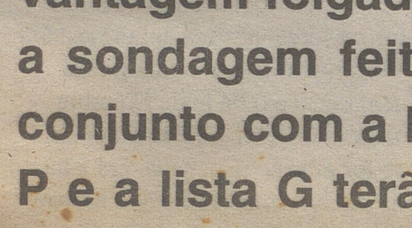
Jornal Universitário de Coimbra

Março de 1996
Nº 23 24
Mensal
100$00
Director: João L. Queirós
Produzido pela Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra
Rua Pe. António Vieira, nº 1
3000 Coimbra
Telefone: (039) 38934
Fax: (039) 23505

Zita com a Vitória na Mão

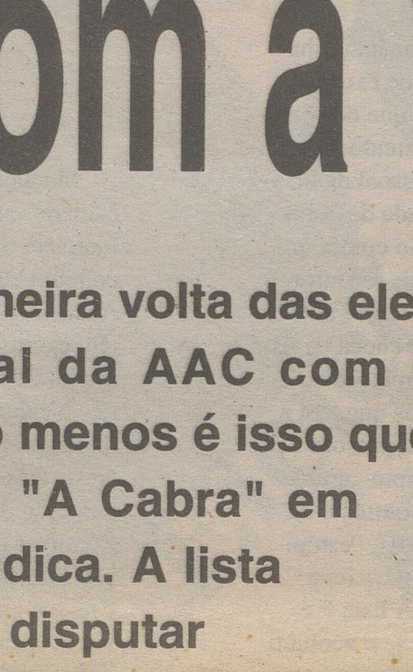
A lista L ganhará a primeira volta das eleições para a Direcção-Geral da AAC com uma vantagem folgada. Pelo menos é isso que a sondagem feita por "A Cabra" em conjunto com a RUC indica. A lista P e a lista G terão que disputar os votos dos ainda muitos indecisos para decidir qual delas passará à segunda volta.

4,7



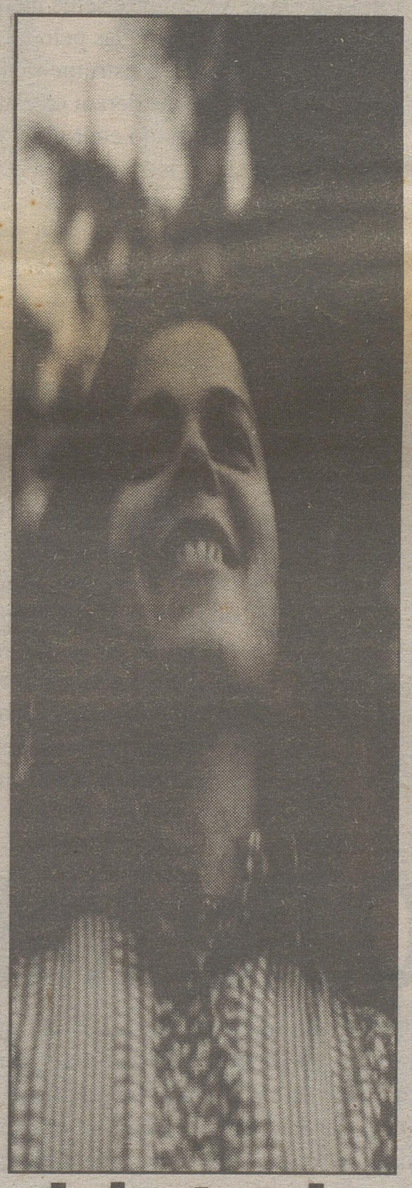
Lista F

18,8



Lista G

37,1



Lista L

21,2



Lista P

As Fitas da Queima

A escolha da Fanfarra para a organização do Festival de Tunas da Queima fez a Secção de Fado declarar guerra à Comissão Central.

Duas serenatas é o resultado previsível desta contenda.

Pág. 11

Fado no feminino causa polémica

Manuela Bravo decidiu gravar um CD com fado de Coimbra. O Conselho de Veteranos e vários grupos de fados não se conformam com a quebra da tradição. O Dr. Pinho Brojo, que se propôs ajudar a cantora, já foi alvo de ameaças.

Pág. 10

Balidos

Editorial

Uma Cabra Nova

Quem folhear este jornal reparará decerto em várias mudanças se o comparar com "Cabras" passadas. É o grafismo que está diferente -espera–se que mais livre-, são as páginas que falam desenvolvidamente de temas como astronomia, a Net ou cinema, são as várias colunas de opinião política. É uma nova Cabra que desponta na Academia.

É uma Cabra que se pretende seja um fórum de discussão sobre assuntos de relevo para a AAC e para a juventude, onde qualquer pessoa possa livremente expôr a sua opinião e a veja ser confrontada por quem pense de outra maneira. Para isso temos a "Opinion Makers".

É uma Cabra onde mensalmente temas como literatura, astronomia, a InterNet, música ou cinema serão tratados por quem os conhece bem.

É uma Cabra que apostará em demonstrar ao país que não é preciso ter mais de trinta e cinco anos ou ser de Lisboa para se ter opiniões políticas inteligentes, consistentes, inovadoras e bem fundamentadas. Por isso teremos comentadores fixos.

É uma Cabra que tentará não ser um gueto de pseudo–intelectualóides e que dará informações úteis aos estudantes desde o que está a dar no cinema, a sítios para comer às três da manhã até à cantina que estará aberta no próximo fim–de–semana.

É uma Cabra que não esquecerá os estudantes africanos e timorenses, com páginas a eles dedicados.

É uma Cabra que não se coibirá de dar a sua opinião, de ser a voz de quem dela faz parte, sem hipocrisias, medos reverenciais ou temores de não ser "politicamente correcto".

É uma Cabra que será isenta e independente, o que não quer dizer, sublinhe–se, neutral ou apática.

É uma Cabra que cumprirá a sua missão de único órgão de informação escrita da Academia, não descurando essa parte do jornal e separando-a claramente dos artigos de opinião. Não deixaremos pois de dar notícias sobre a Universidade, as Faculdades, as Secções e Organismos da AAC e a vida juvenil de Coimbra.

É uma Cabra que, como espelho da Secção que a produz, estará sempre aberta a todos os estudantes, a todos os que nela queiram participar, sempre disposta a dar voz às queixas dos estudantes, seja contra órgãos da Académica, seja contra professores. E, já agora, estaremos sempre abertos a publicar as queixas dos professores contra os estudantes...

É uma Cabra que dará sempre direito de resposta a quem se sentir alvo de inverdades ou injustiças em publicações anteriores.

É uma Cabra que é de quem a faz e de quem a lê. E que esperamos que dê que ler. E que dê que falar.

JLQ

Responsabilidade

Há para aí três anos que começou o processo de revisão dos Estatutos da AAC. Já houve três processos eleitorais, falcatruas, listas de consenso, um pouco de tudo. Finalmente, o ano passado, com uma Assembleia reduzida a trinta e três elementos e quatro listas a apresentarem–se às eleições, surgiu a esperança de que os estatutos seriam efectivamente mudados. E, de facto, nenhuma das anteriores Assembleias avançou tanto como esta, que já está a chegar ao terceiro capítulo e já discutiu temas tão importantes como os príncipios da AAC e as condições dos sócios. No entanto, já teve que ultrapassar paragens de mais de um mês por proposta do eleito Joaquim Reis e vai sobrevivendo com dez, doze membros por reunião. Isto porque muitos daqueles que se responsabilizaram perante os seus eleitores faltam despudoradamente às Assembleias. Destacam–se aqui o próprio Joaquim Reis e os restantes elementos da sua lista K, que já devem ter faltado a mais de uma dezena de reuniões. E viva o sentido de responsabilidade.

Concorrência desleal

O JÁ vem aí. Depois de amanhã. 64 páginas, todas a cores cheios de artigos porreiros, escritos por malta de quem gostamos, mas pagos para isso. Por isto tudo, não podemos deixar de manifestar o nosso protesto. *In Buca al Lupo,* Já.

Os chatos

Há que o dizer: O pessoal da lista F está cada vez mais chato. E é uma pena. Dá sempre jeito ter uma minoria de extrema–esquerda, levemente anarquista, anti-"sistema". É que normalmente são artistas que dão cores mais garridas ao mundo através da sua música, da sua poesia, da sua arte. Mas o pessoal da lista F não é assim. Não produzem nada de relevante, nada de bonito, limitam–se a insultar os estudantes e a gritar que são contra um tal de "sistema". É natural que seja moralmente mais reconfortante para quem não se consegue adaptar ao tal "sistema" autoconvencer–se que é porque não o quer... Mas o que choca na lista F é o desprezo que os seus membros sentem em relação ao resto da Academia. Consideram–se seres iluminados que têm a infelicidade de viver entre seres menos afortunados, pessoas "vulgares", cegas, alienadas pelo tal "sistema", "cripto–amibas", "putas que disputam na estrumeira mercantil o seu quinhão de vida falsificada". Consideram os estudantes "sabujos", "estúpidos", "cinzentos", "gado eleitoral". No fundo, quem escreve coisas destas não passam de hitlerzecos de merda. A lista F é, ironicamente, a lista mais tradicional desta Academia e nenhum de nós terá em princípio qualquer problema em, ano após ano, continuar a pagar as suas campanhas. Mas, por favor, evoluam! Façam arte, façam filosofia! Não se limitem ao insulto reles e a queixas banais.

JLQ

A Liberdade da Arte

Manuela Bravo decidiu cantar Fado de Coimbra. Logo o exclentíssimo e digníssimo Magno Concilium Veteranorum (convém o leitor ajoelhar–se ao ler tão excelso nome) saíu com um comunicado a explicar que tal era uma afronta à Academia. Afirmam que os acordes do Fado de Coimbra têm exclusividade masculina e que não pode deixar de ser assim. Convém explicar uma coisa a tão altíssimos Senhores: Nenhum género de Arte é pertença de ninguém e quem quiser praticar Fado de Coimbra tem todo direito de o fazer. Neste caso particular o futuro reserva–nos três hipóteses: Ou a Secção de Fado -que se tem comportado de uma forma exemplar neste processo- tem razão e o Fado de Coimbra não faz sentido na voz de uma mulher e o CD de Manuela Bravo é um fracasso; ou, se for um sucesso, nada terá a haver com Fado; ou então o público reconhece o Fado na voz de Manuela Bravo e assistir–se-á a uma evolução na Canção de Coimbra. Em todo o caso, a participação de Pinho Brojo neste disco dá–lhe crédito suficiente para não ser criticado antes de ouvido.

Mas o que é grave é que o ilustríssimo MCV, que pretende ser um orgão de tutela desta Academia, faça no seu comunicado ameaças veladas a Manula Bravo "convidando-a" a não vir cantar a esta cidade. O que é grave é que uma figura que nos merece todo o respeito como Pinho Brojo acorde com uma cabeça de carneiro ensanguentada à porta. É por este género de atitudes fascistas, arrogantes e estúpidas que nenhum estudante, mesmo que praxista, liga minimamente ao que o MCV faz ou deixa de fazer. É por causa de atitudes com esta que a Praxe é vista por muitos como uma privação de liberdades e um atentado à democracia. Meus Senhores, acordem! Estamos a chegar ao séc. XXI!

JLQ

Parabéns à RUC

Nós gostamos da RUC. Até somos amigos e, às vezes, vamos para os copos todos juntos e depois fazemos sondagens de opinião. Depois, são o nosso irmão mais novo (nós fizémos 11 anos há dois ou três meses atrás, Hehehe...). Às vezes até os ouvimos e nunca perdemos nenhum convívio RUC na cave. Só é pena não nos terem convidado para o concerto do John Zorn, porque a ele gostamos mesmo de ouvir. Mas nós gostamos mesmo da malta da RUC porque alguns de nós também lá estão e somos narcisistas. Como eles. Feliz décimo anversário Rádio Universidade. Não o deixem cair...

O Pai Natal

Mais vale um inocente na prisão que um criminoso em liberdade. Frase tradicional, ligeiramente fascista, usada frequentemente para justificar a inoperância do Sistema Judicial. Mais vale um criminoso em liberdade que um inocente na cadeia. Frase do Ex Ministro da Justiça, actual militante do PSD, Vice–presidente da respectiva bancada parlamentar, mais consentânea com os modernos valores democráticos, igualmente usada para justificar a inoperância do Sistema judicial.

A segurança entrou na ordem do dia nos últimos 2 anos em Portugal, com as milícias populares e a campanha eleitoral dos Populares nas últimas legislativas. Todos baliram contra a redução das penas operada pelo novo código penal. E tanto gritaram e espernearam que alguns crimes lá viram aumentar a respectiva moldura penal, por entre promessas de Guterres e gaffes de Nogueira.

Não é porém a moldura penal mas a eficácia na aplicação das penas que permite que estas tenham o chamado efeito de prevenção geral, ou seja, de afastar a generalidade das pessoas da prática do facto criminoso. Ninguém deixa de violar uma caloira por incorrer numa pena de 3 ou de 4 anos, se as probabilidade de ser condenado forem, digamos, de 10%. Provavelmente pensaria de forma diferente se, sendo a pena de um ano, tal probabilidade (que traduz a eficácia do sistema) subisse para 80%.

Importante não é a pena mas a crença do criminoso que pode efectivamente ser condenado.

Isto era assim até outro alguém se lembrar de subverter ainda mais o sistema, inventando a Amnistia periódica.

A Amnistia é uma figura que permite excluir, retroactivamente, a determinada categoria de factos, a natureza de crime que tinham quando foram praticados. Difere do simples indulto ou perdão de crime, acto pessoal que exclui a pena mas não o crime em si. Daqui todas as dificuldades do PS em amnistiar Otelo sem abranger os condenados por crime de sangue: a Amnistia abrange uma categoria de factos (crimes) e não um grupo de pessoas. É (ou devia ser) anónima.

A Amnistia é porém uma tentativa do poder legislativo de ultrapassar a separação constitucional de poderes. A autonomia do poder judicial é posta em causa. O poder político controla a criminalidade à priori, quando legisla e à posteriori, quando amnistia, pondo em causa as decisões judiciais. E pondo em causa a confiança das pessoas no sistema judicial. De todos. Daqueles que confiam que um criminoso cumprirá efectivamente (descontadas as chamadas penas de substituição e a liberdade condicional) a pena, por um lado. Dos criminosos, que contam com a amnistia e que fazem greve quando não é concedida. Os reclusos portugueses acreditam ter direito a ser amnistiados. E nem sequer têm culpa dessa convicção. De facto, se nem todos os anos vem o Papa a Portugal, haverá sempre um aniversário do 25 de Abril, outro do 25 de Novembro, outro da implantação da República, outro da Declaração Universal dos Direitos do Homem, outro da entrada de Portugal na União Europeia, outro da Primeira Amnistia... E todos estes são bons motivos para aplicar uma Amnistia ou não são? Por mim, prefiro pagar a multa de estacionamento que apanhei na semana passada.

Carlos Loureiro

Fotos e criação: Paulo Antunes

Dossier Eleições

Viro a minha ponta* a pensar em ti...
* do nariz

Alguém me chamou?

Sou uma lady no caixote mas, uma louca na...DG

As calcinhas... Os olhinhos... E outros lixos...

Carlos Cortes

Ana Drago

Fotos: Paulo Antunes

Nasceram de uma cisão na DG de Zita Henriques, inventaram os pontos e agora querem unir a academia.

Partem com Carlos Cortes como líder, uma dúzia de críticas dirigidas a Zita e dizem, outras tantas ideias novas. Queixam–se da actual Presidente, "que até é boa pessoa", mas toma decisões sem consultar ninguém, e acusam Zita de tentar sempre afastar quem não concorda com as suas ideias. Agora querem prosseguir o projecto que os levou a integrar a lista Q, o ano passado, em edição revista e melhorada. E claro, sem a "timoneira".

Durante este último ano, Carlos Cortes deu a cara pelo pelouro da Política Educativa, a área que recebeu mais reclamações por parte da Academia. O líder P explica porquê. O trabalho não foi possível por falta de equipa, em meados de Janeiro estavam reduzidos a três elementos. Além de que alguns membros da DG não lhe facilitaram o trabalho, ignorando resultados e semeando obstáculos no seu caminho. Queixas de boicote com destinatários misteriosos.

Por tudo isto, logo em Dezembro Cortes começa a equacionar uma possível candidatura. Em Janeiro já está decidido a avançar para a corrida. Isto apesar de admitir que ser Presidente da AAC nunca foi um sonho, mas "por curioso que isto possa parecer", Cortes "gosta de trabalhar"...

Algumas semanas mais tarde, quando Zita apresenta formalmente a sua recandidatura ainda houve houve uma tentativa de reconciliar a antiga equipa Q. Mas falhou. E agora, a lista P corre sozinha, contra a "chefe".

MILITÂNCIA

Carlos Cortes, cabeça de lista pela P, tem ficha preenchida na Juventude Socialista. Ao currículo junta–se a participação no secretariado de Ricardo Castanheira, deputado socialista por Coimbra na AR. Mas quando ingressa na DG pela mão de Zita Henriques, o ano passado, demitiu–se do cargo que ocupava na sede dos juniores rosas. Parecia–lhe difícil desempenhar os dois papéis em simultâneo, e não queria ser visto como um "delegado" da JS no pelouro da política educativa da DG.

A dar uma mãozinha à lista P aparece Jorge Sampaio, um simpatizante da JSD que chegou a ser falado como possível candidato à AAC. Sampaio acabou por alinhar pelo projecto de unir os pontos da Academia. Como resultado chovem acusações sobre a lista P. Dizem que parece uma reedição do Bloco Central, em versão AAC.

Contra as más línguas, Cortes responde com a "independência", escrita em maiúsculas.

PROPINAS

Marçal Grilo ainda é uma incógnita. Talvez por isso Cortes vem defender que cabe às AE's em conjunto apresentar propostas que incluam as propinas num esquema geral de financiamento das Univesidades. Um ponto de partida para futuros acordos com o Ministério da paixão de Guterres.

Mas a era laranja não pode ser esquecida. É preciso "descongelar" a suspensão da lei das propinas e avançar para a sua revogação. E apagar de vez os erros do passado.

DINHEIRO DAS PROPINAS

A lista P pergunta à Academia, e talvez a Zita Henriques, porque não foi feito ainda um referendo aos estudantes da UC. Só os interessados poderão decidir o que fazer aos famosos 950 mil contos retidos pela Reitoria.

Apesar da aposta no referendo, Cortes advoga a utilização da verba na área da Acção Social Escolar. Isto porque, embora defenda a devolução integral a quem pagou, pensa que vai ser difícil a nível jurídico criar um caso de excepção chamado UC

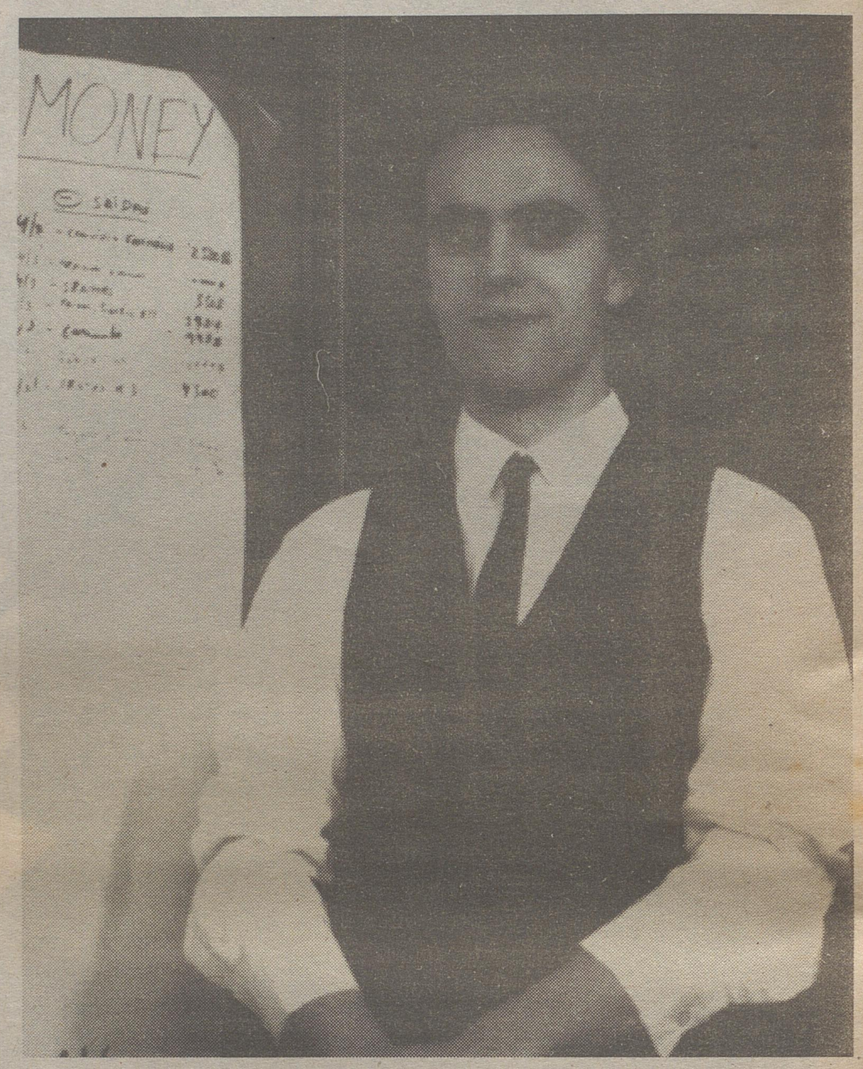
CASA

Seguindo a política do Governo, a lista P quer privatizar os serviços da AAC. Tudo para melhorar o apoio prestado aos estudantes.

Quanto às secções o mote é reunir, dialogar e distribuir convites para o espaços no Pólo II. Até porque só vai quem quer.

O QUE FAZER AOS QUE BOICOTARAM

Não pagar. Nunca, em caso algum. A batalha contra a lei 20/94 foi ganha e a AAC esteve na primeira linha de combate. Não se pode agora abandonar os estudantes, em nome de mudança de caras na DG. A coerência enquanto virtude.



Vitor Gonzalez

Ana Drago

A candidatura de Vitor Gonzalez à Presidência da DG/AAC foi uma das primeiras a ser anunciada. Em meados de Dezembro já fazia os seus primeiros contactos, mas é em Fevereiro que oficializa o seu nome na corrida à Académica. Com a lista G e a "viragem a pensar em ti".

No currículo, Gonzalez traz o cartão de militante da JSD e o cargo de Comissário na Queima das Fitas'95. Na jota laranja, Gonzalez preenchia a ficha em 92 e chegou a exercer o cargo de tesoureiro da concelhia distrital. Agora correm rumores que Gonzalez foi a uma reunião da Comissão Académica (CAC) pedir o apoio da estrutura social–democrata, mas o cabeça–de–lista da G nega toda a história. Aliás, nestas coisas de campanhas associativas, é defensor do "método das fotocópias". Trocado em miúdos, o líder G critica a campanha utilizada o ano passado por Nuno Freitas, um dos seus companheiros laranjas.



Gonzalez é muito claro. Recusa o papel de candidato oficial da JSD, diz que entrou na corrida enquanto estudante de Direito da UC, não quer ver a AAC movida por interesses partidários.

Na Comissão Central da Queima, Gonzalez ficou à frente das noites do Parque. Um pelouro que lhe valeu uma mão cheia de críticas e outras tantas insinuações. É que nos corredores da Associação circulam rumores que a Queima deu prejuízo, e afinal já vamos em Março e o relatório de contas continua por apresentar. Gonzalez lava as mãos das contas da Queima. São responsabilidade do Secretário e do Tesoureiro da Comissão. Quanto às acusações de "verbas evaporadas", o cabeça de lista da G exige provas. Porque nestes casos, sem factos não há argumentos.

A lista G elege como alvo os estudantes. Nem mais, nem menos. E debaixo do braço trazem a ideia original de subir as monumentais, chegar às faculdades e dialogar com os estudantes. E é desta torre que apontam baterias ao mandato de Zita Henriques, a cadeira da Presidência não é apenas um lugar de gerência. Apesar de reconhecerem o sucesso de Zita na redução das dívidas, afirmam a necessidade de uma visão mais ampla da Academia. E uma viragem no campo de política educativa.

PROPINAS

Tudo o que envolva a comparticipação dos estudantes deve ser incluído num "processo maior" de financiamento do ES. O líder assume, não é contra as propinas enquanto princípio, mas a aposta é feita numa comparticipação mínima, digamos simbólica. Porque o Ensino Superior não deveria ser um privilégio.

Fica a nota. Gonzalez não pagou, mas também não boicotou a lei 20/94. É que Gonzalez é bolseiro.

DINHEIRO DAS PROPINAS

Devolução é o grito de guerra da lista G. O dinheiro de três anos de propinas deveria pois ser devolvido aos estudantes que pagaram a conta. Isto apesar do problema legal que nasce, ao elevar Coimbra a uma situação de excepção no panorama universitário nacional.

O QUE FAZER AOS QUE BOICOTARAM

Em maré de amnistias, a lista G segue a onda. Apostam numa amnistia para todos aqueles que boicotaram as famigeradas leis das propinas. Até porque a AAC não pode agora abandonar os estudantes que a fizeram uma das Associações de Estudantes a recolher os louros da vitória na guerra contra a política educativa da era cavaquista.

CASA

G de diálogo. É preciso reformular as secções, falar com elas, dar–lhes a mão (sem conotações) e reorganizar o espaço. Gonzalez reconhece o esforço feito sob a presidência de Zita Henriques, mas diz que é preciso "ir mais longe". Estará ele pensar nas salas do Pólo II? Também. De qualquer forma, primeiro é preciso saber o que querem os seccionistas, e depois, com a casa arrumada, fazer a viragem na Academia.

A Cabra

Zita Henriques

Ana Drago

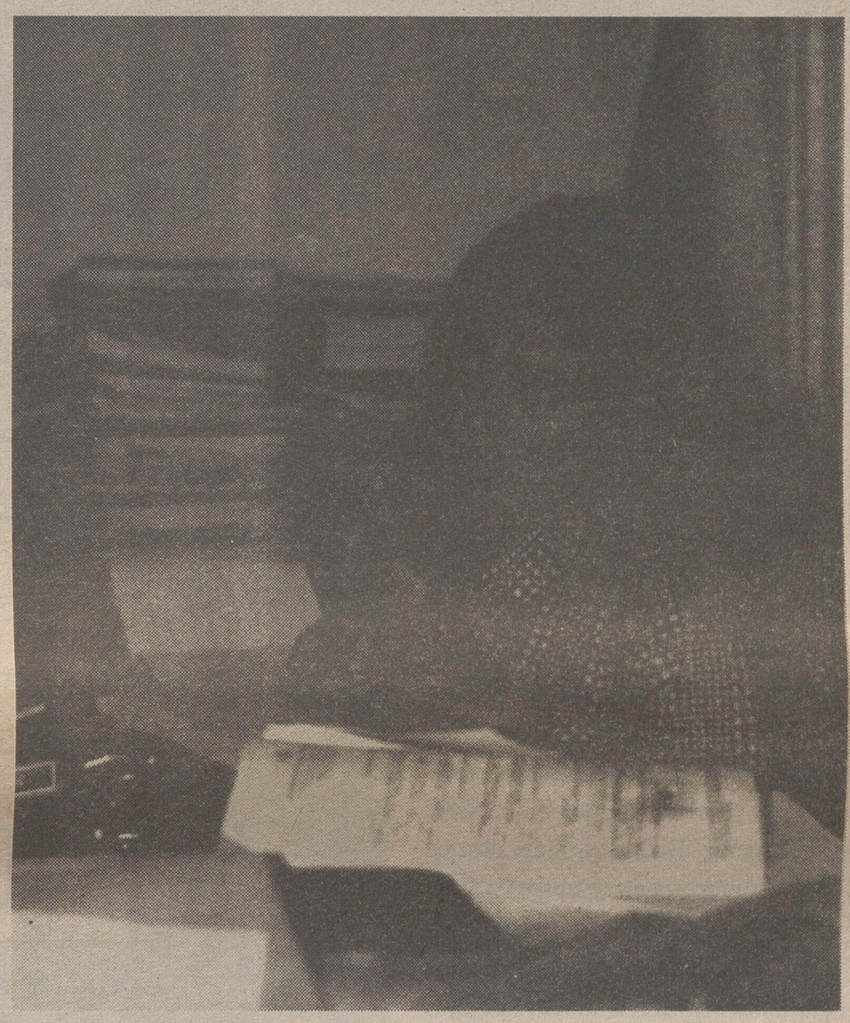
Zita Henriques avança de novo para a corrida à Presidência da AAC. Apesar de várias notícias que vieram a público, a actual presidente manteve a dúvida da sua recandidatura até meados de Fevereiro, quando declarou num Plenário da DG que tinha decidido manter–se à frente dos destinos da Académica. Foi então que muitos dos pré–candidatos fizeram marcha atrás nos seus projectos: é que a candidatura de Zita é vista como uma das favoritas, quem sabe se mesmo como a vencedora.

Este ano Zita tem consigo parte da sua antiga equipa, à qual se vieram juntar alguns membros do lista V, que concorreu o ano passado com Carlos Picassinos à cabeça. É a união em nome da independência da Académica. Para trás ficou um mandato que muitos criticam, mas Zita é muito clara, sai de "consciência tranquila". A DG é como tudo na vida, "teve coisas boas e coisas menos boas".

Como cartão de visita fica a redução das dívidas da AAC, feita sobre a sua tutela. Entre o último pagamento da revista "Via Latina" e os acordos feitos em tribunal, a verdade é que a actual presidente conseguiu equilibrar as contas. Mas há vozes que atribuem o mérito a Cunha Ferreira, o homem que orientou o pelouro da administração durante este último ano. Parabéns a quem quer que seja.

Quanto aos Fóruns Pedagógicos, o projecto mais "querido" de Zita, a Presidente recusa as críticas de derrapagem. O processo não parou, apenas "entrou numa fase menos vísivel". O trabalho continua a ser feito em algumas faculdades, embora noutros casos se tenha asssistido a um "congelamento", quem sabe se por falta de empenho de alguns membros. São pedagogias e outros demónios.

Porquê continuar à frente da AAC. Três razões na voz da Presidente: primeiro e antes que tudo, quer deixar a casa arrumada. Na lista dos seus êxitos, o equilíbrio financeiro vem à cabeça, e agora Zita quer terminar a tarefa. Depois vêm os estatutos. Embora não tenha influência directa na Assembleia de Revisão, Zita quer manter João Porto à frente da Magna. O objectivo é, pois, manter o rumo. Diz que é preciso que os novos estatutos contemplem os núcleos de faculdade, para que a AAC se mantenha única e indivisível. E que se estabeça de uma vez por todas a responsabilidade civil dos dirigentes da AAC. Ou seja, quem assume compromissos em nome da Académica, deve passar a responder por eles. Mesmo que seja em tribunal. Por último, a confissão: Zita quer estar à frente das futuras negociações a ter com o novo inquilino do Ministério da Educação. Num ano de mudança de côr no Governo, em que se pretende estabelecer um novo modelo de financiamento para o Ensino Superior, abandonar o leme da AAC poderia parecer deitar fora tudo que tem defendido até agora. Há comboios que não se podem perder.



MILITÂNCIA

Zita Henriques não é militante de nenhuma estrutura partidária, mas no mapa geo–político a Presidente confessa–se como sendo "mais de esquerda". Curiosamente, na lista L destacam–se simpatizantes do PCP e o apoio da Juventude Centrista.E como em tempo de eleições nunca se recusam apoios, temos a abrangência em formato L.

PROPINAS

A lista L não diz que sim nem que não. Porque as propinas não podem ser discutidas fora de modelo de financiamento do Ensino Superior. Um modelo que englobe a Acção Social Escolar e a gestão das Universidades. Temas que ficam para conversas futuras a ter com Marçal Grilo. Mas só se conseguirem ganhar esta corrida...

DINHEIRO DAS PROPINAS

Acham que é pouco. A lista L diz que os 950 mil contos, que pingaram em três anos de propinas, são uma gota de água face ao oceano que a UC necessita. Zita Henriques propõe um referendo aos estudantes de Coimbra, devem ser eles a decidir o destino a dar a esta verba. Com todos os interessados a serem chamados às urnas. Isto é, os que pagaram e os que boicotaram.

O QUE FAZER AOS QUE BOICOTARAM

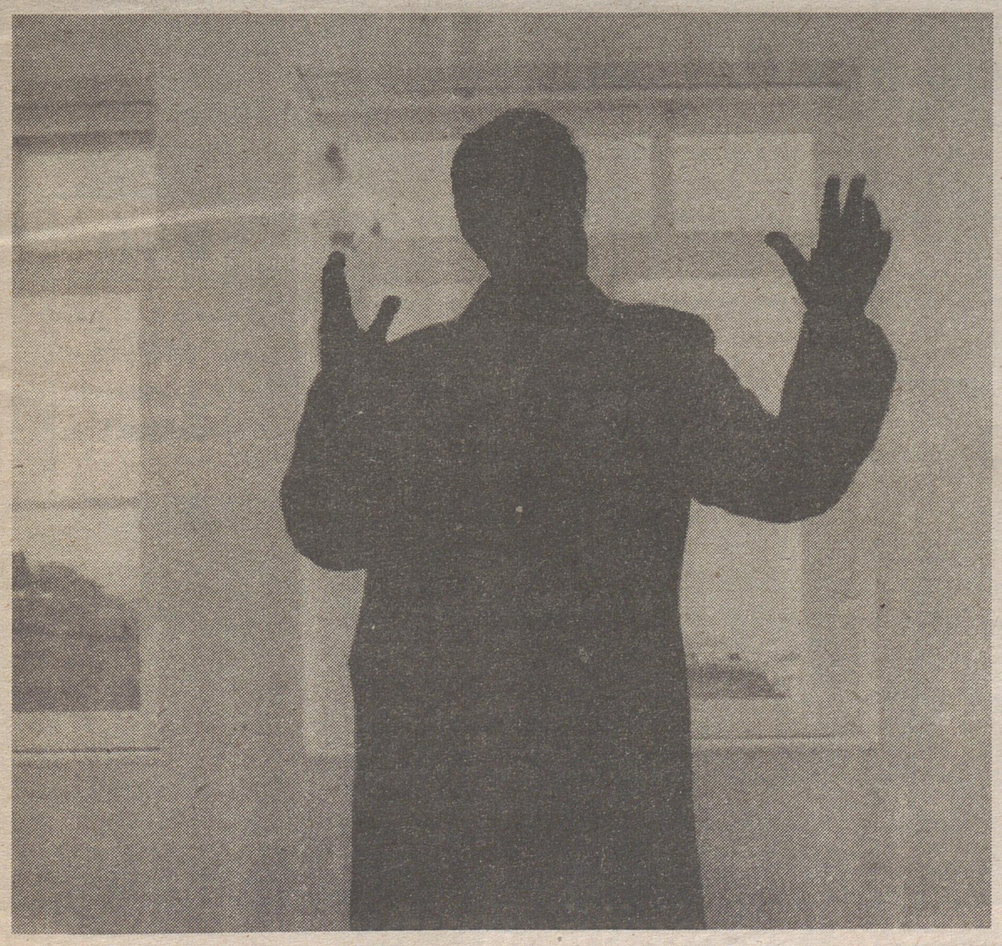
Zita não pagou, e não tenciona pagar. É contra a retenção de certificados enquanto sanção aos boicotantes. Quem não pagou fica em dívida com o Estado, mas não se aceitam castigos.

CASA

As virtudes dos conselhos. Conselho Cultural e Conselho Desportivo são duas das apostas da lista L na organização da "Casa". Quanto ao espaço, uma das dores de cabeça de qualquer DG, Zita afirma que as negociações têm dados os seus frutos. Assim algumas secções irão ocupar salas no Pólo II, por forma a aliviar o velho edifício que já está rebentar pelas costuras. Ao que parece serão as secções desportivas a abdicar de um lugar na "sede", embora corra o boato de que a RUC também está interessada em mudar de "casa".

Contra o Sistema ... Outra Vez

Manuel Pereira



São um grupo de amigos, não têm antecedentes de militância partidária -apenas um dos elementos foi em tempos sócio de uma 'jota'- e, sob o lema "Contra o Sistema", candidatam–se mais uma vez a um lugar em que não acreditam. É a lista F, erroneamente associada por toda a gente ao grupo ecológico - apenas 4 dos 28 elementos que a constituem são sócios desta secção.

Problemas vários, desde o desaparecimento da disquete que continha o material a distribuir ao incumprimento dos prazos por parte da papelaria responsável pela impressão dos panfletos e cartazes, atrasaram o início da invasão do espaço universitário. No entanto o objectivo é informar e não fazer lixo, usando de originalidade e frontalidade na campanha eleitoral - se assim lhe podemos chamar, pois ela nada tem em comum com as vulgares campanhas eleitorais, se exceptuarmos que a origem do capital essencial à sua elaboração é a mesma- da mais alternativa das listas concorrentes às eleições para os corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra.

Dizem ser "a execução ilimitada da liberdade humana" o utópico objectivo dum grupo de amigos unidos no respeito total por todo o ser humano, que deve ser livre de decidir por si próprio o que deseja ou não deseja. Não querem "prostituir–se na estrumeira mercantil".

Não apelam ao voto nem acreditam em qualquer forma de poder, o que não significa que sejam anarquistas, "os outros é que vêem caos onde existe subjectividade organizada". Que fazem então numa suposta luta pelo poder? Explicam que estão conscientes do que os rodeia e não querem limitar–se a protestar contra um mau sistema de ensino, mas também contra o objectivo do mesmo: "formar quadros e toda a espécie de lacaios para o Capital". Servem–se dos instrumentos postos à sua disposição pela ditadura para acabarem com a ditadura. Aproveitam trinta contos para pagar cartazes e panfletos, admitem.

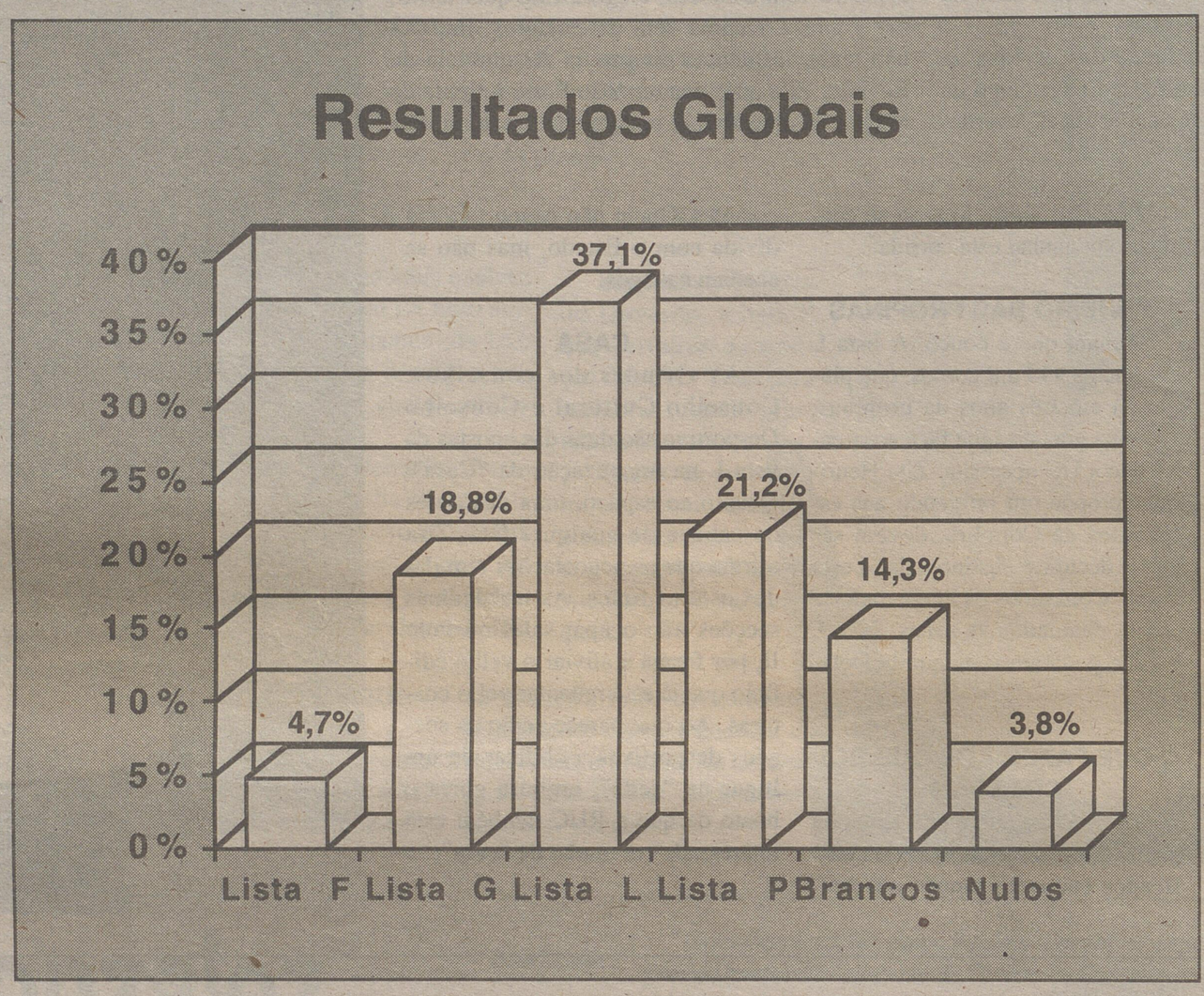
Se ganhassem as eleições a primeira atitude que tomariam seria, muito provavelmente, destruír a A.A.C.. Vendendo, depois, os pedaços resultantes, qual muro de Berlim. Contraditoriamente, teriam o poder representativo necessário para o fazer. Poder esse delegado neles pela maioria dos estudantes através do voto.

Eleições

Zita segura na segunda volta

Cortes e Gonzalez disputam lugar na final

Pela segundo ano consecutivo, "A Cabra" e a RUC decidiram fazer uma sondagem sobre as intenções de voto dos estudantes nas eleições para a DG/AAC. Os resultados não deixam grandes dúvidas que a Lista L, de Zita Henriques, estará presente na segunda volta. Resta saber quem a acompanhará, Carlos Cortes ou Vitor Gonzalez.

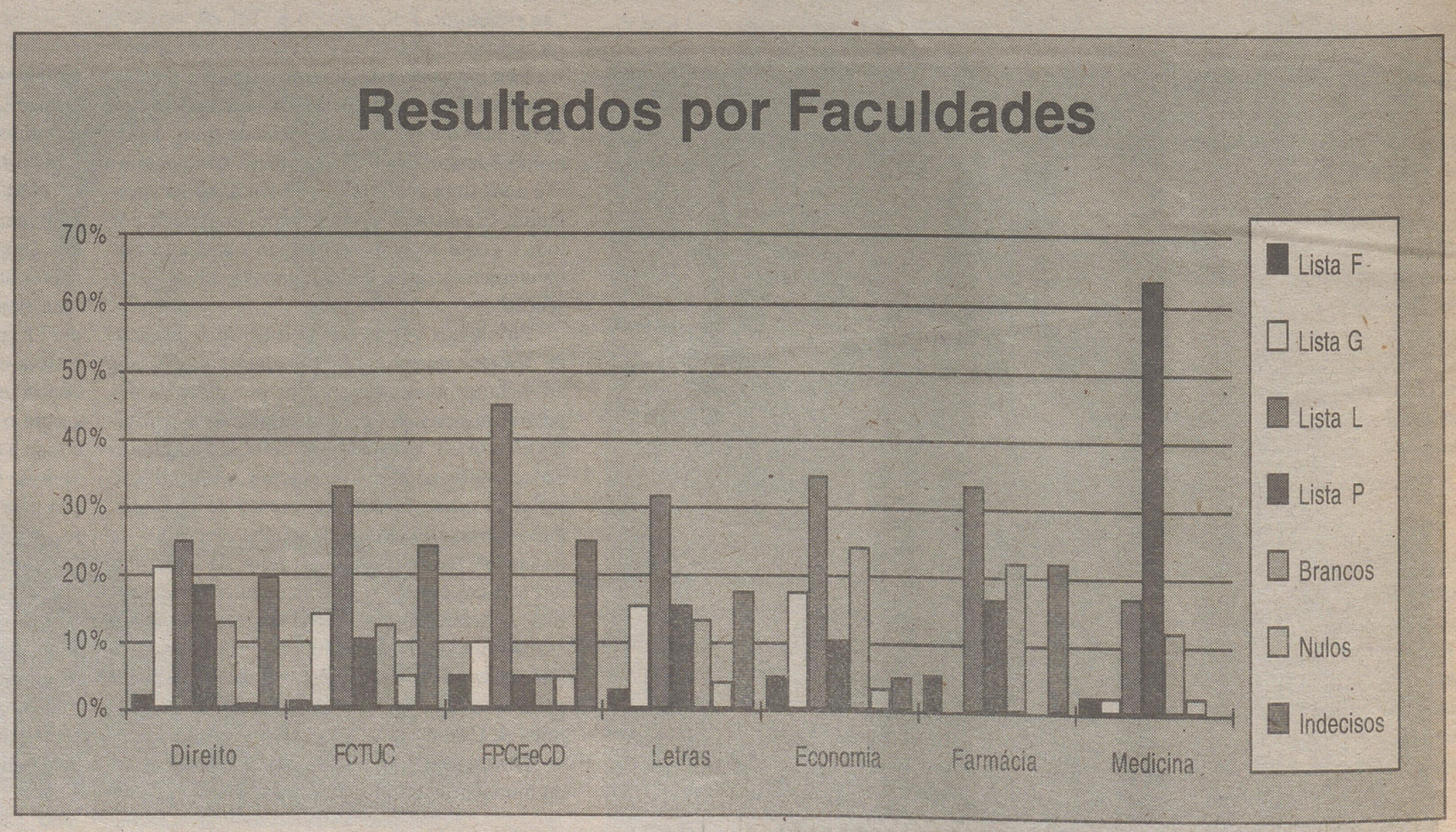


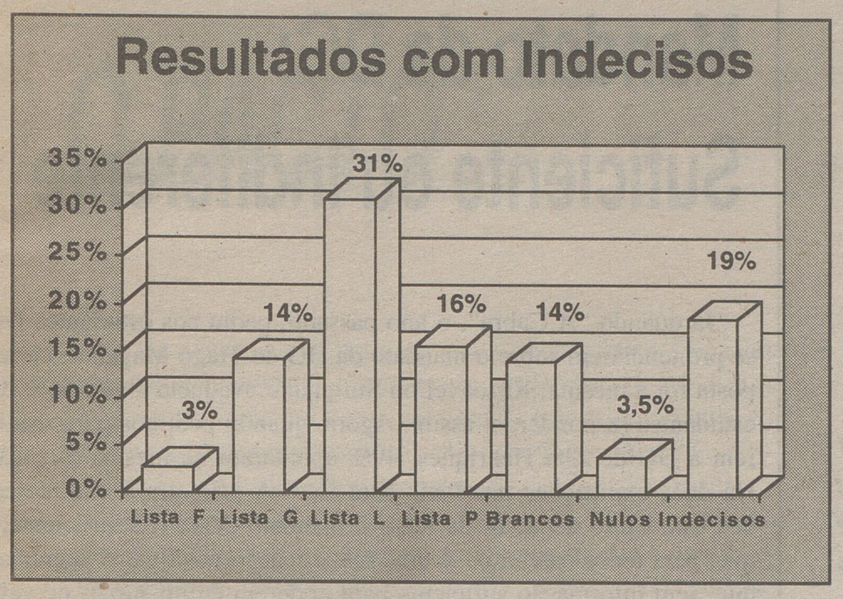
São 16 pontos percentuais, um verdadeiro abismo, que separam a lista de Zita Henriques da sua potencial adversária na segunda volta, a lista P de Carlos Cortes. Uma diferença maior do que a que seria de esperar. E Cortes, mais do que se perocupar em se aproximar de Zita, tem é que olhar para trás e acautelar–se com a lista G, que a uns míseros 2,5% ameaça retirar–lhe o lugar na decisiva segunda mão destas eleições. Em último, a tradicional lista F, com os seus já tradicionais 5%, não é desta que conseguirá "acabar com o sistema". Mais brancos e nulos que o costume demonstram que nesta campanha há muita gente que nenhuma das listas consegue convencer.

Mas os resultados verdadeiramente interessantes desta sondagem são os obtidos antes da distribuição ponderada dos indecisos. É que quem fica em 2º lugar não é a lista P, mas sim aqueles estudantes que dizem pretender ir votar, mas que ainda não se decidiram em quem (19% dos inquiridos). A sondagem foi realizada na Quinta–feira, pelo que se vê o quão decisivos vão ser os dois últimos dias de campanha, hoje e amanhã. Teoricamente, se a lista L conseguisse convencer todos os indecisos poderia ganhar logo à primeira volta. Mas na prática quem deverá estar mais atento a este número serão as listas P e G, já que será nesse campo que se decidirá qual delas acompanhará Zita à segunda volta.

A análise dos resultados por Faculdades leva–nos a uma conclusão interessante: A importância que o conhecer pessoalmente o cabeça–de–lista tem para os eleitores. Cortes, estudante de Medicina, arrasa na sua Faculdade com 63% dos votos. Nas outras faculdades nunca chega aos 20 pontos e só em Farmácia é que está à frente de Gonzalez. Se passar à segunda volta deve–lo–á indubitavelmente aos seus colegas de curso. Votam nele porque o conhecem. Nas outras faculdades não votam nele porque não o conhecem. É uma conclusão legítima.

E para a corroborar está o resultado de Gonzalez na sua Faculdade de Direito, a única onde ultrapassa os 20%. Já Zita é conhecida em toda a Universidade, por ter sido a Presidente da DG durante este ano. Assim, mantém em todas as faculdades um score que ronda sempre os 33%, que, retirados os indecisos, nos leva aos tais 37% finais. As oscilações dependem depois dos membros que tem na sua equipa. Em Psicologia, o apoio de Alcino, presidente do respectivo Núcleo dá–lhe uma mais–valia suficiente para chegar a uns excelentes 45%. Na FCTUC, as afinidades de Zita com a lista I garantem–lhe uma vitória fácil. Em Direito, Rui Mendes e César Marques vão aguentando a fortíssima pressão exercida por Gonzalez de um lado e por os elementos do 4º ano afectos à lista P, do outro. Em Medicina, o não ter Carlos Cortes na sua lista faz com que não consiga mais que uns humildes 17%. É nesta faculdade que se pode ver a importância que uma só pessoa pode ter. O ano passado, a mesma Zita Henriques, com Cortes na sua lista Q, obteve um esmagador resultado de





quase 50%. Este ano, com Cortes noutra lista a ter 63%, espalha–se ao comprido com o seu pior resultado por faculdades.

O que estas sondagens têm de bom para os candidatos é que, com o trabalho a ser todo feito pelos membros da Secção de Jornalismo e da RUC, recebem informações importantes para encaminharem a sua campanha nestes dois últimos dias. Para lhes fazer a vontade cá vão algumas dicas: Indecisos em Medicina e Economia escasseiam, pelo que a fazer campanha nessas faculdades, mais vale fazê–la de uma forma que retire votos às outras listas. Em compensação, nas três maiores faculdades (FCTUC, Letras e Direito) há muita gente à espera que a convençam (respectivamente 24%, 20% e 17% dos que afirmam ir votar), pelo que é de atacar forte nestes últimos dias, pois parece ser aí que o acompanhante da lista L à segunda volta vai ser escolhido. Com menos valor nas contas finais, mas igual número percentual de indecisos estão as faculdades de Psicologia e Farmácia.

Com a nossa reconhecida boa vontade e para ajudar ainda mais as listas, fomos ao ponto de perguntar aos estudantes que temas é que eles queriam ver tratados nesta campanha. Indiferentemente da faculdade onde estudam, há sempre quem queira ouvir a opinião das listas sobre as condições dos estudantes, que vão desde a Acção Social, passando pela qualidade das Cantinas até à afectação do dinheiro das propinas. Outra preocupação constante é a das saídas profissionais. Depois os temas vão dependendo da faculdade onde se estuda. Na FCTUC, o insucesso escolar, juntamente com o problema dos transportes para o pólo II, são o que mais preocupa os estudantes. Desporto, SIDA, Ambiente e qualidade do material informático são outros dos temas escolhidos pelos futuros engenheiros. Em Letras o problema principal parece ser o dos estágios. Em Direito a questão do método de ensino é apontada por mais de dois terços dos estudantes desta faculdade, que lembram também o tema da ligação AAC–faculdades. A variadade de questões abordadas pelos estudantes neste inquérito impede–nos de citar todas, mas aqui vai o leque das mais referidas: Os tachos e a honestidade dos dirigentes associativos preocupam os estudantes. Inesperadamente há bastantes eleitores que se queixam do policiamento em Coimbra. Há que lembrar os tristes acontecimentos violentos que se passaram na semana anterior a este inquérito. Sexo é outro dos temas que os estudantes gostariam de ver ser debatido pelas listas. De resto, há quem se lembre do TAGV, da situação dos PALOPs, da recuperação dos espaços verdes, quer no jardim da AAC, quer no Pátio da Universidade, e há quem proponha a construção de elevadores nas monumentais.

E agora vamos ver se Terça–feira os comunicados das listas referem estes temas. Sobretudo as listas P e G, que só Quinta–feira saberemos qual delas irá à segunda volta.

JLQ

Ficha Técnica

Esta sondagem foi realizada durante as 9 e as 18 horas do dia 14 de Março de 1996 nas Faculdades do Pólo I, Economia e Pólo II, nas cantinas e no edifício da Associação Académica de Coimbra. Foram inquiridas 912 pessoas, aleatoriamente escolhidas entre os sócios da AAC. Os resultados foram depois comparados com dados gentilmente fornecidos pelos Serviços Informáticos da Secretaria Geral da Universidade de Coimbra, com resultados de eleições anteriores e com as previsões obtidas pelo jornal "A Cabra" e Rádio Universidade de Coimbra no ano passado.

Comentário

João L. Queirós

A Campanha e a Sondagem

A sondagem do ano passado foi feita exactamente na mesma altura do que esta. Este ano há o dobro dos indecisos e muito mais brancos e nulos. Sinal que a campanha está morna. Sinal que as listas não convencem.

E, de facto, porque é que haviam de convencer? O ano passado havia uma lista de continuidade das listas independentes que enfrentava um adversário tão forte como era Nuno Freitas, na altura potencial presidente da maior estrutura política juvenil nacional, a JSD. Este ano todos renegam a bandeira dos partidos e todos tentam convencer os estudantes da "abrangência" das suas listas. E mais abrangente que a lista L deve ser difícil ser. Lá estão Zita Henriques e o seu grupo de "independentes", provavelmente de esquerda moderada, lá está a JCP e a esquerda "independente" mais dura, provenientes da antiga lista V, lá está uma parte duma das facções da JSD-Coimbra, lá estão as Gerações Populares. O que junta todas estas pessoas no mesmo projecto? Há duas hipóteses e, sinceramente, não sei qual é a verdadeira: Ou acreditamos que todos eles estão convencidos que defender os estudantes nada tem a haver com ideologias políticas e é o servir a Academia que os junta; ou é a ânsia de poder e a grande probabilidade de vitória da lista L que o faz.

Depois temos Carlos Cortes, militante da JS, mas que não tem o apoio explícito desta estrutura. Cortes garante ter na lista gente de todo o espectro político. Pelo menos a outra parte da tal facção da JSD tem. Já a outra facção da JSD está com Gonzalez, militante dessa estrutura a que não-quer-pedir-mas-pediu-mas-afinal-não-pediu apoio.

Ora costumava-se dizer que as eleições na AAC eram um bom indicador de como estavam as forças partidárias a nível nacional. E, de facto, se compararmos os resultados do ano passado como os resultados das legislativas, não é difícil reparar na simetria: A lista Q, conotada com o PS mais "forças independentes", obteve quase o mesmo resultado que esse partido, a lista de Freitas teve o mesmo que o PSD, a lista V igualou o PCP e só Bento Monteiro ficou aquém dos resultados do partido que o apoiava, o PP. Mas quem é que se atreve a dizer o mesmo este ano, com a confusão que se instalou? Sobretudo no que toca aos sociais-democratas, que este ano conseguem a proeza de estar nas três listas, garantindo ao fim de muito tempo uma vitória desta estrutura na AAC. Note-se que também garante a derrota, pois estará sempre nas duas listas que ficarem para trás... Mas não é o único partido que provoca a confusão. Afinal, quem é que representa o PS e o centro-esquerda? Cortes ou Zita, P ou L? É óbvio que isto torna os estudantes indecisos!

Mas mesmo que eles fossem indiferentes à política partidária e o seu voto dependesse dos projectos que se lhe apresentam, como é que se poderiam decidir?

As ideias da lista L não diferem muito das da lista Q e é, no mínimo, legítimo perguntar como é que Zita pode garantir aos estudantes que fará este ano o que não conseguiu fazer no ano passado. As ideias da lista P também não diferem muito das da lista Q e única grande diferença entre a L e a P é que estes últimos não querem ter Zita Henriques como Presidente, por a acharem demasiado autoritária. Questões pessoais, portanto. Não é argumento para se votar em ninguém.

Quanto a Gonzalez até pode ter ideias diferentes, que mais não seja porque não tem a experiência de ter estado numa DG. Mas não é um candidato forte como era, por exemplo, Nuno Freitas. É pouco conhecido e os estudantes não votam em quem não conhecem.

Pelo que parece ser tudo uma questão de pessoas. Os estudantes votarão na lista onde tiverem mais amigos ou onde acharem que há mais gente competente. Até pode não ser mau, mas que tira algum sumo a estas eleições, tira! É por isso que esta campanha não aquece nem arrefece.

E é também por isso que esta sondagem é menos fiável que a do ano passado. Já então se alertou para os perigos que uma sondagem realizada num universo tão pequeno como este e em que todos se conhecem uns aos outros tem: Todas as sondagens afectam os resultados que tentam prever, já que o eleitor também a terá em conta quando for decidir em quem votar. No caso da AAC, esta sondagem pode afectar ainda mais os resultados do que o normal. Comece-se por esclarecer que, dado o número de entrevistas que "A Cabra" e a RUC fizeram, os resultados obtidos estão muito perto da realidade se as eleições se tivessem realizado na Quinta-feira passada. Como não é assim e os dias de hoje e amanhã vão ser os mais intensos da campanha, e se juntarmos a isso o número de indecisos apurados, vemos que muita coisa pode mudar. Além disso, muitas das pessoas que declaram votar em branco ou nulo, depois não se dão ao trabalho de se deslocarem às urnas, pelo que se pode inflacionar em mais 1 ou 2% cada uma das três principais listas. Quanto à influência da própria sondagem, é possível que alguns votantes L considerem a primeira volta ganha e não vão votar ou votem diferente do que votariam sem esta sondagem. É também muito provável que a P e a G ganhem votos daqueles que de facto preferirem que vá uma ou outra à segunda volta. Sobretudo a P que, tendo resultados piores do que os seus membros esperariam, se aplicará com mais empenho neste final de campanha.

Resumindo, é de apostar numa segunda volta L versus P. Esperemos que essa campanha tenha mais sal do que a que tivemos até hoje.

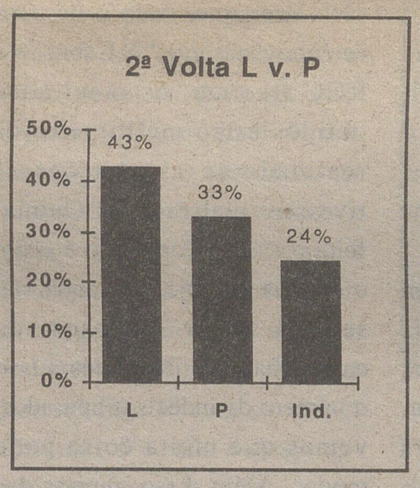
Zita sucede a Zita

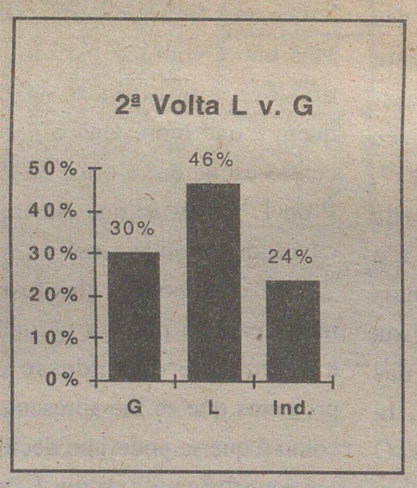
Claro que é importante fazer sondagens acerca dos resultados da primeira volta das eleições. Mas isso não nos diz quem será a equipa escolhida pelos estudantes para liderar a AAC no próximo ano. Por isso, este ano, "A Cabra" e a Ruc decidirem também prever o mais difícil: Quem ganhará a segunda volta? Difícil porque depende de muitas incógnitas: Do resultado da primeira volta, dos apoios explícitos da lista derrotada, de uma semana de campanha, etc. Mas pelo que nos foi dado ver, é quase certo que será Zita Henriques a suceder a Zita Henriques.

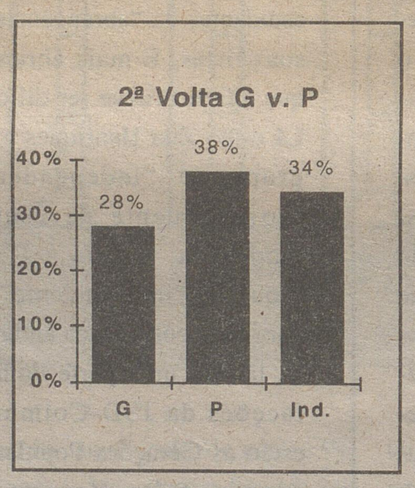
Se a segunda volta for a que é hoje mais provável, isto é, a lista L contra a lista P, a equipa de Zita Henriques poderia contar desde logo com 43% dos votos. Mais dez pontos que Carlos Cortes. No entanto há 24% de eleitores que afirmam não saber em quem votariam num tal cenário. 24 razões para Cortes ter esperança. Diz–se no entanto que Cortes quer ter mais do que simples esperanças e que já terá havido contactos com Gonzalez para que a lista dos dois que fosse preterida na primeira volta apoie a outra na segunda. O tal lema "Tudo menos Zita" de que se fala. Por isso é interessante saber em qual das listas os eleitores da lista G votariam no cenário L v. P. Segundo a sondagem, 41% dos eleitores G preferem a lista P, enquanto 32% se inclinam para a lista L. Restam 27% que ainda terão que pensar melhor em quem votar numa tal hipótese. 27% que provavelmente seguiriam as indicações da lista.

Já Cortes terá mais dificuldade em convencer os seus acólitos a votar Gonzalez. Só 30% dos votantes P na primeira volta escolheriam a lista G numa hipotética segunda volta G v. L e só 25% se declaram indecisos. Os restantes 45% afirmam que votariam em Zita Henriques. Uma ajuda grande para os 46% que a lista L obteria em tal cenário, contra 30% da lista G. 24% dizem–se indecisos.

Finalmente, Cortes ganharia numa quase impossível segunda volta contra a lista G. Os resultados obtidos são de 38% para a P, 28% para G e 34% de indecisos. Grande parte deste número de indecisos deve–se aos 40% de votantes L na primeira volta que não saberiam o que fazer em tal cenário. Dos restantes, 38% escolheria Cortes e 22% Gonzalez.



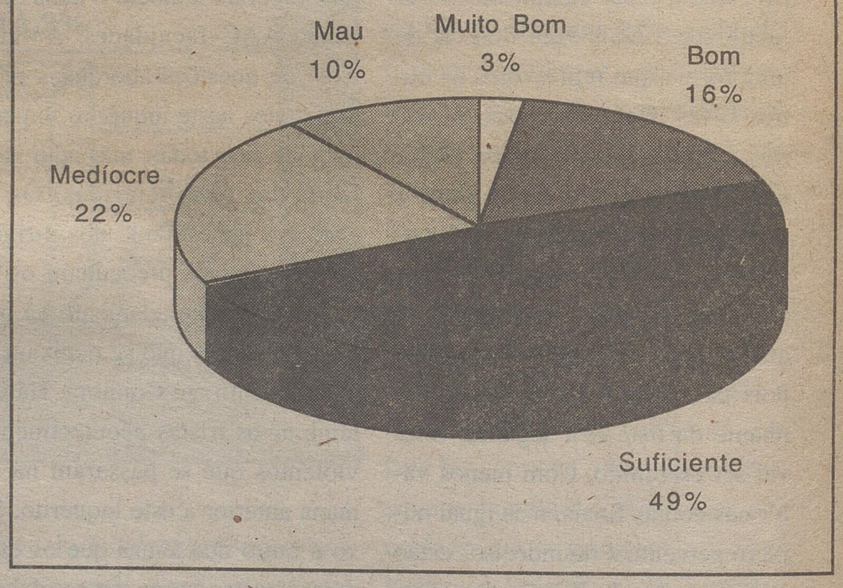




Mandato da DG: Suficiente ou Indiferente

Já quando "A Cabra", o ano passado, pediu aos estudantes para se pronunciarem sobre o mandato da DG de Tiago Magalhães a resposta foi a mesma: Razoável ou Suficiente. Naquela altura 56% dos estudantes responderam assim. Agora, quando pedimos para avaliarem a DG de Zita Henriques, 49% apontaram na mesma direcção. Há duas expicações possíveis para isso: A primeira é que metade dos estudantes acharam de facto o mandato desta DG suficiente, o que, para todos os efeitos, é uma classificação positiva. A segunda é que, sem informação suficiente para poderem emitir juízos de valor sobre a actuação da DG, os inquiridos escolhem naturalmente a resposta mais neutral possível. Esta segunda explicação já tem conotações menos positivas para a equipa de Zita Henriques, pois quererá dizer que esta DG não foi muito vísivel. Agora, cada um que escolha a explicação que mais lhe convier.

O que é realmente interessante nestes dados é observar que, ao contrário do que se diz pelos corredores da AAC, há mais estudantes a classificar esta DG como boa ou muito boa do que os que classificaram assim a DG de Tiago Magalhães (19% contra 13%). Em compensação também há muito mais estudantes a classificá–la comò medíocre ou má (32% contra 22%). Repare–se que não deve ser coincidência este número de 32% ser quase igual à soma dos que já se decidiram a votar a nas listas P, G ou F...



A Secção de Jornalismo tem Inscrições Abertas. Se gostas de escrever, fotografar, varrer, contar histórias ou ouvi-las, aparece. Vem balir connosco.
De Segunda a Sexta das 17h30 às 21h00

Ficha Técnica

Director: João L. Queirós; **Editores**: Ana Drago, André Correia, Carlos Loureiro, Paulo Antunes, Ricardo Rocha Diniz; **Redacção:** Alexandre Cartaxo, António Silva, César Marques, César Páris, Justino Strecht, Magda Cerqueira, Manuel Pereira, Maria Luís Marinho, Nádia Esteves, Nuno Brandão, Olga do Vale, Paulo Barbosa, Rosário Salvado, Susana Flores, Teresa Cunha. **Colaboradores:** Ana Pisco, António Lérias, Carlos Picassinos, Nuno Freitas, Patrick Mendes, Paulo Castelar, Tiago Magalhães. **Fotografia**: Paulo Antunes, João Paulo Bichão. **Grafismo:** Ana Bernardes, Carlos Loureiro, Nuno Curado, Paulo Antunes, Ricardo Matos. **Revisão:** André Correia, João L. Queirós. **Impressão**: Beiras Texto SA **Tiragem**: 2000 exemplares. **Publicidade:** Nádia Esteves. **Administração:** Direcção da Secção de Jornalismo da AAC: **Presidente:** Rui Mendes. **Tesoureiro:** Susana Flores. **Secretário:** Nádia Esteves. **Vogais:** João L. Queirós, Ricardo Rocha Diniz. **Produção:** Secção de Jornalismo da AAC **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra. **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, DG/AAC, Serviços de Acção Social da UC, Secretaria Geral da UC.

Sede: Rua Padre António Viera. **Telefone:** (039)38934. **Fax:** (039) 23505

O PACTO

O candidato Cortes fez uma visita ao candidato Gonzalez. Uma visita de cortesia, é de bom tom esclarecer. Os candidatos conversaram, trocaram ideias, falaram de coisas importantes como convém a quem se propõea ser a face visível da AAC. Agora vêem os resultados deste encontro, na voz das más línguas.

Fala–se de pacto secreto. Acordo secreto. Delinear estratégias caso venha a existir uma segunda volta. É que a lista L, de Zita Henriques, é tida como quase certa numa segunda votação. Há que contar espingardas para lhe fazer frente. Ou seja "unir os pontos" com a "viragem" e conjugar esforços para derrotar com "o que está na tua mão".

Cortes diz que não há pacto nenhum. Gonzalez nega qualquer acordo. Os dois líderes dizem que serão as listas a decidir qualquer apoio futuro. Mas Cortes admite, entre os elementos da sua equipa está instalado o síndrome "tudo–menos–a–Zita". Gonzalez afirma que o plenário da lista G é soberano nessas questões. Mas com tantas críticas lançadas ao desempenho da actual presidente, é pouco provável que venham a oferecer votos à lista L. Feitas as contas, Zita Henriques parece ter ficado sozinha. Mas aconselha–se prudência. Porque o futuro a Deus pertence.

Ana Drago

Apoios

Este ano as coisas parecem complicadas. Quem tenciona votar segundo a orientação do partido, vai ter que pôr a cabecinha a pensar. Todos os candidatos à Presidência da AAC são independentes, abrangentes, correm por amor à Académica, e desde pequeninos que só pensam nos ideais dos estudantes. Como resultado as estruturas das "jotas" ficaram (?) fora da corrida. Mas oferecem apoio a quem os queira.

O esquema é complicado, mas vamos tentar explicar. Na lista L, liderada por Zita Henriques é o exemplo típico da atracção dos opostos. Juntas e ao vivo, a JC–Gerações Populares marcha ao lado de vários militantes da JCP, tudo em nome da tua mão, da nossa mão, populares e comunistas mão na mão à conquista da DG. Para trás ficaram as ideologias, a regionalização, o Orçamento de Estado e outras questões de somenos importância. Pela AAC, vale tudo menos tirar olhos.

Quanto a Carlos Cortes, o rapaz que dá a cara pela lista P, conseguiu erguer em Coimbra o velho sonho do Bloco Central. Cortes conta com o apoio "pessoal" do seu amigo Ricardo Castanheira, deputado na AR pela JS/Coimbra. Dizem as más línguas que foi o amigo Castanheira que pressionou o amigo Cortes a avançar para a corrida. É que o ano passado não foi considerado o timing ideal, Castanheira fez marha atrás e desistiu do sonho de ser Presidente da AAC. Agora surge finalmente o momento para lançar um projecto da área socialista. Ambos negam tal ideia, mas o apoio permanece. Para juntar à ficha de militante de Cortes na Juventude Socialista de Coimbra. Mas a "jota" laranja também dá uma mãozinha ao projecto dos "pontos". Jorge Sampaio, enquanto representante de uma das sensibilidades da JSD deu apoio oficial a Cortes e consta que também emprestou o corpo e o carro ao serviço da causa P. A juntar a esta aguarela rosa e laranja, temos Bento Monteiro, também ele candidato à cadeira da Presidência da AAC o ano passado com o apoio da concelhia das Gerações Populares, agora pretende dar a sua benção aos "pontos". Em nome de "tudo, menos a Zita".

Já Gonzalez parece um pouco mais só. O cabeça–de–lista da G anuncia a independência em letras grandes, mas mantêm o cartão de militante da JSD e não despreza os apoios "pessoais" dos seus colegas do partido.

Feitas as contas, as famílias políticas desta Academia andam um pouco baralhadas. Deve ser o novo ciclo político. Tem destas coisas.

Ana Drago

CAMPANHA

Cabras de Lata

A VíTIMA

Foi recrutado por Zita Henriques para trabalhar nos Forúm Pedagógicos, ainda sob a tutela de Tiago Magalhães. Continuou com Zita na lista Q. Agora Granja está ao lado de Carlos Cortes na lista P.

Comprometeu–se perante as outras AE's a organizar em Coimbra um Encontro Nacional de Estudantes de Humanidades. A "chefe" Zita puxou–lhes as orelhas, porque achava que a AAC não teria capacidades para organizar tal coisa. Deu–lhe uma semana para estudar a questão, no final da qual Granja admitiu que de facto ia ser difícil. Zita designou outra equipa para tratar do caso, mas exigiu–lhe uma carta, preto no branco, a renunciar à tarefa. Granja perguntou quem teria poder legal para o afastar do projecto. A resposta foi curta e grossa. Se ele achasse necessário, Zita convocava os sete efectivos para votação, e já agora aproveitava para decidir a sua expulsão da equipa da DG. Maldades de uma Presidente Zita.

SR. UBIQUIDADE

Quem é que consegue estar no Conselho Directivo da FDUC, ser membro efectivo da lista L, membro da Assembleia de Representantes da FDUC, membro do Senado da UC, membro da Assembleia de Revisão dos Estatutos da AAC, responsável pelo Grupo Pedagógico de Direito e ser Presidente da Secção de Jornalismo? É Rui Mendes, o Senhor Ubiquidade. Diplomata por natureza, comunista de coração e trabalhador por escolha. Quem sabe se não será candidato à Presidência para o ano. E dizem as más linguas que são sempre os mesmos...

OS LOUROS DO LOUREIRO

A JC–Gerações Populares queria-o como candidato. A Zita queria-o na sua equipa. O rapaz estava na Itália e queria férias. Quem o ganhou foi A Cabra, ele voltou e continua a passar noites em branco para fazer sair este velho pasquim. E aceitou o lugar de vice–presidente da Assembleia Magna na lista L. Devem ter sido as italianas.

Zitações

"Identifico–me com algumas coisas (no discurso de Manuel Monteiro)."

"Sou mais de esquerda."

"Isso de ser de esquerda ou de direita depende muito da definição."

Zita Henriques

"Votei no António Guterres, evidentemente, mas tenho a certeza que a Zita Henriques também votou no António."

Carlos Cortes

"Teria sido mais fácil propôr–me como candidato oficial da JSD."

"Estou à espera de um patrocínio de uma empresa amiga."

Vitor Gonzalez

"A Zita entre aspas até é boa pessoa..."

Carlos Cortes

"Não consigo imaginar até hoje como é que será o Carlos Cortes a falar..."

Zita Henriques

"A Zita é uma pessoa com muitas qualidades, mas está muito mal envolvida."

Carlos Cortes

"Acho que às vezes as pessoas não têm a noção das responsabilidades que assumem cada vez que abrem a boca!"

Zita Henriques

"Quando entrei na faculdade já não era propriamente um desconhecido..."

Vitor Gonzalez

"Há muita gente que me conhece..."

Zita Henriques

"Por mais curioso que isso possa parecer, eu gosto de trabalhar..."

Carlos Cortes

"Sempre gostei de ser uma pessoa dinâmica!"

Vitor Gonzalez

"Sou uma pessoa muito mexida!"

Zita Henriques

"Eu disse–lhe: Ó Ricardo, eu vou para a JS. Mas é para trabalhar, não é para ter mais votos!"

Carlos Cortes

"Se calhar, às vezes, eu sou ingénua nestas coisas."

Zita Henriques

"Não sei se ela (Zita Henriques) se arrependeu do mandato que teve."

Vitor Gonzalez

"Eu acho que ainda tenho direito a ter alguns ideais."

Zita Henriques

"A Zita deu–me a volta."

Carlos Cortes

Clube menina não entra

Manuela Bravo, a voz do "Sobe sobe, balão sobe" propôs-se gravar um CD. Até aqui, tudo bem. O pior é que no CD pensa integrar quatro temas do Fado de Coimbra em homenagem a seu pai. O Conselho de Veteranos, é claro, não gostou e tomou uma posição. É claro também que... a mesma de sempre! E ainda ninguém do CV quis ouvir o trabalho que ela está a desenvolver. Nós ouvimos três dos temas polémicos, e um em primeira mão.

Tudo começou quando Manuela Bravo decidiu gravar um álbum diferente, como homenagem a uma série de pessoas que a marcaram. Na linha da frente está com certeza Loubet Bravo, seu pai, cantor da Canção e do Fado de Coimbra. Sendo filha de um cantor de Coimbra, desde cedo aprendeu a amar o Fado. "Tudo isto me fez pensar num trabalho muito especial, não com o objectivo de virar cantora de Coimbra, mas com o objectivo de gravar um álbum de baladas, com uma temática de inspiração coimbrã (...)" Além do mais, para Manuela, está na hora de inovar, porque Coimbra anda há oitenta anos a cantar as mesmas coisas e hoje a realidade é bem diferente da dos tempos de outrora. Vai daí: "(...) lembrei-me de eu própria compor, juntamente com meu irmão, algumas melodias de inspiração Coimbrã com palavras de um poeta que reside em Arganil, o Dr. Carlos Maia Teixeira, com uma obra poética excelente(...)." Um poeta que (note-se!) foi estudante de Coimbra!



Arquivo

António Pinho Brojo

E é assim que surgem os 12 temas inéditos, aos quais se juntam os 4 temas clássicos que faz questão de cantar, até porque foi seu pai quem os gravou em disco.

O projecto recebeu desde logo o apoio do Professor Pinho Brojo, que a conhece desde "menina e moça", já que este era amigo de Loubet Bravo. Propõe-se acompanhá-la com o seu Quarteto de Guitarras. Todos homens de Coimbra. Os ensaios começaram em casa do mestre e tudo corria bem.

É aqui que entra o lobo mau. O Concelho de Veteranos não gostou do facto de o CD integrar os tais quatro temas clássicos e decidiu tomar uma posição. A que já se esperava. Num comunicado duro, vêm os Veteranos da Academia considerar o Fado de Coimbra como um exclusivo da voz masculina. Acusam Manuela Bravo de se estar apenas a aproveitar do Fado em nome do "vil comércio", já que não sendo de Coimbra não poderá compreender o espírito da Academia.

Manuela Bravo respondeu a esta decisão. Em entrevista concedida a "A Cabra" disse ter ficado espantada com todo este barulho, pois foi mal compreendida: " (...) na verdade o que me quer parecer é que as pessoas julgaram, e muito mal, que eu teria a pretensão de virar cantora de Coimbra, o que não é o caso. O que eu quero é gravar boa música(...)". Quanto ao dinheiro, nunca ninguém viveu de cantar Fado de Coimbra. O que lhe interessa é a música como arte, porque dinheiro ganha-se é a cantar "música pimba". O facto de não pertencer à cidade e, por isso, não poder compreendê-la é comentado nos seguintes termos: "Eu penso também que a maioria dos estudantes não é oriunda da cidade de Coimbra. As pessoas vêm estudar para aqui, e a grande maioria delas não é daqui (...)" Tem razão, sim senhora! Aliás, perdoem-me a falta de lógica, mas parece-me que, não fazendo parte da Academia de Coimbra, Manuela Bravo até não tem de acatar decisões de um Conselho de Veteranos que, mesmo assim, diz de si próprio estar aberto "às mudanças, ao diálogo e ao entendimento".

"Eu sei que aqui em Coimbra as coisas não se passarão de uma forma muito justa em relação às mulheres. Julgo que não estamos no século XVI, estamos de facto no limiar do século XXI. Sei que 70% dos estudantes em Coimbra são mulheres, isso constitui uma maioria absoluta(...)". Muito bem! O pior é que não há sistemas perfeitos e a democracia é apenas um sistema!

De Pinho Brojo, também sujeito a críticas, Manuela Bravo diz ser uma grande alma Coimbrã, e que se não a achasse capaz de levar a bom termo este projecto, com certeza que não lhe daria o seu apoio.

Manuela Bravo pensa que se estão a travar lutas académicas que não têm razão nenhuma de ser. "Tenho um fascínio muito grande por Coimbra, amo esta cidade e gostaria de facto que a Academia revesse as suas posições e pensasse seriamente que não pode usar códigos absolutamente caducos."

Mas se ainda não é de Coimbra, Manuela Bravo pensa mesmo sê-lo. Na época do "Sobe sobe, balão sobe" interrompeu os estudos de direito em Lisboa. Pretende retomá-los, agora em Coimbra, no próximo ano lectivo. Não tem medo da Praxe, não se importa mesmo de ser praxada, mas aposta na mudança do código.

Diz estar aberta ao diálogo e ser 100% a favor da tolerância. Solicitou uma reunião com o CV, mas infelizmente o Conselho não quis, em grupo, reunir com ela. Apenas uma pessoa manifestou interesse em falar-lhe, mas uma pessoa só não basta, porque um tema destes é para ser conversado em grupo.

E assim vão estas glórias da Academia! O certo é que, doa a quem doer, (e contra um CV que se arroga o direito de continuar a pensar na mulher-estudante de Coimbra como uma criatura pálida cujo maior papel será o de suspirar à janela enquanto um marmanjo qualquer lhe dedica uma serenata) o CD lá vai sair, para Setembro. Em princípio, sob o título "Intenções". A mudança é lenta, mas faz-se! É caso para dizer: Bravo, Manuela!

Rosário Salvado

"Guerras do mangerico e da mangerona"

A Secção de Fado veio também tomar posição neste caso, mas de uma forma mais original. Para relembrar ao Professor Pinho Brojo o que eles consideram o verdadeiro "espírito de uma serenata", decidiram dedicar uma... à esposa! Fadistas e comunicação social lá foram até casa da homenageada. E...: silêncio, que se vai cantar o Fado! À meia-noite, como não pode deixar de ser! A senhora Pinho Brojo cumpriu, como manda a tradição: acendeu e apagou a luz três vezes no início, e mais três vezes no fim. Bonito!

No comunicado a SF diz que apenas está a defender a Canção e o Fado de Coimbra. Mostram-se dispostos a conhecer o trabalho de Manuela Bravo, e confessam que ainda não foram feitos esforços, de parte a parte, para dialogar.

Reconhecem à cantora e ao Quarteto de Guitarras que a acompanha direito à liberdade de expressão artística e de opinião, mas consideram a atitude deles como "uma afronta à tradição Coimbrã, bem como um aproveitamento nitidamente comercial".

O Núcleo de Canto e Guitarra da TAUC também lá estava, e distribuiu um comunicado próprio. Não consideram o CD como uma tentativa de evolução mas sim como "Excentricidade arrogante, pura libertinagem, apropriação indevida e adulteração do património cultural académico-coimbrão." Quanto às declarações de Carlos Jesus à imprensa (ele próprio um membro da Academia a colaborar com o CD)) vem este grupo dizer que lhe causaram "arrepio e nojo, pelo modo como fazem a apologia da diluição do Fado de Coimbra no submundo do nacional-cançonetismo." Pinho Brojo, para este grupo, tem a "arrogância de quem julga personificar a Tradição" e não tem "a legitimidade de decidir e dispor arbitrariamente dos destinos desta tradição musical". Os campos estavam demarcados!

Já depois da Conferência de Imprensa chegou ao local Manuel Machado. O Presidente da Câmara confessou que estava alí por uma questão de solidariedade, como cidadão e como Presidente da Câmara, contra aquilo que considerou uma "postura excessivamente fora do tempo" e um "equívoco cultural incompatível com a democracia", pois que "a Canção de Coimbra não é propriedade de nenhum homem nem de nenhuma mulher!" E aproveita para lembrar que Amália ajudou a salvar o Fado de Coimbra, há vinte anos, quando ele estava a morrer. E que apesar da polémica que causou (o filme "Capas Negras" foi, na altura, proscrito na nossa cidade), acabou por conseguir alforria do CV para cantar Fado de Coimbra.

Pinho Brojo disse-nos que a SF tem direito a defender aquilo em que acredita até porque o fez com uma "irreverência elegante". Muito ao contrário de um incidente macabro de que foi vítima na noite de 13 para 14 de Março: alguma mente com um amplo espaço para a imaginação, pôs-lhe à porta um saco que continha uma cabeça de cabrito decepada, uma faca, e as fotografias dele próprio, de Manuela Bravo e de Carlos Jesus cortadas com uma tesoura. Um acto que Pinho Brojo classifica como uma "ameaça de muito mau gosto" e de "terrorismo barato" até porque só lhe ofereceram a cabeça e não o cabrito inteiro!

A SF já veio a público negar o seu envolvimento neste caso. O CV ainda não o fez. Pinho Brojo diz estar disposto a conversar, mas para já só com a SF. Com o CV não dialoga enquanto este não se demarcar publicamente do acto. Afirma que não tem a intenção de ver mulheres cantarem serenatas debaixo das janelas de outras mulheres, mas que os tempos evoluem e não podemos estar com fundamentalismos, até porque hoje poucas serenatas se fazem para além das que se cantam na Sé. São questões que, para o Professor, não passam de "guerras de mangerico e mangerona". "Os estudantes não podem agarrar-se exclusivamente aos Fados do passado!"

Quanto ao CD, que se desenganem os mais conservadores: "Eu não desisto do projecto, está garantido!" Agora, embrulhem se quiserem!

RS

Organização do Festuna gera polémica

As Fitas Da Queima

Ninguém se entende. Há mesmo quem fale numa "Queima paralela"! Em causa está a eventual atribuição da organização do festival de tunas (FESTUNA) à FANFARRA. Esta decisão da Comissão Central da Queima das Fitas (CCQF) tem sido alvo de fortes ataques e está na base de acesa polémica. Entretanto, a Secção de Fado já exigiu a demissão do Comissário da Queima da área da cultura.



Arquivo

Habitualmente, o FESTUNA, como evento da propriedade da Secção de Fado, era realizado por essa Secção, embora contasse, por diversas vezes, com a colaboração da FANFARRA (como faz questão de salientar o Presidente daquela Secção). Este ano, porém, as coisas passaram–se de outra forma.

Em 6 de Novembro passado, foi solicitado ao Conselho Cultural da AAC a apresentação de um projecto conjunto da Queima das Fitas, incluindo os respectivos orçamentos. No entanto, como os Comissários ainda não tinham sido eleitos, esse prazo viria a ser protelado. Até aqui, tudo bem.

Os problemas começam depois, num Conselho Cultural para a elaboração do projecto da Queima. A FANFARRA teria sido convidada, mas não compareceu. Aqui, as versões divergem. Os responsáveis da FANFARRA afirmam que não foram notificados dessa reunião. A Presidente da Direcção–Geral da AAC afirma, por seu turno, que a FANFARRA fora informada desse Conselho Cultural por carta, embora não registada (pelo que não existe garantia, por parte da AAC, de que a FANFARRA recebeu ou não a dita carta). Mais ainda, Zita Henriques afirma que "Marco Pina, o Comissário do Pelouro da Cultura, contactou a FANFARRA e deveria ter endereçado o convite nessa ocasião" . Por outro lado, a Presidente da AAC alega que, "se a FANFARRA quisesse apresentar um projecto, deveria fazê–lo através do Conselho Cultural" .

Seja como for, o Conselho Cultural realizou–se, sem a participação da FANFARRA, e foi apresentado um projecto global da Queima das Fitas'96, incluindo o FESTUNA. Essa proposta da Secção de Fado incluia 19 tunas, com 25 elementos cada, diplomas de participação, cartões de participante, pagamento aos funcionários dos Serviços de Acção Social, despesas com publicidade, autocolantes e pin's, além das despesas de alojamento e alimentação. A Secção de Fado solicitava ainda a cedência de seis telemóveis, tal como aconteceu no ano anterior ("com chamadas pagas", acrescenta Nuno Guerra"). Um orçamento "completo e previsional para os objectivos pretendidos" - nas palavras de João Gouveia, Presidente da Secção de Fado - "podendo o seu valor ser posteriormente muito reduzido em relação à verba inicial (podem faltar tunas, não vêm todos os elementos das tunas, etc.) " . Mesmo assim, tratava–se de um orçamento demasiado alto, pelo menos para a CCQF. Enquanto isso, a FANFARRA apresentava um orçamento cerca de 2000 contos mais baixo, embora o seu projecto prevesse apenas 15 tunas. Além disso, e segundo Zita Heniques, esse projecto "não apresentava estimativa de receitas" .

Ponderando um e outro projecto, a CCQF viria a optar pelo da FANFARRA. Como orgão máximo de organização da Queima das Fitas, compete à CCQF a distribuição dos vários eventos da Queima pelas diferentes Secções e Organismos. Como este ano não houve acordo entre a CCQF e a Secção de Fado, a organização daquele festival será agora da responsabilidade da FANFARRA. O festival de tunas verá o seu nome mudado para FITAS (Festival Internacional de Tunas Académicas) , visto que "FESTUNA" é um nome registado pela Secção de Fado. De resto, será uma iniciativa do mesmo género...só que organizada pela FANFARRA.

Na base desta decisão terá estado a apresentação de um orçamento "muito mais barato" por parte desta entidade. Além disso, a CCQF considera o projecto da FANFARRA "mais viável" . Nuno Guerra, Presidente da CCQF, afirma ter reunido por diversas vezes com a Secção de Fado, não se tendo chegado a um consenso. Como tal, "ao abrigo do disposto no Regulamento da Queima, deixa de haver preferência pelas Secções da Casa e a CCQF pode atribuir a organização das actividades da Queima a outras entidades" .

Foi o que fez a CCQF, tendo sido fortemente criticada por isso. Desde logo, pela Secção de Fado, que vê uma sua actividade ser organizada por uma entidade que antes apenas colaborava na sua realização (a convite da Secção) . Porém, a Secção de Fado não é a única a criticar a CCQF. No decurso de um Conselho Cultural, alargado a Grupos Académicos, foi aprovada uma moção de desagrado pelo facto de "o Comissário da Cultura ter incentivado a apresentação de um projecto concorrente ao do Conselho Cultural, ainda por cima em relação a uma organização que faltou àquele Conselho" .

O Presidente da Secção de Fado considera lamentável que o Festival de Tunas passe a ser organizado pela FANFARRA, com base em "critérios meramente economicistas" . João Gouveia lamenta também o facto de a FANFARRA, "sempre tão ajudada pela Secção de Fado, tendo mesmo colaborado na organização dos anteriores FESTUNA's, apresentar agora um projecto concorrente ao da Secção de Fado" .

Numa reunião entre a Secção de Fado, a FANFARRA e a CCQF, datada de 29 de Janeiro, foi proposta a compatibilização dos dois projectos. Sem sucesso... Nessa reunião, em vez de se alcançar o consenso, foi apresentado o parecer de desagrado relativamente à atitude do Comissário Marco Pina, que se terá "esquivado de uma explanação séria e rigorosa, tendo tomado atitudes rudes e indignas para o cargo que desempenha" , de acordo com uma circular da Secção de Fado. Entretanto, a CCQF enviava um ofício à Secção de Fado no qual informava que "as entidades envolvidas foram tratadas com imparcialidade, não existindo outras razões senão as estritamente profissionais no que diz respeito à posição tomada" .

Em 9 de Fevereiro foi aprovada, no decurso de um plenário da Secção de Fado, uma proposta de profundo desagrado pela "atitude pouco clara e a todos os níveis reprovável da CCQF, na pessoa do Comissário do Pelouro da Cultura" . No mesmo plenário, foi aprovada a proposta de realização do VI FESTUNA e todas as restantes organizações da Secção no âmbito da Queima das Fitas, ou seja, o Sarau, a Serenata Monumental e o Encontro Nacional de Etnografia e Folclore. Os responsáveis da Secção de Fado salientam que "não se trata de actividades paralelas, mas complementares". O certo é que a Queima deste ano poderá ter dois festivais de tunas. Mesmo quanto ao Sarau e à Serenata Monumental mantêm–se as dúvidas. Ainda no plenário de 9 de Fevereiro seria formalizado o pedido de demissão do Comissário do Pelouro da Cultura, por ter preterido uma Secção da AAC, alegadamente com violação do Regulamento da Queima. É que o art.43º nº3 desse Regulamento estabelece a prevalência pelas Secções da Casa. Em resposta, a CCQF baseia–se no nº4 do referido artigo para legitimar a sua atitude - no caso de não haver acordo quanto à organização de uma actividde, a CCQF pode atribuir essa organização a outra entidade (neste caso, a FANFARRA) . Para a CCQF, mesmo o nº3 do art.43º não excluirá a atribuição do festival de tunas à FANFARRA, pois fala de organismos académicos e aquela Comissão considera a FANFARRA uma entidade desse género. Em relação a esta expressão, João Gouveia interpreta que "com organismos académicos, o legislador do Regulamento quer estabelecer a preferência em relação às Secções da AAC" .

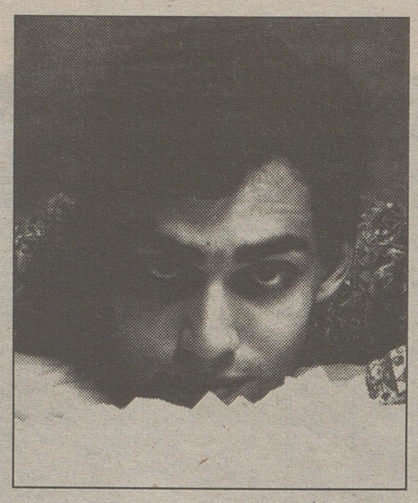
Para já, o futuro permanece uma incógnita, mas as coisas ficarão certamente mais claras depois da reunião da Comissão Fiscalizadora da Queima das Fitas, que tem também uma palavra a dizer quanto ao financiamento concedido pela Comissão Organizadora. Basicamente, a Fiscalizadora pode ainda "chumbar" o financiamento do FITAS (se bem que não possa vincular a CCQF a atribuir o festival a quem quer que seja).

A Presidente da AAC julga que os problemas serão sanados, pelo menos em relação ao Sarau e à Serenata. Uma solução óptima passaria por cedências de parte a parte, incluindo a CCQF. Quanto ao problema essencial, o do FESTUNA, deveria ser co–organizado pela Secção de Fado e pela FANFARRA. Zita Henriques frisa ainda que "toda esta questão foi demasiado empolada pelos orgãos de informação" e também que "há questões relacionadas com a Queima, porventura mais relevantes, como a transparência, que infelizmente não suscitam tanta discussão".

A Queima, que ainda vem longe, já dava uma fita...

Justino L. Strecht

Da DG e outros demónios



Tiago Magalhães

O mandato da próxima D.G. vai ser muito importante. Há um ano era preciso estar contra uma política educativa desastrosa, manter uma pressão constante para que a sociedade portuguesa e o poder político que sucedesse aos governos de Cavaco desse um outro rumo à educação. Agora é preciso negociar.

Não tenho dúvidas que este ministro da Educação vai pedir propostas, que incorporará nas decisões finais. As nossas propostas têm de ser pensadas, sérias, correctas. E negociar implica provavelmente que não estaremos totalmente de acordo com o resultado final. (Nomeadamente quanto às propinas...)

A próxima Direcção Geral tem de insistir na Acção Social Escolar (bolsas, residências, empréstimos), na Avaliação das Universidades, no Financiamento. Impedir que a limitada questão das propinas impeça a discussão de um melhor ensino superior.

Para além destes pontos fundamentais, e como em todos os mandatos, a próxima D.G. terá muito outro trabalho: intervenção pedagógica, continuação da reestruturação das secções, promoção e divulgação da cultura e do desporto, questões financeiro–administrativas.

A intervenção da AAC no nível pedagógico é muito difícil. Na D.G. não há representação institucional dos cursos e numa estrutura tão pesada, a intervenção "a priori" é muito difícil. Pelo contrário, a intervenção "a posteriori" pode ser muito mais eficaz. Muitas vezes no entanto, os problemas não chegam à D.G. (E aqui, para além da inércia intrínseca à estrutura da D.G., há muita culpa por parte de cada um de nós, que não protestamos, não reclamamos. Limitamo–nos a dizer: "A AAC não faz nada". Mas também nunca vamos ao terceiro piso do edifício da AAC...)

A D.G. circunstancialmente pode conseguir ter uma intervenção pedagógica forte e foi esse o caso da última D.G., mas o problema só se resolve efectivamente quando se conjugar a intervenção "a priori", com a intervenção "a posteriori". E isso não passa pela D.G., mas sim pela revisão dos estatutos, pela institucionalização dos núcleos de Faculdade.

Espero que a campanha corra bem, que as ideias de cada lista sejam apresentadas pela positiva e que o jogo baixo, (caluniazinha pessoal), não seja usado. Há alguns sinais disso, espero que se esfumem.

Uma questão sempre é a partidarização. Não considero que quem tem uma participação activa na política partidária se deva abstrair de participar na D.G. Estranho seria que o fizesse. Grave é que seja a estrutura, que mais ou menos abertamente, telefone para os seus militantes, arranje umas fotocópias aqui ou acolá para a campanha, indique que naquele curso, onde por acaso não se conhece ninguém até há um militante que...

É que esta lógica vem inevitavelmente acompanhada da pressão discreta, mas eficaz, no momento certo: para uma lei do Governo, para melhores relações com esta ou aquela instituição.

Os partidos necessitam de apresentar "jovens", como factor de dinâmica, e de penetração na sociedade. O apoio de figuras prestigiadas e de qualidade como João Paulo Saraiva, António Vigário, ou João Afonso foi importante para o P.S. E muito mais importante, porque eles não eram militantes do P.S.

Mas já não o foi tanto para a J.S., que não tendo nomes e caras, se sentiu ameaçada na sua influência. Daí que tenha feito com maior ou menor discrição (frequentemente com nenhuma...) o que lhe foi possível para evitar uma participação activa destas pessoas.

Esta necessidade de "caras conhecidas" e também o facto de a AAC ser uma tremenda escola de Política, leva a que a apetência das juventudes pela AAC seja sistemática. Há alturas em que essa vontade não pode ser concretizada, porque não há possibilidades. Mas quando a oportunidade existe, lá estão elas. Ontem a J.S.D., hoje a J.S.

É relevante saber quais as movimentações partidárias. Mas o que também é verdade, é que nos últimos 4 anos as juventudes partidárias não ganharam e no entanto, só elas parecem importantes para a imprensa.

Parece ser mais importante saber das juventudes partidárias, do que quais as tendências de grupos, como as listas das Faculdades, bem mais importantes. Neste caso, há uma distorsão da realidade: um leitor/ouvinte fica com a sensação de que tudo se joga no campo partidário e seguramente não conseguirá compreender como é que as juventudes partidárias não ganham sempre!

Este fenómeno torna–se incompreensível quando são os orgãos de comunicação da casa (RUC e Cabra) a não conseguirem ultrapassar esta distorsão que resulta de ser mais fácil etiquetar, que explicar realidades complexas.

A RUC no ano passado, na emissão das eleições deu voz excessivíssima a líderes das juventudes e não entrevistou os eleitos Presidente do Conselho Fiscal, coordenador do Desporto, da cultura. (Feito este reparo, é preciso dizer que as reportagens da RUC na noite das eleições são imperdíveis.)

Ainda nestes últimos tempos aprovou–se o Orçamento. Se este ano, em que o Governo tem quatro meses de vida foi assim, imagine–se para os próximos anos. Não percebi principalmente o primeiro ministro, que não poderá dramatizar muito mais nos outros Orçamentos (e presumivelmente ainda faltam três)

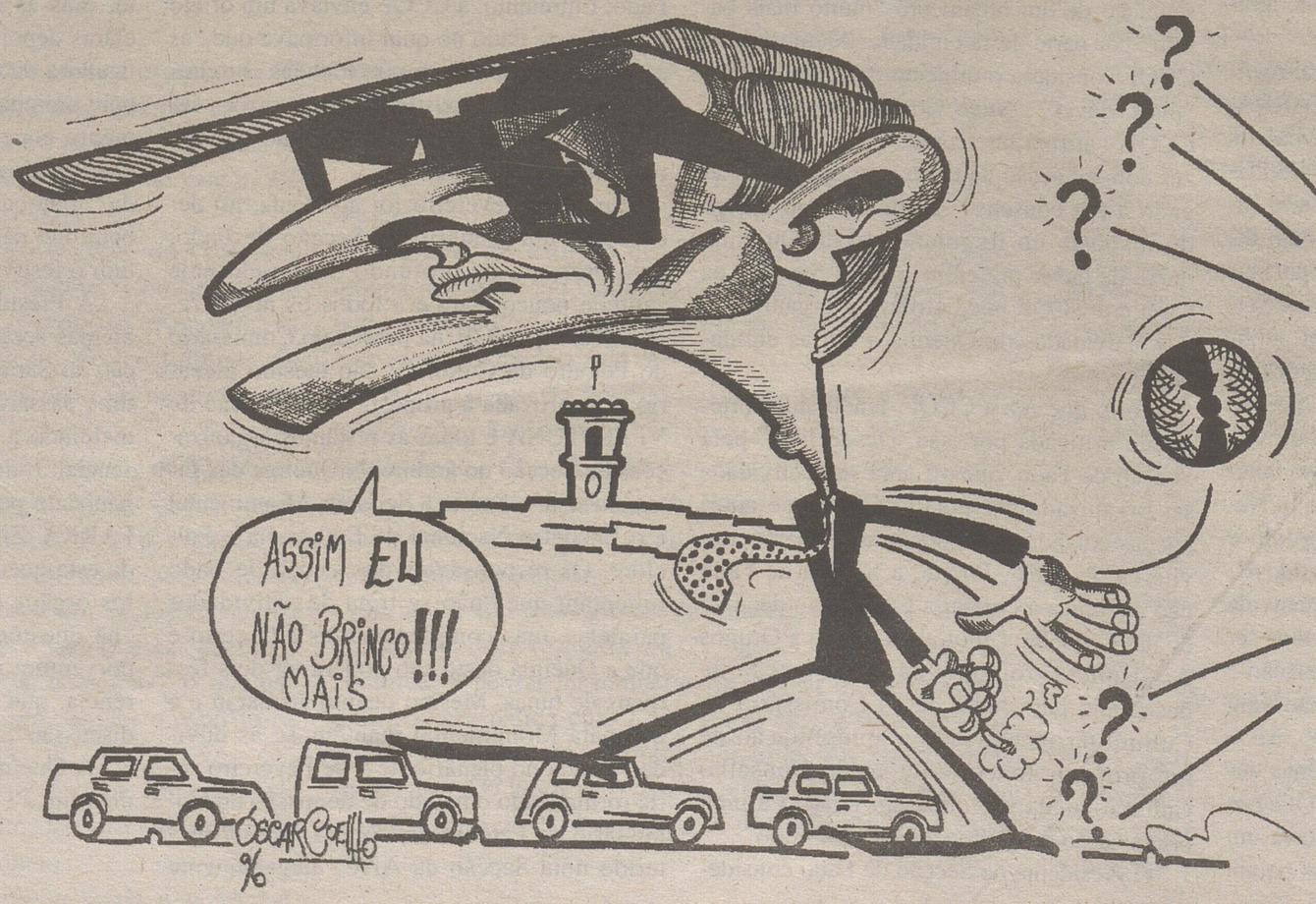
Congresso do PP em Coimbra:

"**Quero** comunicar a **minha** lista, feita por **mim**, para a direcção do partido. E **quero** dizer que esta é a direcção que **eu proponho**, que **eu quero** e **sinto** que é a melhor"

"(...) **não posso** aceitar que o melindre e a pequena vaidade continuem a **perturbar–me** a cabeça em vez de **estar preocupado** com o país"

Excertos de intervenções de Manuel Monteiro.

Sou apoiante da lista L. Considero importante que quem lê o saiba, uma vez que neste artigo falo das eleições para os orgãos directivos da AAC.



Num minuto de silêncio



Nuno Freitas

Rápidos correm os dias, os anos. Não deixes. Nem isso é verdade. Vive intensamente cada dia, cada hora, repara no seu escoar e verás como são lentos. É por isso que quando guardamos um "minuto de silêncio" pela morte de alguém, aquilo nunca mais acaba...

Vergílio Ferreira

1. Morreu um amante de Coimbra. E basta. O resto é lê–lo. Já é tanto aprisionarmos esse nada daquela grandeza à mesma cidade, à mesma universidade e à mesma academia de todos nós. Que escrevia a ouvir baladas de Coimbra, escreveu–nos. E nós, num silêncio orgulhoso, relemos o *"em nome da terra"*, o *"para sempre"* ou o *"pensar"* e ficamos a saber cá por dentro que guardaremos este minuto pela morte de Vergílio Ferreira, *"honoris causa"* de Coimbra, até que se guarde o nosso.

Porque mesmo que abomines literatura ou que te seja indiferente a grandeza alheia, serás já mais por ser amante de Coimbra um dos maiores escritores portugueses do século XX. Lê e verás.

2. Num minuto de silêncio cabem os porquês e para quês da vida e da morte. *"Lamentares a sorte dos que morreram é uma forma oblíquia e subtil de te julgares imortal"*.Um arrepio gelado traz–me ofendido pela amnistia de quem é responsável por crimes de sangue. Em pleno período democrático uns mentecaptos matam em nome de um regime totalitário. Inocentes civis mortos. *"Se és um facínora e desejas perder esse nome infamante, insere–te numa ideologia violenta e praticante para te dar cobertura com o seu nome de justiça"*. Em pleno período democrático o Estado (ia a dizer de direito) dá de barato a vida humana em nome de coisa nenhuma. Nesta injustiça e nesta indignidade gerei um grito surdo de revolta. *"Num quarto escuro não se pode ver nada. Não o digas. Sê humilde e responsável. Num quarto escuro podes ver a escuridão"*. Nunca amnistiarei Otelo e as FP-25. Tal como nunca amnistiarei Suharto.

3. Dou por mim a pensar como é difícil furar o microcosmos da rotina. Quem sai a perder somos nós, e a Académica, que também somos nós. Porque no círculos concêntricos dos interesses que estabelecemos à nossa volta fechamo–los ao cómodo e ao comodamente possível. *"Ser livre é bom. Mas não ter chatices é melhor. E a liberdade tem imensas"*. Chatice é a rotina. Que se lixe a rotina. *"Não te queixes muito da rotina. Ela é o sucedâneo, mais à mão, da eternidade"*. Pois. Mas a eternidade já me bastará para depois. Que se lixe a rotina. Faltam panfletos e manifestos, e quem acredite neles, polémicas, abaixo–assinados e boas–acções e más–acções e tudo o mais que nos despertasse. Faltam pulsações por minuto. Mesmo num minuto de silêncio.

Na Queima das Fitas há cada vez menos estudantes que vão com as crianças da Casa de Infância Elíseo de Moura vender a pasta. As Noites do Parque podem ir dar a um Queimódromo do outro lado do rio. Os Saraus culturais da Latada e da Queima nunca mais serão feitos no Teatro Académico de Gil Vicente. O Senado da Universidade afinal decidiu utilizar o dinheiro das propinas. A Olga Roriz vem a Coimbra e ninguém sabe. Há uns seminários sobre os desafios da globalização. Não sei quais são as disciplinas e cursos livres da Faculdade de Letras. Ninguém quer saber quem são os 10 professores que mais chumbam estudantes na universidade de coimbra. Está em cena o subterrâneo de Dostoievsky. E o mais. E o que é que têm a ver as crianças da Elíseo de Moura com as propinas e o encontro de coros universitários? Tudo. São só algumas das oportunidades perdidas de dizer não à rotina que cala e consente. De rasgar as amarras anestesiantes do que é na procura do que pode ser. De confirmar que existe um mundo para lá da televisão e da sebenta. A vida é para ser vivida, não para ser consumida. Digo eu.

"Todos sabemos que somos mortais. Mas só de vez em quando alguém invísivel nos toca inesperadamente no ombro e então vemos a certeza da morte". E queremos mais da vida. Queremos ?

4. Avisa–se que andam por aí à solta professores e estudantes de boa vontade. A propósito daquela imagem algo aristotélico–ptolomaica dos círculos concêntricos do comodismo louvem–se os Copérnicos e Galileus da actualidade. Boaventura de Sousa Santos, por exemplo. Os estudantes e não estudantes das secções e organismos da AAC. Abílio Hernandez. Mais uma mão cheia de professores e assistentes. Poucos, não é? *"O que o moralista mais odeia nos pecados dos outros é a suspeita acusação de cobardia por não ter a coragem de os cometer"*. Avisa–se. São potencialmente perigosos para a rotineira ordem pública.

5. Mas só fui convidado para escrever sobre política. *"A tragédia só existe em face do que a nega. Em face de quê o jovem de hoje há–de entender a tragédia de hoje ?"*. Política local, nacional, mundial e cósmica. Começo pela cósmica. Jorge Sampaio tomou posse como Presidente da República. E agora pronto. Já não posso dizer que ele me lembra o ajudante do cientista dos Marretas. Aliás, do modo que isto anda, admira–me que ainda não lhe tenham pedido para pintar o cabelo. Compreensivelmente os boys não vêem com bons eyes que o topo do Estado seja alaranjado. Espero que o George Lacão ataque à maneira por esta autêntica resistência genética. E que o Carlos Coelho nem pense em abandonar a discussão.

Vou à mundial. Nada de novo. *"O mundo está fechado para obras"*. Pois está. Os terroristas aproveitaram as eleições no sindicato dos polícias do mundo para dar um ar da sua desgraça. A China também aproveitou a distracção para mostrar as garras a Taiwan. Pois claro. Então que é isso de eleições livres e democráticas aqui ao pé da porta ? Nos EUA decorrem as primárias para se apurar o candidato republicano. Buchanan quer arame farpado nas fronteiras dos Estados Unidos. Por causa do emprego e dos salários. Agitou espantalhos e medos quanto baste para ganhar destaque em vários Estados. Esqueceu–se, contudo, que autóctones só os índios. O resto, incluindo ele próprio, são imigrantes. Tenho simpatia pelo Forbes. É o candidato outsider, que gasta o seu próprio dinheiro na campanha. Milhões de dólares, mas o homem também é milionário para alguma coisa. Centra as suas ideias num novo esquema fiscal que beneficia a classe média. E o beneficia a ele, dizem os seus detractores. Em todo o caso, o indigitado como candidato republicano deve ser o favorito desde a 1ª hora - Bob Dole. Mas quem é o Bob ? *"O político sabedor do seu ofício nunca habita uma verdade inteira mas só uma dependência dela ou um pavilhão. O mais tem–no sempre disponível para o ir habitando consoante as necessidades e poder ir dizendo, quando muda de dependência, «nós sempre afirmámos que»"*. Mas qualquer que seja a dupla republicana creio que Bill Clinton e Al Gore vão ganhar as eleições americanas de 96. No meu tarot político, Clinton está em grande forma. Fortuitamente vi em directo o seu discurso recente sobre o estado da Nação. Uma das mais brilhantes peças retóricas políticas a que alguma vez pude assistir. Em Espanha ganhou a direita. À rasca, para desespero das sondagens e gáudio dos sondados. E chega de mundialices.

6. No minuto que vai decorrendo pensei que metade do mundo fica sempre de fora do nosso círculo civilizacional de relação ou de análise. A vantagem comparativa dos países sub–desenvolvidos é serem sub–desenvolvidos, ouvi há dias alguém dizer. E de facto. O dinheiro da campanha amerciana, dos mísseis da China e das bombas do IRA e do Hamas impediam muita mortalidade infantil nalguns países de África, por exemplo. Mas aqui é já o terreno movediço da utopia, da ingenuidade ou da idiotia. *"O contrário do pessimismo raramente é o optimismo. O contrário do pessimismo, se não é a boa intenção de injectar força nos fracos, o que é bonito e faz bem, é quase sempre a idiotia"*. Mais perto de nós, a Casa do Gaiato fez anos há dias. Mesmo perto de nós.

7. Falta a política nacional e local. Até melhor ocasião deixo os temas grandes do orçamento de estado e da revisão constitucional para a intelectualidade política lisboeta. Não o digo com arrogância ou sobranceria. Talvez algum despudor. Há um ritmo próprio e uma lógica própria na política feita em Lisboa, do Terreiro do Paço à Assembleia da República. Tenho para mim que é saudável manter propositadamente uma distância espacial e temporal na abordagem da actualidade política que daí imana. *"Toda a verdade tem uma zona de sombra que jamais poderás conhecer. Porque se conhecesses uma verdade toda, deixarias de acreditar nela. Acreditar é não saber. Por isso a política ou o amor continuam"*.

O PP teve Congresso em Coimbra. A dúvida agora é Lobo Xavier ou Paulo Portas. Por mim, há muito que torço pelo António Lobo Xavier. É inteligente, é competente e é de Coimbra. Compreendo que o Paulo Portas dê jeito à sigla. Mas o xis do Xavier também induz cruzes nos boletins de voto. No PSD continua a mãe de todos os tabús. Pelos últimos tempos, 6 valores só para poder ir à oral lá para o final de Março. O PCP fez 64 anos mais IVA. 75 anos sem corantes mas com conservantes. *"Agora que o comunismo acabou, valerá a pena olhar o rasto das suas ruínas ?"."Vi o fim do fascismo. Foi bom. Vejo o fim do comunismo. É bom. E vi durante toda a vida como um e outro foram úteis para o ódio se cumprir"."O comunismo distingue–se fundamentalmente do fascismo porque foi o primeiro"*.

8. Na Associação Académica de Lisboa também vai haver eleições. O anterior presidente, Abílio Martins, está de saída. Teve vida difícil porque foi acusado de ter simpatia pelos laranjas. Com paciência de formiga, respondeu com dedicação e trabalho. Aqui há dias inaugurou o Espaço Ágora, mesmo em frente ao Tejo. E a Associação não ficou endividada, antes com lucros para prosseguir. Discreto na despedida, tem agora o reconhecimento dos estudantes da sua Academia e louvores da esquerda à direita. É bom saber que o mérito vence de vez em quando. Independentemente da cor política. *"Ama–se a vitória difícil, porque a derrota lhe preenchia quase todo o espaço possível. E foi com o que restava que se venceu em todo ele"*.

9. A AAC está a votos. Parece que, desde logo, já ganhou a lista dos que não votam. Não gosto de vencedores antecipados. E tu ? A Casa da Madeira está renovada. Foi reinaugurada pelo rei Alberto João. Claro que estão de parabéns todos os que nela têm trabalhado e acreditado. O centro universitário Manuel da Nóbrega organiza um encontro sobre poder e fragilidade. Está para breve a Casa de Angola. Há esperança.

10. *"A convicção de grandeza dos grandes é um orgulho virado para dentro. A dos pequenos é a petulância virada para fora. Porque a dos primeiros não precisa de se mostrar. E a dos pequenos, se eles a não exibirem, quem é que vai dar conta?"*. Um minuto de silêncio. Para sempre.

Coimbra, 11 de Março de 1996

* Todas as citações incluídas no texto são da autoria de Vergílio Ferreira.



Don't think pink

Carlos Picassinos

1. Cruciais, demasiado cruciais, as eleições para a direcção da Associação Académica que se realizam na próxima quarta e quinta–feira. Decisivas, mesmo.

A vitória dos socialistas em Outubro passado deveu–se em boa parte ao voto do eleitorado dessa abstracção chamada "jovens". Os jovens que deram a vitória ao PS foram os mesmos que contestaram o anterior governo. Foram os mesmos "Vigários" que ao longo dos anos mostraram, nas manifestações, as bochechas do rabo ao ministro e construiram nas associações um discurso contestatário, eficaz e mobilizador. O vício era o sistema, o alvo era a estrutura. Por arrasto, os socialistas ainda na oposição adoptaram o discurso e hoje a educação é a proclamada paixão de António Guterres.

A Associação Académica de Coimbra obteve desta forma a sua vitória. Uma meia vitória. É que as regras exigidas ainda não foram clarificadas. As leis de propinas ainda não foram revogadas, a lei de acção social escolar ainda vigora, os relatórios gerais da avaliação das universidades ainda não são conhecidos. Em suma tudo está por definir.

As leis de propinas ainda não foram revogadas, a lei de acção social escolar ainda vigora, os relatórios gerais da avaliação das universidades ainda não são conhecidos. Em suma tudo está por definir.

Só em Junho é que o Ministério da Educação deverá anunciar oficialmente um novo esquema de financiamento do Ensino Superior Público. Em Junho. Quando a maioria dos estudantes se encontram afogados nas épocas de exames e a capacidade de resposta é eventualmente mais escassa. Couto dos Santos fez sair a primeira lei de propinas em Agosto. Marçal Grilo prefere Junho.

A AAC deverá, por isso, preparar–se para daqui a três meses confrontar o ministro com o seu projecto para o Ensino Superior. Se não o fizer, o movimento estudantil depressa encontrará outros protagonistas e outras associações que rapidamente o farão. Rapidamente e em força.

2. A estratégia agora é clara. Nestas eleições escolher uma lista partidária significa abdicar em futuras negociações da autoridade e da margem de liberdade alcançada pela AAC. Optar pela lista independente traduz um investimento na razão e no protagonismo que desde António Vigário os dirigentes da Academia, bem ou mal, demonstraram possuir.

Simples e democrático. Duas opções, duas consequências.

3. Independentemente da escolha que sobrevier, a direcção geral eleita deverá obedecer a alguns compromissos. A organização de um referendo sobre as propinas é o primeiro. Por uma questão de participação e de co–responsabilização.

A participação dos estudantes na definição de matérias de importância capital no quadro do financiamento do Ensino Superior como é a questão das propinas ou a da acção social parece evidente. Referendar é pedir um compromisso. E um compromisso é uma responsabilidade partilhada entre os estudantes e a direcção eleita. Sem crises de legitimidade na Academia nem divergências impossíveis entre eleitos e eleitores.

Outra das medidas assenta na realização de Assembleias Magnas como espaços incontornáveis de debate e informação aos estudantes. Instrumentos imprescindíveis de decisão e de consulta.

Daí o recado à DG cessante: "A assembleia magna pode discutir e deliberar sobre os assuntos relacionados com os objectivos da AAC".

4. As campanhas eleitorais para os orgãos da AAC demonstram a vacuidade de todos os discursos oficiais que se fazem nesta casa. Desde o mito da valorização democrática ao da escola de pedagogia cívica. É observar com alguma atenção a forma e o conteúdo dos panfletos. Faço aqui o "mea culpa" em relação ao ano passado mas a "coisa" repete–se ano após ano, sem que os erros sirvam de lição. Pela propaganda distribuída ainda não consegui perceber quais as marcas carismáticas, de referência ou estruturantes de cada candidatura. Afinal quem representa o quê, ao serviço de que interesses, de que continuidade?

Porque para além das escadas monumentais que todos os anos cada lista sobe ou desce ou fica a meio, para além de cada lista voltar a face ou as costas às faculdades, de atrair ou repelir os estudantes à Associação, o que fica do que é dito? O vazio que surge é sintomático. Mais do que o propalado debate de ideias — anual, mitigado, insuficiente — o que se evidencia são as caras, as ambições, as simpatias, as amizades, os ressentimentos, as vaidades e lá no fundo do túnel, enfim, uma ponta de ideologia e de identificação com as intenções da candidatura.

5. Por último, um desejo: que ganhe a melhor. E uma ironia: Dona Rosa, chegaram as eleições. Think pink!



Arquivo



Da Praxe

É dever de um jornal ser um espaço de discussão, de confronto de ideias sobre o meio em que se insere. "Opinion Makers" é exactamente dedicado a todos os que queiram debater sobre temas ligados à AAC, à Universidade, à juventude. Basta enviar os textos para a Cabra (ou trazendo–os pessoalmente à Secção ou enviando–os por Correio para "Opinion Makers, Secção de Jornalismo, Associação Académica de Coimbra, Rua Padre António Vieira, 3000 Coimbra"). Os textos serão escolhidos mediante qualidade e oportunidade da questão posta, reservando–se "A Cabra" o direito de publicar os preteridos mais tarde. Como o que queremos é confronto, tentaremos sempre arranjar uma opinião contrária para publicar conjuntamente com o texto escolhido.

Para exemplo escolhemos como tema a Praxe, com um texto de Manuel Pereira sobre os cortejos e uma pequena resposta de César Marques.

Crónica de um hino à Vulgaridade

Onde Fica o Sonho?

A estupidez sai à rua em tardes assim. Desfila toda vestida de negro, pela principal avenida da cidade, sendo acompanhada por diversos aspirantes à mediocridade geral, trajados com roupas de diversas cores, e mais ou menos estravagantes consoante a estação do ano... Duas vezes por ano as traças apanham um grande susto: onde irão os seus repastos favoritos? Sossegam ao constatar o seu regresso, ainda que mais sujos e a cheirar a álcool. São os pontos mais altos de algo a que se chama Praxe.

É um espectáculo digno do maior jardim zoológico do mundo, ver milhares de pessoas marcharem, devidamente camufladas em impraticáveis vestimentas pretas herdadas dos seus avós, se não na integra pelo menos no design, em direcção a lado nenhum. Vão felizes, todos iguais todos iguais. Aqui não há lugar para a diferença; aqui todos podem ser quem são sem precisarem de se conter nas manifestações da sua pequenez, não passarão de um entre tantos milhares. Viva a liberdade da vulgaridade! Viva a falta de imaginação! Viva a estupidez!

Lá, além de todas as barreiras, onde efectivamente vale a pena ser - porque lá é sempre bom - jovens organizam manifestações pelo caos, mega–raves, e outras, sempe com um denominador comum: expressar os seus sonhos, dar liberdade às sua ânsias. Em todos os casos elogia–se a independência de cada individuo em relação a todos os outros, e a todas as estúpidas convenções que regem a sociedade, qual ditadura sem ditador. Em todos esses casos, cada individuo expressa, seja na maneira como veste, seja na forma como se move ou se comporta, uma vontade de crescer, de ir além do estabelecido e criar futuro. Em todos os casos mostram convicções ou a falta delas, nunca uma vontade de ser só porque alguém é ou foi. Lá, elogia–se a imaginação. Mas aqui, neste país à beira mar implantado, a juventude, por definição o futuro, adora representar o passado ultrapassado; adora manifestar–se, em nome de algo a que chama tradição, pela manutenção de uma situação estabelecida. Não sonha, não luta pelo futuro, prefere deitar–se à sombra do passado.

Dizem desejar criar uma homogeneidade entre todos os estudantes com a utilização do uniforme. Dizem querer eliminar as marcas das diferenças sociais e culturais entre os estudantes. Mas, quem pode racionalmente querer parecer como os outros são só por parecer como os outros? Quem não tem personalidade própria. Quem pode ser como foram outros? Quem não suporta a sua pequenez, os fracos. Quem pode desejar a manutenção? Quem está satisfeito com o que tem. Impõe–se a busca de um caminho para um ideal, ainda que a definição desse ideal nos escape, e esse caminho tem forçosamente de ser diferente de todos os já percorridos; é absurdo apostar na revivação de costumes para seja o que for.

Mas a culpa maior é dos caloiros, extremamente mal preparados para enfrentar uma vida longe das saias dos seus pais - se prova for necessária, basta observar a ausência, em todas as manifestações praxistas, de todos aqueles mais senhores de si mesmos; aqueles que transportam em si sementes de uma futura personalidade independente, capaz de crescer por si mesma além de todos os limites conhecidos, capaz de sonhar o futuro. - No fundo, a culpa será dos pais que os não prepararam, será dos avós que não prepararam os seus pais, será... E se quanto ao passado nada podemos fazer, já o futuro será aquilo que dele fizermos. Aqui, os 'senhores doutores', poderão desempenhar um papel de grande importância no futuro da humanidade, e por consequência, o seu, se souberem lançar nos caloiros as sementes do futuro; se souberem abrir horizontes para as imaturas cabeças dos caloiros darem largas à sede de novidade, e assim aproximarem–se da sabedoria; nunca se se limitarem a obrigar os caloiros a fazer aquilo que eles são, ou não são por falta de coragem.

O vector de orientação do caloiro, base de acção constituida pelo seu passado, tem de ser desviado do ponto para que aponta. Tem de ser torcido e retorcido, redirecionado e obrigado a mudar de sentido se necessário for, para que aponte sempre para a frente, sempre para cima, para o futuro. O caloiro não tem de ser ensinado a igualar os 'senhores doutores', tem de ser instigado a ultrapassa–los, a subir mais alto que eles. O caloiro não tem de ser ensinado a viver em comunidade, tem de ser ensinado, e encorajado, a suportar a solidão das alturas que alcançar - esta ligação: altura, grandeza, isolamento, pode ser facilmente demonstrada através quer de factores sócio–filosóficos, quer de leis fisicas.

Enfim, lá vão todos nos seus uniformes de cerimónia. Carneiros bem amestrados que não põem em causa a liderança do guia. Conformistas saudosistas de um passado pior que o futuro possivel de ser criado, uns, e outros, a grande maioria, que não querem nada, mas insistem em dizer que querem o que os outros querem só porque os outros dizem que querem. Depois embriagam–se com as massas em movimento, olham à volta e sentindo–se entre iguais sentem–se em casa. Sentem a força dos maiores entre eles por inerência do uso das mesmas vestimentas. Sentem–se grandes! Pobres coitados, inconscientes da sua pequenez! Aspirantes à mediocridade geral, onde está o futuro?

E para os pinguins não vai nada, nada, nada? Naaada.

Manuel Pereira

As Questões da Praxe

Alegando insistentemente a "intolerância" e "arrogância" dos adeptos da Praxe académica, os "antipraxistas" caem paradoxalmente no ridículo de se afirmarem como superiores, "seres eleitos" para a nobre missão de dar a boa–nova da libertação dos homens face às "ridiculas" convenções da sociedade.

Todos os anos se assiste ao desfile habitual destes novos "Messias" que, pretendendo libertar os caloiros das maléficas garras dos "pinguins" e em nome da liberdade de pensamento, vêm dar provas de serem precisamente o contrário daquilo que afirmam ser. Senão vejamos: aqueles que mais falam de tolerância são os mesmos que vemos a distribuir panfletos insultuosos nas actividades praxísticas; aqueles que mais pugnam pela libertação do pensamento são os que, em nome de uma autointitulada emancipação, querem à força dirigir a mente dos caloiros que voluntariamente se submetem à Praxe; aqueles que se afirmam cheios de ideais de democracia são os primeiros a não perder qualquer hipótese de boicotar actividades da Praxe. Dizendo que os praxistas estão ridiculamente agarrados ao passado, pretendem mostrar–se superiores, capazes de se distinguir da "mediocridade geral", sim porque "só é bom quem é diferente". Ora há duas maneiras diferentes de se encarar o passado: ou como elemento fulcral de coesão social, integrando tudo aquilo que une uma determinada comunidade, não se descurando a correcção de tudo o que de mau houve mas não se caindo também no erro de tudo pretender eliminar; ou como algo de intrinsecamente mau, que não tem qualquer relevância no presente e do qual nada de positivo se pode extrair. O que os nossos "eleitos" pretendem, apregoando um "sonho" que pelos vistos terão, é destacar–se totalmente da realidade em que estão e são, evidenciando–se somente por serem diferentes. Perseguem esse sonho encarando-o não como os sonhos o devem ser, isto é, como uma meta que se sabe não se poder alcançar mas que para se aproximar dela o mais possível tudo o que se possa fazer deve ser feito, mas sim como uma forma pura e simples de procura de destaque e de fuga à realidade. E tudo em nome de ideais muito bonitos dos quais se proclamam os últimos defensores.

Temos que ver que a Praxe tem um papel decisivo na vida da nossa Academia. Se a nossa Associação é grande, em grande parte deve-o ao facto de todos aqueles que por cá passaram terem ficado indelevelmente marcados por uma vivência única que é a Praxe Académica, e que ainda hoje traz agradáveis lembranças aos que em Coimbra estudaram, quer se tenham formado há três ou há quarenta anos! Só quem tem da Praxe uma visão extremamente restrita e completamente desenquadrada da realidade pode apelidá–la de "liberdade da vulgaridade" e outras coisas piores. Não, a Praxe não é uma forma de superiorização de uns estudantes em relação a outros. A Praxe é antes de mais e acima de tudo uma forma de união e integração a que voluntariamente se adere, e que traz inegáveis benefícios a todos os que cá chegam directamente vindos "das saias da mãe". Sendo exactamente o contrário da negação da liberdade individual, a Praxe é uma afirmação da autodeterminação de cada um que, assumindo um passado de que todos nos devemos orgulhar, se afirma capaz de encarar o futuro seguro de tudo aquilo que representa.

Conceda–se pois à Praxe o seu devido lugar no meio académico e deixem–se de lado os exibicionismos e elitismos baratos, que só deixam mal quem os segue e apregoa, ainda que de forma encoberta!

César Marques

Universidade

Bibliotecas

Qualquer ensino de qualidade passa, ainda hoje, pelo acesso a livros e revistas. Cientes deste facto, fomos tomar o pulso das bibliotecas a que o estudante de Coimbra tem acesso na sua Universidade. A Biblioteca Geral foi o nosso ponto de partida.

Magda Cerqueira

A Biblioteca Geral

Trata–se de uma biblioteca de âmbito global -complementar das bibliotecas dos departamentos-, servidora de todos os cursos da Universidade, com especial relevância para os cursos de Línguas e História e respectivos mestrandos e doutorandos.

Esta biblioteca tem quase um milhão de livros. Dada a quantidade de obras e a exiguidade de espaço, a Drª Lúcia Veloso, bibliotecária, assevera–nos que o livre acesso dos utentes aos livros é impensável. Isto porque seria necessária uma arrumação por matérias que não é possível realizar por falta de espaço. Sendo assim, o aluno tem de procurar no ficheiro de assuntos ou autores o que deseja e preencher uma requisição para o funcionário procurar a obra nas estantes.

O horário de funcionamento é o mais alargado de todas as bibliotecas de Coimbra - está aberta desde as 10h da manhã até às 23h, sem interrupções. O que possibilita a muitos estudantes, sem condições de trabalho, dispôr de local e ambiente de estudo até essa hora tardia.

Para além das monografias e obras de referência gerais podem ser consultadas todas as revistas portuguesas, pois a Biblioteca Geral é beneficiária do depósito legal.

Assina, ainda, cerca de 300 títulos por permuta com outras publicações da Universidade de Coimbra e adquire cerca de 50 títulos.

A informatização do ficheiro manuscrito anterior a 1958 e do ficheiro dactilografado avança muito lentamente por falta de pessoal. Das 850 mil fichas só cerca de 10 mil no computador. As obras adquiridas após 1988 estão já inteiramente informatizadas e dactilografadas. Mas, apesar de haver terminais com o programa PORBASE a funcionar em rede disponíveis para consulta quer na Biblioteca Geral quer nas bibliotecas das faculdades, a informação não circula, ainda, por toda a Universidade.

As maiores críticas dos utentes são dirigidas ao serviço de fotocópias, que é pequeno para dar razão a tantos pedidos. Por vezes, há avarias nas fotocopiadoras, o que impede os utentes, por um dia inteiro, de reproduzir de alguma maneira a informação de que necessitam.

Em Novembro último adoeceram duas funcionárias que garantem o serviço de fotocópias, o que levou ao encerramento deste serviço por uma semana. Casos como este são relativamente frequentes dado que o quadro do pessoal está reduzido a 50% e a contratação é dificultada pela legislação com vista a reduzir os efectivos da função pública. O quadro técnico não é renovado (consta de 28 bibliotecários, 4 dos quais têm, actualmente, mais de 55 anos) e mais de metade do pessoal auxiliar está no escalão etário acima dos 55 anos. Perante esta situação grave, e a persistir este estado de coisas, prevê–se o colapso dentro de dois a três anos.

A verba disponível é exígua e proveniente do Orçamento Geral do Estado e de subsídios de entidades privadas, sem contrapartidas, ao abrigo da Lei do Mecenato. Privilegia–se a aquisição de obras de referência (como dicionários, enciclopédias) e respectivos suportes em CD–ROM, numa lógica de complementariedade com as outras bibliotecas da Universidade.

Problema de não menor gravidade e pungência é o espaço físico que, desde a sua construção, não é adequado para funcionar como biblioteca (note–se que a bizarra disposição espacial da sala de leitura se deve a ter sido construída onde antes existia o teatro da antiga Faculdade de Letras). Hoje apresenta–se insuficiente para albergar condignamente o espólio actual acrescido de 500 registos (correspondentes a 800 volumes que dão entrada mensalmente via depósito legal) e para receber os 84.500 leitores por ao ano que a costumam frequentar.

A conservação de um espólio tão rico quanto vasto exige despesas acrescidas na manutenção e desinfestação. Esta última teve lugar há mais de 5 anos, asseguram–nos, se bem que o ideal de conservação exige que se dê de dois em dois anos.

Medicina

As bibliotecas desta Faculdade dividem–se em duas salas centrais de estudo e outras tantas pertencentes aos diversos departamentos. As grandes carências não são de espaço, mas de exemplares de literatura médica especializada -muito dispendiosa- a que os alunos têm necessidade de recorrer frequentemente.

No entanto, a esta tão grande procura não corresponde uma igual oferta nas prateleiras das salas. Existem, de facto, situações melindrosas de espera pela chegada de certos livros, cujo número de exemplares é reduzido. Isto deve–se à falta de dinheiro proveniente da Reitoria.

A verba concedida é insuficiente para cobrir devidamente as necessidades em obras médicas que estão em constante desactualização e nas quais é preciso investir grandemente. Foram gastos cerca de 15 mil contos que não garantem, de forma alguma, a aquisição do número de exemplares necessários para o ano de 1995. Há, porém, que fazer jus ao Conselho Directivo que se revela atento às dificuldades respeitantes à compra de novas obras -a actualização é feita sempre, todos os anos, devido à preocupação e dedicação dos responsáveis pela biblioteca.

Também em relação às versões há alguma coisa a dizer. Será preferível investir em novos livros do que comprar versões inglesas. Os recursos humanos da biblioteca são claramente insuficientes pelo que alguns dos funcionários são obrigados a fazer serviço rotativo.

S.F. e O.V.

Antropologia

Em Antropologia observam–se a já habitual falta de espaço a nível geral (locais para arrumação), de pessoal para tratar da informatização do espólio, que agora integra o espólio bibliográfico da Cª de Diamantes de Angola (que não tem ainda nem metade dos registos tratados) e de verba para obviar a estes e outros problemas.

Poder–se–ia pensar que este departamento teria menos problemas a este nível dado que o curso de Antropologia tem apensa 4 anos e tem um pequeno número de alunos.

Mas, antes pelo contrário, este pequeno número só o desfavorece pois a percentagem da dotação orçamental para a Faculdade de Ciências da U.C. é dividido segundo o número de alunos equivalentes a tempo integral. Por isso, quanto menor o número de alunos, menor a verba.

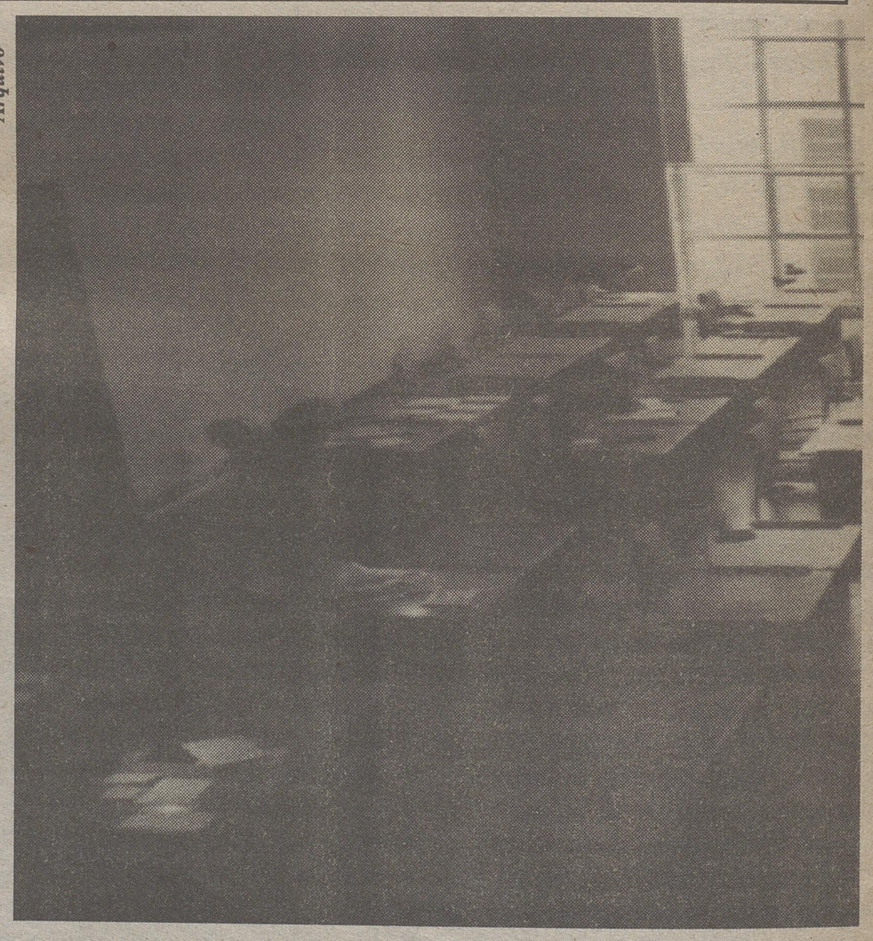
A situação chega por vezes a ter contornos caricaturais como quando a bibliotecária, Dra. Mª Isilda Figueiras, se vê perante a contingência de comprar do seu próprio bolso as obras técnicas que necessita para o seu trabalho de bibliotecária!

O regulamento do serviço da biblioteca -onde são estipulados os direitos e deveres de alunos e funcionários- está há um ano para aprovar pelo Conselho Científico, ao que se segue a publicação no Diário da República para posterior vigência. Entretanto, é como se fosse inexistente!...

Na verdade não se pode estranhar estes "atrasos". A biblioteca só em 1993 foi brindada com uma bibliotecária, estando todo o trabalho por realizar.

No entanto, fomos encontrar nesta biblioteca uma regra costumeira singular: se o aluno e professor requisitarem a mesma obra, e não haja mais que um exemplar, a prioridade é dada ao aluno porque se parte do princípio de que o professor tem mais tempo. Uma regra de ouro, a manter e a divulgar...

Arquivo



Letras

A biblioteca geral da Faculdade encontra–se no piso zero, apetrechada com todas as obras de consulta relevantes para vários cursos e a referência de obras constantes das bibliotecas dos vários institutos.

Nestas, o horário é muito apertado, o atendimento é, regra geral, sofrível, o serviço de empréstimo domiciliário nada útil - dado o curto espaço de tempo disponível para o estudante que leva o livro ao fim da tarde para o entregar na manhã do dia seguinte- e a saída de obras para fotocopiar apenas realizável até às 16h.

Apesar de tudo, estes problemas são minorados no dia–a–dia pela flexibilidade dos encarregados da biblioteca na entrega de livros pelos alunos.

Alguns institutos parecem mais carecidos que outros. Os alunos afirmam que no Instituto de Estudos Franceses não há bibliografia sobre documentação contemporânea, pois há cinco anos que não se compram jornais ou revistas.

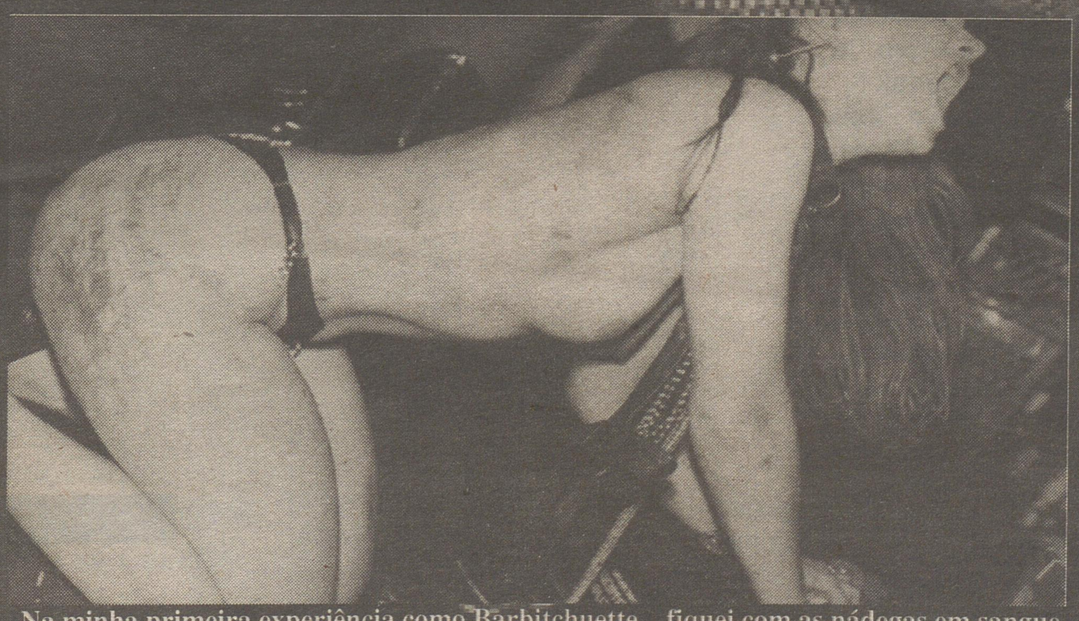
A bibliografia disponível é insuficiente, não se sabe bem se é porque não existe ou se se deve ao facto de ninguém informar sobre a sua existência.

O especial cuidado que alguns livros requerem impede a sua requisição ou fotocópia, levando os alunos à contingência - apesar de tudo caricata e caricatural- de tirarem apontamentos durante horas e horas.

Este suplemento é parte integrante de A CABRA de Março e não pode ser vendido separadamente

Ano 1 - Número 2
MARÇO 1996

M.H.



Na minha primeira experiência como Barbitchuette... fiquei com as nádegas em sangue das chicotadas de Devlin.

Foi um espectáculo que quem assistiu não esquecerá. Eu sei, porque não esquecerei.

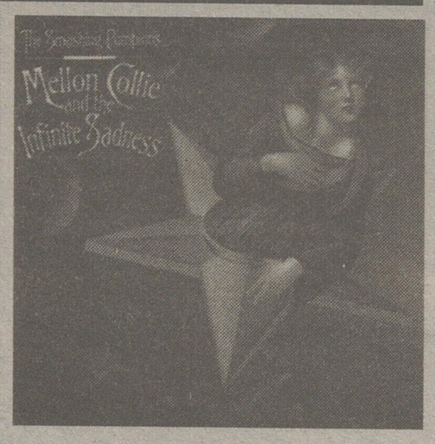
Sin

Eu sou a rainha das putas Barbitchuette.
Actuo sem regras, subtileza ou caridade.
O palco é uma jaula para mim...

Devlin (à direita)

O retorno dos Sleep Chamber e as suas Barbitchuettes

ROCK



Smashing Pumpkins

Mellon Collie and the Infinite Sadness

The world is a vampire - "Bullet with butterfly wings".

É o terceiro LP de originais, e simultaneamente, um ataque suícida de um duplo albúm sem hits preocupado apenas com a coerência do todo.

As 28 faixas de "Mellon Collie..." são a força do mais puro rock. Sem referências (os Smashing Pumpkins já há muito, que passaram eles próprios a ser referência) a apontar, este "Mellon Collie..." é "servido" como festa de despedida da primeira fase do grupo.

O que acontece, é que nas próprias palavras do líder e vocalista da banda (Billy Corgan), os Smashing Pumpkins irão começar tudo de novo a partir de agora. Por isso mesmo, talvez a importância deste albúm venha a ser comparada ao terceiro e, também duplo albúm dos Clash "London Calling". Pois a partir daí "infelizmente" tudo mudou.

Sorte a nossa que o "enrolanço" de Billy Corgan com Courtney Love (viúva de Kurt Cobain), não durou o suficiente para Billy espetar, também ele, com um tiro nos cornos. É que, por muito bom que seja o futuro musical dos Smashing Pumpkins, esta fase, por si só, já deixa saudades.

●●●●● **Paulo Antunes**

ROCK/HARD



Waltari

Big Bang

Começava a ficar preocupado com a falta de notícias da melhor banda Finlandesa do momento. Afinal 95 não ficou em branco para os Waltari, aí está o quarto albúm de originais.

Apesar de formados em 1986, discograficamente só "nascem" em 1991 com "Monk Punk" pela Stupido Twins. Em 1992, a banda assina com a "multi" Roadrunner, os resultados são: "Torcha" ainda nesse ano e "So Fine" em 1994. Pelo caminho, fica ainda "Palaleipaa", uma compilação do princípio de carreira, editada pela Stupido Twins em 1993. Em 1995, assinam pela EMI, e já na recta final deste ano sai "Big Bang".

Já sem a garra de "Torcha" ou "So Fine", este "Big Bang" mostra-se mais comercial, mais "moldado" e com mais riffs metálicos. Em compensação(??), menos original, menos indie e com menos interesse.

Longe da desilução "Big Bang" mostra, apesar de tudo, uns Waltari mui aquém do seu melhor, onde as indicações de falta de novas soluções, poderão muito bem ser o princípio da recta descendente.

Mais um palpite a carecer de confirmação até 96.

●●● **P.A.**

CROWLIANA



Death in June

Occidental martyr

Depois de um prolongado jejum de três anos (desde "But, What Ends When the Symbols Shatter"), e com os princípios de paz (?!?) na ex-Jugoslávia já redigidos, finalmente, Douglas P. atenuou a sua luta pela independência Croata e lançou dois albúns de originais para os Death in June: "Rose Clouds of Holocaust"* e "Occidental Martyr".

"Occidental Martyr" é um EP de 24 minutos. Os suficientes, para cortar com o habitual perfeccionismo June, e apresentar "apenas" treze poemas declamados por Douglas.

O albúm é essencialmente destinado aos fiéis seguidores do militarismo de Douglas P.. As declamações, têm o suporte sonoro de "noises" constantes de onde sobresaiem as sirenes de alarme aos ataques aéreos. E, a verdade é que se por um lado, se ficou longe do perfeccionismo acústico dos June, por outro, a visão Death continua lá toda.

No fundo e, como sempre acontece com o nacionalismo dos Death in June, também "Occidental Martyr" se dirige "apenas" àqueles que aprenderam a lidar com todas as "cruzes".

* Ver "A cabra" de Março.

●●●● **P.A.**

ROCK



Sonic Youth

Washing Machine

Este é um disco capaz de lavar a roupa mais suja! A roupa daqueles que preconizaram o fim dos Sonic Youth quando estes passaram da "indie" Blast First para a "major" Geffen.

O fa(c)to é que os "3 homens e uma menina" continuam a dar excelentes concertos, inovar conceitos, editar óptimos discos e conseguir grandes "hits" radiofónicos sem se venderem e cair no ridículo (olá REM).

Ainda antes da edição deste "Washing Machine", os Sonic Youth trabalharam febrilmente na edição da banda sonora de "Made In USA", na compilação "Screaming fields of love" e, conseguiram arranjar tempo para ser cabeças de cartaz no festival itinerante Lollapazolla de 1995.

Se no anterior "Experimental jet set trash and no star" as influências de uma tournée mundial na companhia dos Pavement eram mais que notórias (atente-se a toda a carga de inovação e experimentalismo que o albúm carrega e não é só no nome), neste "Washing Machine" existe uma viagem ao passado em que a bagagem vai carregada com toda a experiência adquirida até ao presente.

Recomendado por todas as marcas de detergente!!

●●●● **Avelino Américo**

DARK



Sleep Chamber

Sopor
Seduction

A Funfundvierzig não se cansa de editar os primórdios dos Sleep Chamber. Desta vez, é a "criação" do EP "Sopor" e do LP "Seduction". Os registos vivem essencialmente das remisturas de temas repescados ao início de carreira de John Zewizz e os seus Sleep Chamber.

"Sopor" é o nome de uma droga hipnótica, estimulante desinibidora. Com os seus 22 minutos e seis temas, "Sopor" tem como base a reedição de : "Justify my love" (uma versão do original de Madonna, que apenas tinha saído em single limitado) e "No ones heart" (já bem dentro da formula habitual, um ... sexual / dark).

"Seduction" por sua vez, atinge um ponto bem diferente. As remix ("Babes ov babylon", "The light pours out ov me", "Animal magnetism"), e os registos ao vivo ("Catwoman", "Salome","Infatuation") captados em 1994, lado a lado, com alguns originais, faz de "Seduction" quase uma colectânea (com tudo o que de positivo e negativo isso comporta).

Se o objectivo dos americanos Sleep Chamber, e da própria Funfundvierzig, se baseava no acentuar provocatório da atmosfera sexual do grupo, e na melhoria da produção, então, o segundo foi concretizado. Quanto ao primeiro a dúvida é maior. As remix ficam bem aquém dos originais, e nem mesmo a excelente qualidade dos temas captados ao vivo chega para salvar tudo.

Mas, o mais importante nestes dois registos acaba por estar lá: o retorno de "Jonh Zewizz with hiz Barbitchuettes".

●●● **P.A.**

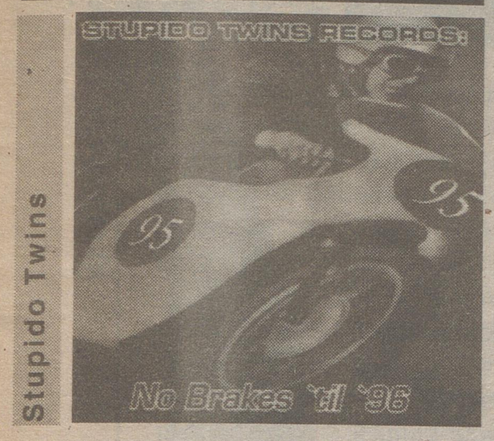
WORLD MUSIC/ETNI

"Árbol de Cenizas" do espa
em 1994, mas a sua distribuiç

Pouco conhecido internac
entanto, um multinstrumentista
composição, arranjos, gravaçã
extraordinário neste registo é q
evitar as habituais armadilhas
beco sem saída: sonoridad
repetições estéreis e infinitas.
"Muzak", surgem em "Árbol de

De ○ Mau a ○○○○○ Muito Bom

COLECTÂNEA



No Brakes til`96

As origens da Stupido Twins remontam a 1988 quando um grupo de Finlandeses bem-humorados decidiu dedicar-se á organização de festas, concertos de Punk/Rock, órgias, bacanais e outros eventos culturais.

Ao acordar com uma brutal ressaca resultado da mistura de comprimidos do Tallon com muitos litros de aguardente de pêra, decidem editar para disco os trabalhos dos vizinhos Estonianos JMKE e Röövel Ööbik. O resultado é uma entrada directa para o Top 10 Finlandês e a inundação de "demos" nas instalações "Stupidas".

O "império" Stupido cresce e o resultado é uma loja de discos, um serviço de "mail-order" e uma editora discográfica, por onde passaram por exemplo os Waltari (hoje na EMI).

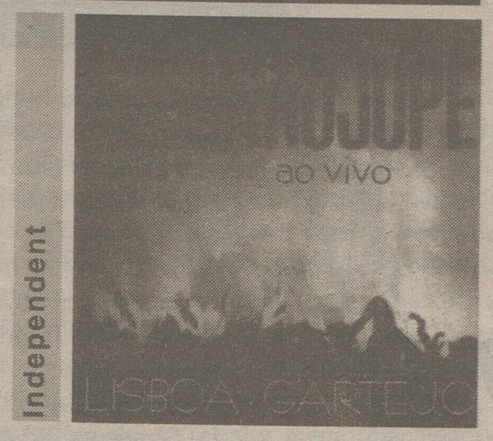
A Stupido Twins torna-se a maior editora "indie" Finlandesa e, tornou-se então necessário criar uma "editora gémea", por onde passassem alguns projectos que não se enquadrassem dentro do som Stupido. Surge assim a Twin Hits Records, com World music, pop,etc..

Este "No brakes 'til '96" é "apenas" a colectânea sucessora de "Guitarmania"*, que por sua vez já tinha batido de longe, neste ano, a rival "Reindeer Rock 95"*.

* ver "A Cabra" de Junho e Outubro.

○○○○ **A. A.**

ROCK



Jarojupe

Ao Vivo

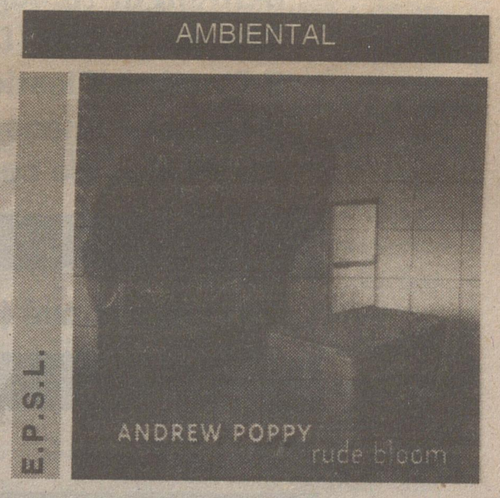
Confesso... realmente eu odeio o rock progressivo. Até hoje, ainda não percebi como é que alguem pode gostar dos Yes e companhia. Mas, também é justo confessar que nem são estes os piores, os piores mesmo são os seguidores.

Chamam-se Jarojupe, são de Viana do Castelo e gravaram um CD ao vivo na Gartejo.

Na sua formação desfila um Pedro Parente, um Juca Parente e um Jaime Parente (até ao fecho desta edição não conseguimos confirmar se realmente se trata de avô, pai e filho). As faixas têm nomes como: "Open your heart", "I can`t live without you", "It`s love", "Baby I`m crazy for you", "Only for you", "I want you", etc. Quanto à excepcional diversificação dos temas abordados, não valerá a pena falar mas, é mais que certo, que um CD com títulos como estes, só pode ter saído com o alto patrocínio... dos iogurtes You.

Mas nada disto bate o nome familiar do grupo Parente, aí sim, a originalidade esteve ao rubro. "Ja" provêm de Jaime, "Ju" de Juca, "Pe" de Pedro, e só fica por justificar o "Ro", que afinal vem do primo que conduz a carrinha, o seu nome... Ronheta Parente.

AMBIENTAL



Andrew Poppy

Rude Bloom

Pertencendo à geração britânica da cena contemporânea electrónica (comandada pelo mestre Nyman), Andrew Poppy é, ainda assim, um dos mais apegados compositores aos instrumentos tradicionais.

"Rude Bloom" ilustra duas das facetas do compositor: "Eight movements for piano trio", em que o seu piano é acompanhado pelo violoncelo de Nick Cooper, e pelo violino de Anna Hemery. E "Melody versus the brittle funk", em que o piano, agora electrónico, é acompanhado por Bruce Nockles e Philip Poppy, respectivamente no clarim e saxofone.

Na primeira, mais clássica, a composição torna-se demasiado triste, e nem mesmo o exporádico recurso ao minimalismo repetitivo dos anos 70, evita o marasmo onde se acabam por incluir as oito faixas de"Eight movements for piano trio".

A segunda parte - "Melody versus the brittle funk", acaba também ela, por nunca conseguir o encaixe feliz, entre a sonoridade "sax" e a electrónica.

Resta-nos a genialidade das polaroides de Georges Rousse.

○○ **P.A.**

ICA

Luis Paniagua

Árbol de Cenizas

panhol Luis Paniagua é editado ainda
ição apenas se realiza em 1995.
ncionalmente, Luis Paniagua é, no
sta exímio, responsável também pela
ão e mistura de "Árbol de Cenizas". O
que Paniagua soube inteligentemente
s que têm conduzido a new-age a um
ades soporíferas e entediantes e
s. Contrariamente a esta proliferada
de Cenizas" todos os elementos que fazem deste registo o mais significativo do género que tive oportunidade de ouvir em 95: O bom gosto conciso e discreto, a simplicidade sem cedências, a individualidade de cada uma das peças e o cruzamento dinâmico com outras formas de expressão musical, sobretudo com a world-music; é, de facto, irrepreensível.

Existe mesmo em "Árbol de Cenizas" um tema - "La oportunidad disfarzada" - que, sem hesitações, coloco entre os clássicos do género, a par de "Deianira" de Hector Zazou, "Libertaire" dos In the Nursery ou "Echuim" dos Morthond...Façam um favor a vós próprios: Não passem ao lado desta obra-prima absoluta.

Domingos Costa

ROCK



Smashing Pumpkins
Mellon Collie and the Infinite Sadness

The world is a vampire - "Bullet with butterfly wings".

É o terceiro LP de originais, e simultaneamente, um ataque suícida de um duplo albúm sem hits preocupado apenas com a coerência do todo.

As 28 faixas de "Mellon Collie..." são a força do mais puro rock. Sem referências (os Smashing Pumpkins já há muito, que passaram eles próprios a ser referência) a apontar, este "Mellon Collie..." é "servido" como festa de despedida da primeira fase do grupo.

O que acontece, é que nas próprias palavras do líder e vocalista da banda (Billy Corgan), os Smashing Pumpkins irão começar tudo de novo a partir de agora. Por isso mesmo, talvez a importância deste albúm venha a ser comparada ao terceiro e, também duplo albúm dos Clash "London Calling". Pois a partir daí "infelizmente" tudo mudou.

Sorte a nossa que o "enrolanço" de Billy Corgan com Courtney Love (viúva de Kurt Cobain), não durou o suficiente para Billy espetar, também ele, com um tiro nos cornos. É que, por muito bom que seja o futuro musical dos Smashing Pumpkins, esta fase, por si só, já deixa saudades.

✪✪✪✪ **Paulo Antunes**

ROCK/HARD



Waltari
Big Bang

Começava a ficar preocupado com a falta de notícias da melhor banda Finlandesa do momento. Afinal 95 não ficou em branco para os Waltari, aí está o quarto albúm de originais.

Apesar de formados em 1986, discograficamente só "nascem" em 1991 com "Monk Punk" pela Stupido Twins. Em 1992, a banda assina com a "multi" Roadrunner, os resultados são: "Torcha" ainda nesse ano e "So Fine" em 1994. Pelo caminho, fica ainda "Palaleipaa", uma compilação do princípio de carreira, editada pela Stupido Twins em 1993. Em 1995, assinam pela EMI, e já na recta final deste ano sai "Big Bang".

Já sem a garra de "Torcha" ou "So Fine", este "Big Bang" mostra-se mais comercial, mais "moldado" e com mais riffs metálicos. Em compensação(??), menos original, menos indie e com menos interesse.

Longe da desilução "Big Bang" mostra, apesar de tudo, uns Waltari mui aquém do seu melhor, onde as indicações de falta de novas soluções, poderão muito bem ser o princípio da recta descendente.

Mais um palpite a carecer de confirmação até 96.

✪✪✪ **P.A.**

CROWLIANA



Death in June
Occidental martyr

Depois de um prolongado jejum de três anos (desde "But, What Ends When the Symbols Shatter"), e com os princípios de paz (?!?) na ex-Jugoslávia já redigidos, finalmente, Douglas P. atenuou a sua luta pela independência Croata e lançou dois albúns de originais para os Death in June: "Rose Clouds of Holocaust"* e "Occidental Martyr".

"Occidental Martyr" é um EP de 24 minutos. Os suficientes, para cortar com o habitual perfeccionismo June, e apresentar "apenas" treze poemas declamados por Douglas.

O albúm é essencialmente destinado aos fiéis seguidores do militarismo de Douglas P.. As declamações, têm o suporte sonoro de "noises" constantes de onde sobresaiem as sirenes de alarme aos ataques aéreos. E, a verdade é que se por um lado, se ficou longe do perfeccionismo acústico dos June, por outro, a visão Death continua lá toda.

No fundo e, como sempre acontece com o nacionalismo dos Death in June, também "Occidental Martyr" se dirige "apenas" àqueles que aprenderam a lidar com todas as "cruzes".

* Ver "A cabra" de Março.

✪✪✪✪ **P.A.**

ROCK



Sonic Youth
Washing Machine

Este é um disco capaz de lavar a roupa mais suja! A roupa daqueles que preconizaram o fim dos Sonic Youth quando estes passaram da "indie" Blast First para a "major" Geffen.

O fa(c)to é que os "3 homens e uma menina" continuam a dar excelentes concertos, inovar conceitos, editar óptimos discos e conseguir grandes "hits" radiofónicos sem se venderem e cair no ridículo (olá REM).

Ainda antes da edição deste "Washing Machine", os Sonic Youth trabalharam febrilmente na edição da banda sonora de "Made In USA", na compilação "Screaming fields of love" e, conseguiram arranjar tempo para ser cabeças de cartaz no festival itinerante Lollapazolla de 1995.

Se no anterior "Experimental jet set trash and no star" as influências de uma tournée mundial na companhia dos Pavement eram mais que notórias (atente-se a toda a carga de inovação e experimentalismo que o albúm carrega e não é só no nome), neste "Washing Machine" existe uma viagem ao passado em que a bagagem vai carregada com toda a experiência adquirida até ao presente.

Recomendado por todas as marcas de detergente!!

✪✪✪✪ **Avelino Américo**

DARK



Sleep Chamber
Sopor
Seduction

A Funfundvierzig não se cansa de editar os primórdios dos Sleep Chamber. Desta vez, é a "criação" do EP "Sopor" e do LP "Seduction". Os registos vivem essencialmente das remisturas de temas repescados ao início de carreira de John Zewizz e os seus Sleep Chamber.

"Sopor" é o nome de uma droga hipnótica, estimulante desinibidora. Com os seus 22 minutos e seis temas, "Sopor" tem como base a reedição de : "Justify my love" (uma versão do original de Madonna, que apenas tinha saído em single limitado) e "No ones heart" (já bem dentro da formula habitual, um ... sexual / dark).

"Seduction" por sua vez, atinge um ponto bem diferente. As remix ("Babes ov babylon", "The light pours out ov me", "Animal magnetism"), e os registos ao vivo ("Catwoman", "Salome","Infatuation") captados em 1994, lado a lado, com alguns originais, faz de "Seduction" quase uma colectânea (com tudo o que de positivo e negativo isso comporta).

Se o objectivo dos americanos Sleep Chamber, e da própria Funfundvierzig, se baseava no acentuar provocatório da atmosfera sexual do grupo, e na melhoria da produção, então, o segundo foi concretizado. Quanto ao primeiro a dúvida é maior. As remix ficam bem aquém dos originais, e nem mesmo a excelente qualidade dos temas captados ao vivo chega para salvar tudo.

Mas, o mais importante nestes dois registos acaba por estar lá: o retorno de "Jonh Zewizz with hiz Barbitchuettes".

✪✪✪ **P.A.**

COLECTÂNEA



No Brakes til`96

As origens da Stupido Twins remontam a 1988 quando um grupo de Finlandeses bem-humorados decidiu dedicar-se á organização de festas, concertos de Punk/Rock, órgias, bacanais e outros eventos culturais.

Ao acordar com uma brutal ressaca resultado da mistura de comprimidos do Tallon com muitos litros de aguardente de pêra, decidem editar para disco os trabalhos dos vizinhos Estonianos JMKE e Röövel Öobik. O resultado é uma entrada directa para o Top 10 Finlandês e a inundação de "demos" nas instalações "Stupidas".

O "império" Stupido cresce e o resultado é uma loja de discos, um serviço de "mail-order" e uma editora discográfica, por onde passaram por exemplo os Waltari (hoje na EMI).

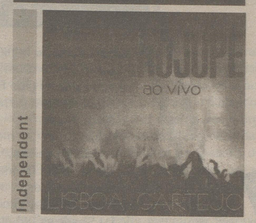
A Stupido Twins torna-se a maior editora "indie" Finlandesa e, tornou-se então necessário criar uma "editora gémea", por onde passassem alguns projectos que não se enquadrassem dentro do som Stupido. Surge assim a Twin Hits Records, com World music, pop,etc..

Este "No brakes 'til '96" é "apenas" a colectânea sucessora de "Guitarmania"*, que por sua vez já tinha batido de longe, neste ano, a rival "Reindeer Rock 95"*.

* ver "A Cabra" de Junho e Outubro.

✪✪✪✪ **A. A.**

ROCK



Jarojupe
Ao Vivo

Confesso... realmente eu odeio o rock progressivo. Até hoje, ainda não percebi como é que alguem pode gostar dos Yes e companhia. Mas, também é justo confessar que nem são estes os piores, os piores mesmo são os seguidores.

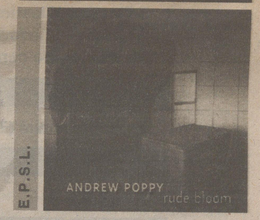
Chamam-se Jarojupe, são de Viana do Castelo e gravaram um CD ao vivo na Gartejo.

Na sua formação desfila um Pedro Parente, um Juca Parente e um Jaime Parente (até ao fecho desta edição não conseguimos confirmar se realmente se trata de avô, pai e filho). As faixas têm nomes como: "Open your heart", "I can`t live without you", "It`s love", "Baby I`m crazy for you", "Only for you", "I want you", etc. Quanto à excepcional diversificação dos temas abordados, não valerá a pena falar mas, é mais que certo, que um CD com títulos como estes, só pode ter saído com o alto patrocínio... dos iogurtes You.

Mas nada disto bate o nome familiar do grupo Parente, aí sim, a originalidade esteve ao rubro. "Ja" provêm de Jaime, "Ju" de Juca, "Pe" de Pedro, e só fica por justificar o "Ro", que afinal vem do primo que conduz a carrinha, o seu nome... Ronheta Parente.

De ✪ Mau a ✪✪✪✪✪ Muito Bom

AMBIENTAL



Andrew Poppy
Rude Bloom

Pertencendo à geração britânica da cena contemporânea electrónica (comandada pelo mestre Nyman), Andrew Poppy é, ainda assim, um dos mais apegados compositores aos instrumentos tradicionais.

"Rude Bloom" ilustra duas das facetas do compositor: "Eight movements for piano trio", em que o seu piano é acompanhado pelo violoncelo de Nick Cooper, e pelo violino de Anna Hemery. E "Melody versus the brittle funk", em que o piano, agora electrónico, é acompanhado por Bruce Nockles e Philip Poppy, respectivamente no clarim e saxofone.

Na primeira, mais clássica, a composição torna-se demasiado triste, e nem mesmo o exporádico recurso ao minimalismo repetitivo dos anos 70, evita o marasmo onde se acabam por incluir as oito faixas de"Eight movements for piano trio".

A segunda parte - "Melody versus the brittle funk", acaba também ela, por nunca conseguir o encaixe feliz, entre a sonoridade "sax" e a electrónica.

Resta-nos a genialidade das polaroides de Georges Rousse.

✪✪ **P.A.**

WORLD MUSIC/ETNICA

Luis Paniagua
Árbol de Cenizas

"Árbol de Cenizas" do espanhol Luis Paniagua é editado ainda em 1994, mas a sua distribuição apenas se realiza em 1995.

Pouco conhecido internacionalmente, Luis Paniagua é, no entanto, um multinstrumentista exímio, responsável também pela composição, arranjos, gravação e mistura de "Árbol de Cenizas". O extraordinário neste registo é que Paniagua soube inteligentemente evitar as habituais armadilhas que têm conduzido a new-age a um beco sem saída: sonoridades soporíferas e entediantes e repetições estéreis e infinitas. Contrariamente a esta proliferada "Muzak", surgem em "Árbol de Cenizas" todos os elementos que fazem deste registo o mais significativo do género que tive oportunidade de ouvir em 95: O bom gosto conciso e discreto, a simplicidade sem cedências, a individualidade de cada uma das peças e o cruzamento dinâmico com outras formas de expressão musical, sobretudo com a world-music; é, de facto, irrepreensível.

Existe mesmo em "Árbol de Cenizas" um tema - "La oportunidad disfarzada" - que, sem hesitações, coloco entre os clássicos do género, a par de "Deianira" de Hector Zazou, "Libertaire" dos In the Nursery ou "Echuim" dos Morthond...Façam um favor a vós próprios: Não passem ao lado desta obra-prima absoluta.

Domingos Costa

Apesar da ascenção dos Holandeses Nerve, ainda assim, foram os velhos Sonic Youth, Death in June, Young Gods ou Smashing Pumpkins que continuaram a segurar as pontas na falta (de originais) dos Ministry, Rage Against the Machine, Body Count ou Nine Inch Nails.

Com lugares cimeiros em 1994, neste ano, os Therapy e os Sub-urban Tribe quase "tocaram" a mediocridade. Os Waltari, parecem em queda. E os rookies a merecer realmente relevo são apenas: Strength Through Joy, Elastica e Whale.

É evidente, que a concorrência adorou Tricky, Oasis, Blur, Pulp...e como sempre, por decência deixamo-la...de lado.



O Imperium de 95

1-Nerve (Blood and gold)	Play it again Sam
2-Smashing Pumpkins (Mellon Collie...)	EMI
3-Young Gods (Only heaven)	Play it again Sam
4-Death in June (Rose clouds of...)	NER
5-Sonic Youth (Washing machine)	Geffen
6-Strength Through Joy (The force of...)	NER
7-Tyske Ludder (Dalmarnok)	KM-Music
8-Elastica (Elastica)	Geffen
9-Dreadful Shadows (Homeless)	Sounds of delight
10-Whale (We care)	Hut Recordings

AMBIENTAL de 95

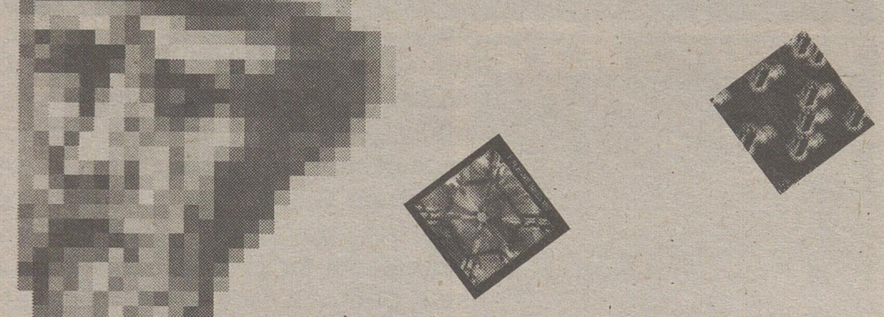
Propeller Island (The garden)	E.P.S.L.

EXPERIMENTAL de 95

Ash 2.1	Ash Internacional

COLECTÂNEA de 95

Dion Fortune sampler vol.4	Dion Fortune



Menções honrosas de 95

Head on Fire (Nostalgia)
Sleep Chamber (Seduction...)
St. Mucus (Natural mutation)
Mick Harvey (Intoxicated man)
70 Gwen Party (John Peel...)
Chrome Cranks (Dead cool)
Fugazi (Red medicine)
Die Machine (Genetic...)
Death In June (Occidental...)
Waltary (Big bang)
PJ Harvey (To bring you...)

Poprock (público)

Só foi atribuído álbum do ano e as 19 referências seguintes sem ordem

1-PJ Harvey (To bring you my love)
David Bowie (Outside)
Foo Fighters (Foo Fighters)
Stephen Kent (Landing)
Bjork (Post)
Julian Cope (20 mothers)
Goldie (Timeless)
Money Mark (Marks Keyboard repair)
Morphine (Yes)
Pere Ubu (Ray gun sultcase)
DJ Shadows (What does your soul...)
Sonic Youth (Washing machine)
Bruce Springsteen (The gost of...)
Tricky (Maxinquaye)
Passengers (Original Soundtracks 1)
Pulp (Different Class)
Smashing Pumpkins (Mellon collie...)
Soul Coughing (Ruby vroom)
Tindersticks (The tindersticks 2º...)
Young Gods (Only heaven)

Melody maker

1-Pulp (Different Class)
-Tricky (Maxinquaye)
3-Oasis ((What's the story) morning...)
4-Black Grape (It's great when you...)
5-Tindersticks (The second album)
6-Radiohead (The bends)
7-Supergrass (I should coco)
8-Goldie (Timeless)
9-P.J. Harvey (To bring you my love)
10-Blur (The great escape)

MTV

1-Smashing Pumpkins (Mellon ...)
2-Foo Fighters (Foo Fighters)
3-Ruby (Everything is wrong)
4-Elastica (Elastica)
5-Tricky (Maxinquaye)
6-Silverchair (Frogstone)
7-Genius/GSA (Liquid swords)
8-Björk (Post)
9-Monster Magnet (Dopes to infinity)
10-Coolio (Gangsta's paradise)

New Musical Express

1-Tricky (Maxinquaye)
2-Oasis ((What's the story) morning...)
3-Black Grape (It's great when you...)
4-Radiohead (The bends)
5-Teenage fanclub (Grand prix)
6-Supergrass (I should coco)
7-Pulp (Different class)
8-P.J. Harvey (To bring you my love)
9-Blur (The great escape)
10-Goldie (Timeless)

As Falanges do Imperium

RUC 107.9 FM
Domingos 18.00 / 20.00

1-Nerve (Blood and gold)
2-Young Gods (Only heaven)
3-Death in June (Rose clouds of...)
4-Sonic Youth (Washing machine)
5-Strength Through Joy (The force of...)
6-Elastica (Elastica)
7-Dreadful Shadows (Homeless)
8-Tyske Ludder (Dalmarnok)
9-Whale (We care)
10-Smashing Pumpkins (Mellon...)

Ilustração: M. Hilário

Redacção: Paulo Antunes, Avelino Américo, Domingos Costa. Paginação/Maquetagem: Paulo Antunes, Mónica Hilário. Revisão: Carmen Hilário. Colaboração: Nuno Avila, Ricardo Matos.

Física

A biblioteca de Física engloba obras de departamentos recentes, tais como, Matemática, Electrónica, Electricidade Mecânica... Na década de 1970/80, quando se criaramos departamentos novos, os livros continuaram na biblioteca onde tinham permanecido até ali.

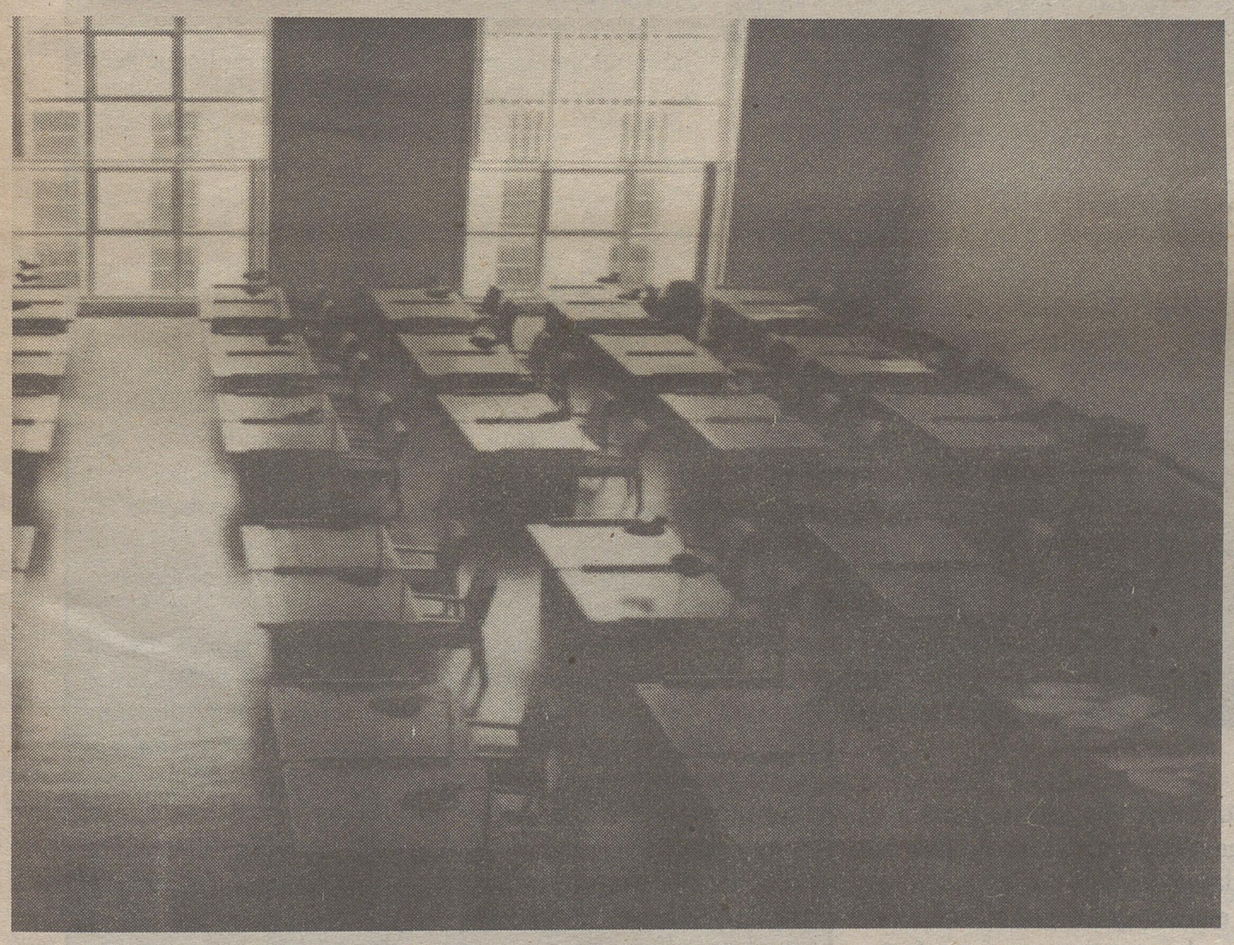
Esta é uma das maiores a nível nacional, em obras e revistas que assina. O Professor Doutor Armando Pônce Policarpo, presidente do Conselho de Departamento, observa que "a nível de departamento, a Biblioteca de Física é a melhor do país. Melhor mesmo que muitas bibliotecas europeias. Isto resulta de um facto simples: é pouco científica pois nas universidades estrangeiras há uma biblioteca central que abrange grande número de matérias".

Mas todo este prestígio não a isenta de dificuldades: Não há espaço suficiente para o armazenamento e o trabalho de investigação se dar sem atropelos; os funcionários não são suficientes, pelo que não é possível dispensar um funcionário para estar permanentemente ao balcão. Para auxiliar os alunos a Drª Fernanda Fava, bibliotecária, organizou uma sessão para ensinar a trabalhar com CD–ROM e fazer pesquisa na biblioteca (para além da folha volante com direitos e deveres dos alunos). Só apareceram três estudantes!

Uma das grandes riquezas desta biblioteca reside na conservação de séries do século XVIII e XIX no Laboratório Chímico, cuja consulta é realizada por mestrandos e doutorandos, acompanhados de um funcionário da biblioteca.

A falta de um sistema de segurança que garanta aos utilizadores um trabalho descansado após a saída dos funcionários, às 17.30h, é outro problema premente.

Falta mencionar a grave questão da verba. Desde os últimos anos que a assinatura de novas revistas não se faz e a aquisição de livros novos é extremamente lenta. Quanto à manutenção dos títulos de revistas, como nos expicou o Professor Doutor Armando Pônce Policarpo, a ausência de balanço de verbas leva a que haja um dispêndio de dinheiro desnecessário porque a biblioteca nunca está em condições de pagar antecipadamente. Para tal, seria necessário um reservatório de verba e a biblioteca não dispõe do dinheiro com antecedência. Perante este estado de coisas é no mínimo curioso que o Dr. Policarpo refira que "o orgão com mais importância e mais garantias a longo prazo é a biblioteca".



Química

Se as bibliotecas de Física, Matemática e Zoologia são as melhores a nível nacional, a biblioteca de Química foi a única elevada à categoria de Biblioteca Nacional de Química. Mas a atribuição do estatuto não foi seguida da dotação de orçamento próprio. A verba afecta à biblioteca não é autónoma perante a verba que o Estado entrega à Universidade. O resultado é que a melhor biblioteca do país em publicações periódicas, que exerce um importante serviço à comunidade através do apoio à investigação e a empresas, vive há muito numa situação amargurada, como nos explicou a Drª Rosa Maria, bibliotecária de Química.

A biblioteca tem vindo progressivamente a cessar a assinatura de revistas que recebia de longa data e, apesar de todo o seu prestígio, alguns distribuidores já deixaram de enviar os panfletos publicitários. Começa a ser impossível disfarçar o buraco de 40 mil contos respeitante a metade dos gastos de 1995 e de todos os gastos de 1996. E mesmo que este défice fosse coberto seria necessário igual montante de verba para garantir o funcionamento regular da biblioteca.

O facto de outras bibliotecas departamentais subsistirem com verba inferior não serve, no caso, de termo comparativo dada a quantidade de revistas assinadas há mais de meia centena de anos, e que não seria desejável deixar morrer, que constituem o espólio desta Biblioteca Nacional. Além de que é preciso contar com o preço elevado das monografias desta especialidade.

Apesar da inegável qualidade e mérito da investigação e da preparação dos estudantes licenciados, sem ignorar o trabalho junto das empresas, o Dr. Rocha Gonçalves, professor encarregue da Biblioteca teme o refexo da escassez de verba quer no material que se pode adquirir para a biblioteca quer mesmo no equipamento e estruturas de apoio a aulas práticas, que podem ficar seriamente comprometidas... Os funcionários são muito poucos para as necessidades, o que constitui uma das razões para o estabelecimento do sistema de livre acesso, com sa inevitáveis consequências: revistas recortadas, páginas rasgadas e um preocupante índice de desaparecimentos.

Mas não é possível alterar este estado de coisas. As "químicas" não têm técnicos de alta qualidade para fazer manutenção do equipamento. Estes não querem vir para a Universidade porque qualquer empresa paga mais do que as tabelas do funcionalismo público e os licenciados recusam–se a "descer" à categoria de técnicos...

Perante tudo isto não surpreende ouvir dizer que "a situação neste momento, no departamento de química; é uma desgraça"!

De facto o confito latente entre a estrutura da administração pública existente nas Universidades Portuguesas -impondo limites à contratação, ao valor dos salários, à aquisição de material e estruturas que só pode atingir o valor de 100 contos, a partir do qual é obrigatório concurso público- e a legislação sobre a autonomia universitária -que pressupõe uma outra realidade, uma Universidade flexível e dinâmica, dotada de infra–estruturas mínimas e de um tecido industrial forte e com mentalidade para investir- não permite o melhor funcionamento da instituição e a maior valorização dos seus cursos.

Perante a realidade social portuguesa e a crise que se atrvessa, o Dr. Rocha Gonçalves defende um elevado financiamanto das Universidades pelo Estado. Sendo certo que o PIB controlado pelo Estado português é mais de 50%. Mas seria necessário lidar com um orçamento mais realista, com as suas linhas mestras mais bem definidas.

A agilidade administrativa contida numa gestão "empresarial" seria um objectivo a alcançar. Mas não a curto prazo e nunca privilegiando a lógica de empresa, dado que o que se busca fomentar na Universidade é o ensino e a investigação.

Direito

A biblioteca da Faculdade de Direito sofre dos mesmos problemas que afectam todas as outras bibliotecas da U.C., com a diferença de que, quando se trata da FDUC é tudo um pouco mais complicado..."A CABRA" teve que passar pelo "crivo burocrático", pedindo autorização a um membro do Conselho Directivo antes de aceder a uma entrevista com a Dr. Ana Maria Osório. Supõe–se que a razão de tais precauções se prenda com o escândalo do desaparecimento de livros que os jornais "Expresso"(3 de Março 1984), "Tal e Qual"(26 de Outubro de 1990) e "Jornal de Coimbra"(10 a 16 de Outubro 1990) noticiaram. Na altura, o Expresso encabeçava o artigo com o título: "Biblioteca de Direito de Coimbra. Milhares de livros desaparecidos." Na leitura que se seguia concluía–se que a situação se devia à prerrogativa de que os docentes beneficiam de levar os livros para os seus gabinetes (ou mesmo para as suas residências), no que é(ra) considerado leitura de presença.

O espaço disponível não é muito e a sala de leitura , de 80 lugares para a biblioteca, é claramente incipiente para os milhares de alunos da Faculdade, o que provoca a sua total lotação diariamente. Mas a alteração à estrutura do prédio não está à vista pois depende do aval do organismo que zela pelos Monumentos Nacionais. No entanto conservam–se grandes esperanças na mudança da Faculdade de Farmácia para a zona dos antigos Hospitais da Universidade, o que permitirá ocupar aquele espaço.

A secção de textos da Faculdade, cedida a um concessionário, foi criada com o intuito de fornecer aos alunos as fotocópias dos artigos das revistas de leitura aconselhada. Visava–se com esta medida afectar a única fotocopiadora da sala de revistas às necessidades dos docentes e alunos de mestrado, "limitando o acesso a uma multidão de utilizadores e mantendo naquela sala condições óptimas de leitura".

Mas, dado que a secção de textos não cumpre com eficácia as funções para que foi criada pois chegam a levar meses para fotocopiar os trabalhos pedidos, e as revistas não podem, em situação alguma, sair da sala, o acesso dos estudantes a estas fica seriamente restringido. Especialmente se os estudantes procurarem ir um pouco mais além nas suas leituras do que é aconselhado nas aulas.

No que respeita a monografias, alguns alunos de mestrado lamentam haver matérias sobre as quais há muito menos informação que outras, mais contempladas.

Nesta matéria a Drª Ana Osório apenas referiu ter havido uma distribuição de verba proporcional pelas várias secções que correspondem aos diferentes ramos do direito. A escolha das monografias a comprar fica ao critério dos professores de cada secção que elaboram uma lista de prioridades; de seguida é necessário o aval do professor encarregue da biblioteca, o Professor Doutor Rogério Soares.

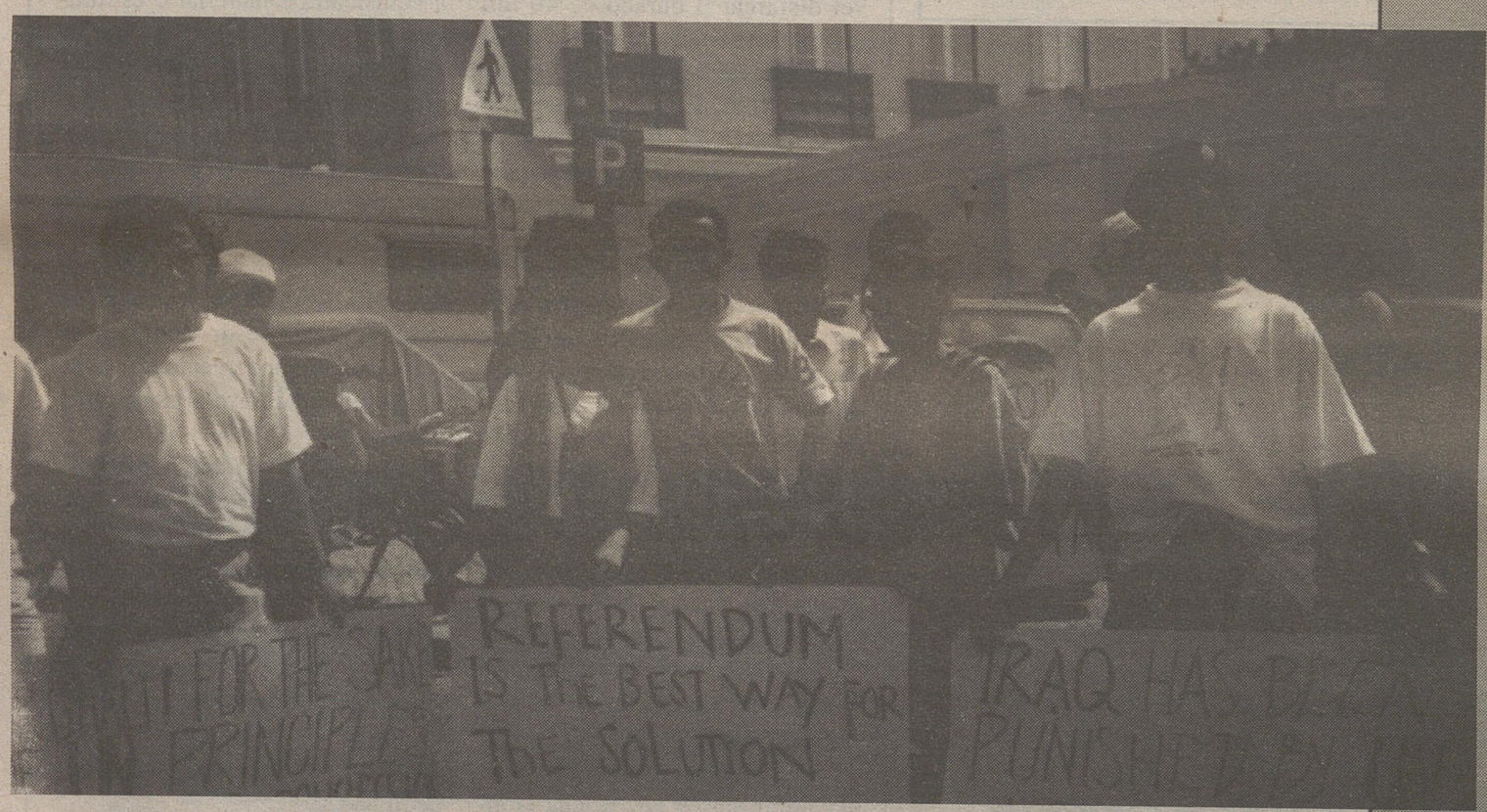
No tocante a verbas foram gastos 22000 contos em monografias e revistas e 900 contos em encadernações de obras recentes e restauros.

Renetil aponta o dedo a Portugal

História *Interminada*

Entre as conclusões a tirar dos acontecimentos mais importantes para a causa timorense decorridos no último mês, a Renetil afirma que a descolonização portuguesa não chegou a ser completada e que a democracia em Portugal nunca será completa sem a independência de Timor .

Três foram os eventos realizados no mês de Fevereiro e no início de Março que vieram acender mais achas na fogueira morna das relações internacionais com vista à resolução da causa timorense. A saber: A Conferência de Lisboa, a Conferência Euro–asiática e as Jornadas Lusófonas, realizadas em Coimbra. Todas elas seguidas atentamente pela delegação da Renetil em Coimbra, que acedeu comentar pela voz dos seus membros, os pontos quentes em cada uma e a perspectiva sócio–política portuguesa dentro do assunto.



"A democracia em Portugal nunca será completa sem a independência de Timor", palavras da Renetil–Coimbra adaptadas das conclusões da delegação indonésia pró–democracia, presente na conferência de Lisboa, que rezavam: "A Indonésia nunca terá um regime democrático enquanto Timor não for um estado independente". Segundo os membros desta organização "o objectivo do 25 de Abril era a democratização de Portugal e descolonização para as colónias. Então, se Timor nunca chegou a ser descolonizado, o objectivo do 25 de Abril nunca foi cumprido". " Embora os portugueses tenham saído de Timor, a descolonização nunca foi feita, porque Portugal abandonou o Território e deixou-o à mercê da invasão indonésia", sublinharam os resistentes estudantis timorenses. Declarações exclusivas para o nosso jornal, proferida pelos membros da resistência estudantil timorense.

Três em um

Na conferência de Lisboa, realizada entre 22 a 24 de Fevereiro, estiveram presentes representantes de vários países do Continente americano, do Canadá à Argentina, da Oceânia, da Europa e de vários países asiáticos, entre os quais, Timor e a Indonésia. Os pontos em discussão neste evento foram os mais variados dentro da realidade da situação do território de Timor–leste. Falou–se da intervenção do Primeiro Ministro português e do Presidente da AR na matéria, da necessidade de uma intervenção mais directa por parte da diplomacia nacional e de arranjar formas mais concretas de luta em prol da independência do território.De realçar dois acontecimentos. O debate entre jornalistas e membros de orgãos de comunicação social sobre a matéria e a presença de uma delegação indonésia pró–democracia na conferência, reforçando a ideia de uma crescente oposição interna ao governo de Suharto. Novas conferências irão realizar–se em sítios tão díspares quanto a Irlanda e a Malásia, levantando–se a hipótese de promover uma realização semelhante em território indonésio. Esta iniciativa, embora apoiada por inúmeros docentes das universidades indonésias entre outras individualidades daquele país, não passa ainda de uma possibilidade.

A Cimeira Euro–asiática foi, no parecer da Renetil, o evento mais importante a nível de internacionalização da sua causa dos últimos tempos. António Guterres terá mesmo colocado a diplomacia indonésia numa situação mais defensiva, através de uma abordagem inovadora às relações diplomáticas entre os dois países, o que fez com que Ali Alatas tivesse de utilizar uma "argumentação antiquada". A proposta do PM conseguiu, segundo a Renetil, mobilizar os europeus para a causa maubere através da internacionalização da questão. Durão Barroso, antigo Ministro dos Negócios Estrangeiros, já tinha proposto isto, basicamente, mas o facto da proposta de Guterres ter sido feita em plena Cimeira, entre os primeiros ministros de quase todos os países dos dois continentes, foi o factor inovador da questão e o que deu mais enfâse à mensagem. O Primeiro Ministro utilizou, na perspectiva da Renetil, uma boa estratégia de diálogo, aceite simultaneamente pela resistência timorense e pelo Estado indonésio. Em resumo, a Cimeira foi positiva pois abriu os campos da diplomacia, teve mais impacto a nível internacional e obrigou a Indonésia a jogar à defesa, situação pouco frequente.

Por último, mas não menos importante, a Renetil destacou os Encontros lusófonos realizados em Coimbra neste mês, onde participou com o estatuto de observador. Isto porque existem três critérios para se ser membro dos países lusófonos: Ter como língua oficial o Português, ser–se país independente e manter relações culturais com Portugal. Ora, Timor tem o Bahasa–indonésio como língua oficial, embora toda a gente fale o Tetum (muito poucas pessoas falam a língua de Camões), não é um país independente e só as relações históricas e culturais com Portugal o ligam com a "irmandade" lusófona, concedendo–lhe ainda e somente o estatuto de observador nestes certames. Porém, a participação nas Lusófonas é considerada positiva pelos resistentes estudantis mauberes, sendo vista como uma oportunidade de aproximar Timor dos países lusófonos, de sensibilizar para a causa e de divulgar a cultura do seu país, através da exibição de um grupo de folclore maubere que actuou nos passados dias 9 e 13 deste mês.

Ricardo Rocha Diniz

Opinião

Como a Causa timorense deve interessar a todos aqueles que se interessam pela questão dos direitos humanos, conjecturando que todos os intervenientes da nossa Academia se interessam pelo assunto, decidiu a Secção de Jornalismo criar uma página própria sobre a matéria. Não é nossa intenção criar um espaço de campanha ou de sensibilização directa do assunto, mas sim, contar o que se tem passado no passado, actualizar essa informação todos os meses e abrir as portas do jornal a todas as diferentes opiniões de todos os pontos de vista possíveis sobre a matéria. Achamos que isto será o suficiente para que o leitor menos informado tire conclusões próprias sobre o assunto, para o que tenha algumas luzes fique mais iluminado e para o que se ache inteiramente dentro do assunto se actualize periodicamente.

Dar uma mão!

Em 1975, a Indonésia, militarmente o país mais forte no Sudeste Asiático, com apoios das potências ocidentais, invadiu o território de Timor–leste. A estratégia que o governo invasor utilizou durante vinte anos contra o povo maubere foi, em primeiro lugar: eliminar a resistência, principalmente a resistência armada que contava com apoios das populações. Era, aliás, uma resistência de índole popular; Segundo ponto da estratégia: Influenciar os jovens timorenses. No início dos anos 80 o Governo indonésio implementou um novo programa que estipulava que os estudantes timorenses tinham acesso privilegiado às universidades indonésias em várias cidades. A maior parte dos timorenses são bolseiros do governo de Soeharto. Além disso, o Governo ocupante criou uma mecanismo para vigiar e controlar todos os estudantes timorenses. O objectivo principal por parte do Governo da Indonésia é de nos influenciar com a sua ideologia política, sócio–económica e cultura. A última estratégia da Indonésia é bloquear as informações sobre Timor, ocultando–as da Comunidade Internacional e da própria população do seu país. Para os generais indonésios, quanto maior for o silêncio, mais depressa nos ganharão a guerra em Timor.

O povo maubere sempre lutou contra os agressores indonésios.

Por intermédio dos estudantes timorenses nasceu o movimento clandestino dentro do país de Soeharto. Neste movimento estudantil, a maior parte dos universitários criou mecanismos e estratégias para responder e combater ao assédio do Governo indonésio. A estratégia principal do movimento estudantil é isolar rapidamente os jovens timorenses, vacinando–os contra as tentativas de "lavagem ao cérebro" indonésias, denunciar os crimes de violação dos direitos humanos em Timor–leste e preparar os jovens timorenses para integrar os quadros administrativos de Timor, para desenvolver a política construtiva após a independência nacional. Esta resistência tem sido dura e longa para que os generais indonésios não consigam ganhar a guerra em Timor–leste de uma vez por todas. O massacre de Santa Cruz, a 12 de novembro de 1991, abriu uma nova história na resistência do povo Maubere, pois todos os orgãos de comunicação social internacionais debruçaram–se sobre o acontecimento no cemitério de Dili, denunciando os crime do governo de Soeharto naquele território. Ainda mais chocante para os portugueses foi ouvir os timorenses rezar em português, sinal que o povo de Timor tem ainda grandes raízes culturais a ligá–lo ao povo português. Na história de Timor, os timorenses sempre defenderam os interesses de Portugal nos aspectos políticos, culturais, jurídicos e históricos. No início da Segunda Guerra Mundial foram massacrados 42 mil timorenses pelos japoneses, em defesa dos interesses portugueses. Nos últimos vinte anos os indonésios massacraram quase um terço da população timorense, resistentes em nome de Portugal. Por isso os portugueses têem o dever moral, histórico, político e jurídico de se solidarizar com povo maubere. Saudamos a Universidade de Coimbra por terem tido a iniciativa de assinar protocolos com alguns orgãos de comunicação social no ambito da divulgação da nossa causa, feita por meio da Internet.

Vamos não só ser solidários na Palavra mas ajudar o povo de Timor a alcançar a sua liberdade através de actos concretos.

António Ramos da Silva,
membro da secção da Renetil–Coimbra

A vida de um estudante PALOP no nosso país

Era uma vez... em Portugal

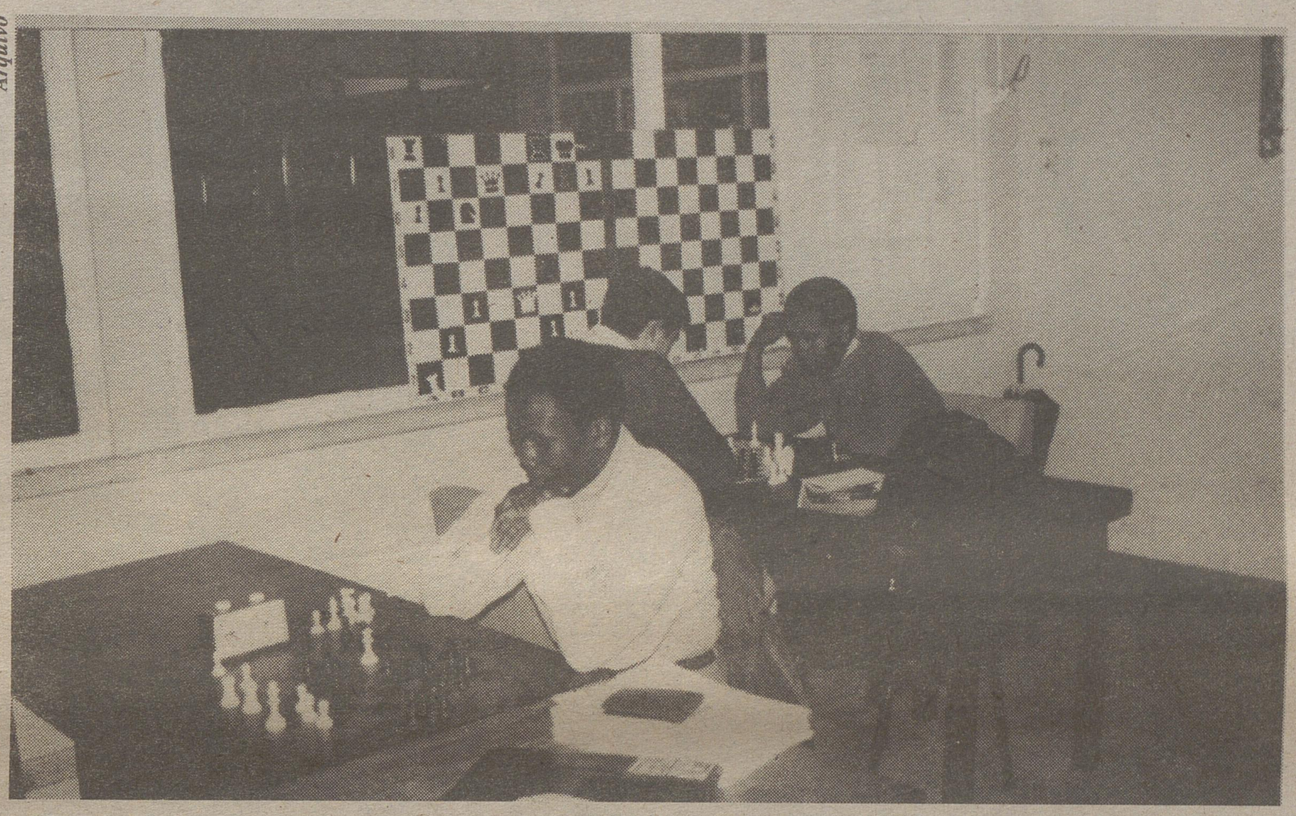
Seguindo a nova linha editorial da Cabra, publica–se hoje uma página inteiramente dedicada a África, tratando de todos os assuntos que possam interessar à Academia e, em especial, a todos os nossos colegas que nasceram nesse continente. Para uma página nova nada melhor que começar pelo início, ou seja, contar todas as etapas da estada destes em Portugal, através de um conjunto de peças temáticas, baseadas em depoimentos dos intervenientes.

Génese de uma vida estudantil em Portugal: Motivo, vinda, adaptação e sustento.

São jovens, africanos e estudam em Coimbra. Chegaram dos países de língua oficial portuguesa e todos têm uma experiência interessante para nos contar.

Poderíamos começar com um "então e porquê?". "Porquê vir para o estrangeiro, sair do vosso país, largar a vossa família e desembarcar numa sociedade tão diferente, com tantas incógnitas?" Para estudar - foi a resposta de todos. Mas o consenso parou por aí. Os motivos de tão grande mudança variam naturalmente de pessoa para pessoa e são ainda condicionados pela realidade social e educativa dos seus países. Se na Guiné é a inexistência de um ensino superior que satisfaça a procura daqueles que completam o 12º ano (só existe uma faculdade, a de Direito) que leva os estudantes a fazer as malas, em Angola e Moçambique existe Universidade, mas o desejo de frequentar um curso no estrangeiro, com mais prestígio, e o desejo de conhecer novas culturas, de viver num país que não coloca barreiras à sua liberdade (muitos dos estudantes vieram para Portugal ainda o seu país estava em guerra) foram alguns dos motivos determinantes para que os estudantes africanos viessem estudar para o estrangeiro.

Arquivo



Portugal é um dos principais destinos destes aventureiros. Quando podem escolher o seu destino, a língua portuguesa é o factor de primeira ordem para a opção por Portugal. Depois, o facto de muitos deles terem familiares em Portugal e os séculos de história comum foram também mencionados para justificar a escolha do nosso país. Mas em Angola, a escolha do país de destino não foi concedida a muitos estudantes. Estes candidataram–se a uma bolsa de estudo no estrangeiro e foi o Ministério da Educação quem determinou o país onde iriam estudar. Assim, tanto poderiam ir parar à Bulgária ou à ex–URSS, para os países do leste europeu com os quais o seu Governo mantinha afinidades políticas, como poderiam vir para Portugal.

Oficialmente, o critério de selecção é estabelecido pelas notas. Recebem bolsas para estudar no estrangeiro os candidatos com melhores notas. Mas na prática, por vezes este critério é subvertido e os bons alunos só conseguem vir para o estrangeiro após muitas insistências, segundo apurámos de alguns estudantes.

O Primeiro Ano

Chegados a Portugal, os estudantes não entram directamente na Universidade. São colocados numa escola secundária em qualquer ponto do país e aí frequentam o 12º ano. Este ano zero é uma fase de adaptação à sociedade portuguesa, aos métodos do sistema de ensino e suscitou reacções totalmente díspares entre eles. Carlos, moçambicano, considerou muito bom o seu primeiro ano em Portugal. Colocado em Vila Real, logo gostou dos transmontanos, que se lhe revelaram como pessoas francas e abertas. Um estudante guineense, que não se quis identificar, frequentou o 12º ano em Lisboa e com a ajuda de familiares, de amigos e companheiros de turma foi–lhe possível uma integração sem grandes sobressaltos, equilibrada. Carla, angolana, esteve em Águeda e sentiu muitas dificuldades. À excepção do Conselho Directivo da sua escola, ela e os seus compatriotas foram a princípio muito mal recebidos pelas pessoas de Águeda. Conclui–se, pois, que cada caso é um caso e não é possível tomar uma experiência isolada e daí generalizá–la a todos os estudantes.

Uma vez terminado o 12º ano, é–lhes informado que Universidade irão frequentar. Normalmente, são colocados na cidade universitária mais próxima da escola secundária onde estudaram e não são tidos nem achados nesta escolha.

A Bolsa de Estudo

Praticamente, o único meio de subsistência da generalidade destes estudantes é a bolsa de estudo. Daí que sejam frequentes afirmações como o "problema fundamental dos alunos africanos é a bolsa, sem ela não se pode fazer nada". E a bolsa é mesmo um grande problema, porque se nos casos em que ela é paga sem atrasos, o seu valor é considerado insuficiente (por exemplo, um moçambicano recebe 47.000$00 por mês); nos casos em que ela é considerada perfeitamente suficiente (um angolano, em princípio, recebe 105.000$00 mensais), o seu pagamento é efectuado com grande irregularidade. Existem estudantes angolanos com 19 meses de bolsas em atraso (quase 2.000 contos!) e por isso não é de estranhar o protesto generalizado desta comunidade estudantil.

Sentindo grande dificuldade em conseguir um emprego em part–time e sendo muito difícil conciliar os estudos com um emprego a tempo inteiro, é facilmente compreensível a situação difícil em que se encontram muitos estudantes africanos. É que as rendas dos quartos, os preços dos livros e das fotocópias, da alimentação, do vestuário, dos transportes e de um sem número de necessidades que todos sentimos não se compadecem com bolsas baixas e atrasadas. Assim é a primeira parte da vida de um estudante africano em Portugal...

Nuno Brandão

No nascimento da Casa de Angola

Bolsas fora da bolsa

Finalmente, a comunidade angolana de Coimbra deu um passo em frente na concretização de uma realidade que consolidasse a sua união, através da assinatura da escritura pública da Casa de Angola de Coimbra. Na ocasião esteve presente, além de vários representantes desta comunidade, sobretudo estudantes, o embaixador daquele país em Portugal, José Patrício, que, abordado pelos jornalistas presentes, fugiu , literalmente, "com o cú à seringa" à questão dos atrasos no pagamento das bolsas aos estudantes daquele país. Patrício baseou–se nas condições socio–económicas do seu país para explicar estes atrasos, que, em alguns casos chegam a atingir os 19 meses, considerando que esta situação é "uma nódoa na reserva estratégica de Angola no exterior". Segundo o mesmo diplomata, toda esta situação será resolvida quando a paz reinar no país, pois este factor é mesmo a prioridade número um do seu governo. "Equacionando a questão da paz, podemos resolver todos os défices do país. O défice alimentar, défice sanitário e também o problema das bolsas", adiantou ainda. Sobre a casa de Angola em si, José Patrício considerou que se abria assim "uma janela para que Coimbra conheça melhor" este país.

Entretanto, a casa de Angola ainda não conseguiu encontrar um edifício onde estabelecer sede, mesmo tendo sido realizadas diligências nesse sentido, especialmente por Bento Monteiro, um dos estudantes responsáveis pelo projecto. Até esta situação ser resolvida, a nova Casa de Angola funcionará provisoriamente nas instalações do Instituto da Juventude.

RRD

Encerramento do "Pratas" gera inconformismo entre os estudantes.

Ag* negativo

O "Pratas" vai fechar . Os estudantes revoltam-se e isto cria um clima de tensão entre eles e a Reitoria. As soluções vão surgindo.



João Bchão

A Dona Ana confraterniza com estudantes

A História do "Pratas"

Esta casa foi aberta em 1930 por um espanhol. Anos mais tarde, foi trespassada para o Sr. Leonardo e é só a partir do dia 1 de Agosto de 1962 que o Sr. Prata fica a tomar conta desta "tasca". É aqui que realmente começa a verdadeira história da "Casa Prata", assim chamada pelo seu novo proprietário mas que se celebrizou como sendo o "Pratas"...

Este lugar é ampliado e vai desse modo suscitar um autêntico "assalto" de estudantes. Várias gerações foram por lá passando tornando-o um lugar de "culto" e de praxe. A sua história está visivel nas paredes onde centenas de pessoas deixaram poemas, canções e o que restou do rasganço das suas formaturas, muitos deles feitos na própria casa. "... Já lhe perdi a conta, mas seguramente estarão aqui mais de mil formaturas.", disse-nos o Senhor Prata pensando nesses legados.

A simpatia e simplicidade características deste local atraíram cada vez mais a atenção das pessoas. O Senhor Prata e a sua mulher, Dona Ana, conseguiram pôr completamente à vontade os estudantes e receber a sua vista obrigatória quando saiam de uma frequência ou exame. Se corresse bem, bebiam e comemoravam; se corresse mal, bebiam e esqueciam.

Em 1971 o edifício onde se situa esta Casa é comprado pela Reitoria à familia Barril D'Alva. Até 1980, ano da inauguração do bar da Faculdade de Direito, era denominado "Casa Prata - Bar do Direito". Manteve-se erguida durante todos estes anos e agora tudo parece ruir.

Problema

A Reitoria aponta a necessidade de encerrar este lugar devido ao estado lastimável em que se encontra. Pretende-se restaurar o edifício, mas isso exige que ele seja desocupado.

Esta notícia gerou muita controvérsia. O próprio Senhor Prata concorda que o local não tem condições, uma vez que uma parte da construção e do telhado já ruíram. Afirma também que não pode continuar o seu trabalho se não forem feitas obras. Porém, mudar de lugar seria "matar" a Casa e toda a tradição que a rodeia, porque há coisas que não podem ser alteradas por mais que se queira. Isto apesar da Reitoria ter proposto uma idemnização ao Senhor Prata e à Dona Ana.

Soluções??!!!

Várias soluções foram propostas, desde o realojamento noutro sítio ao encerramento definitivo. Esta última hipótese foi posta de parte por toda a "rapaziada", dizia-nos o Senhor Prata. A Reitoria permitiu que fossem sugeridos locais para a mudança. Assim surgiram os nomes das zonas do bairro de Sousa Pinto, de S. Salvador ou mesmo do Hospital velho, tendo o Senhor Prata confessado preferência por este último.

A vice-reitora, Dra. Teresa Mendes, terá dito que, após a restauração do edificio, talvez seja possível o regresso da Casa ao mesmo local, sendo portanto uma mudança temporária, mas isso ainda levará tempo a acontecer. Esta preocupação da vice-reitora é saudada com apreço pelo Senhor Prata.

Opiniões

Como seria de esperar, a classe dos discentes é a que faz mais oposição ao encerramento do "Pratas", uma vez que já faz parte da tradição e do dia-a-dia de muitos deles. Entre aquelas paredes passaram-se inúmeras histórias que se perdem na memória dos donos do local e estão mesmo dispostos a fazer um abaixo assinado, o qual já se encontra em andamento. Se isso não der resultado, poderão mesmo avançar com uma manifestação contra o encerramento. Porém, já vários alunos se ofereceram para ajudar na mudança, caso esta se vier a confirmar.

"Pratas" lança apelo

O Sr. Prata acha que está na altura de tomar uma decisão. Caso esta passe pelo encerramento definitivo, ele oferecerá todo o "recheio" da Casa, que ele considera como parte integrante da história da Universidade de Coimbra, ao Museu Académico.

"Peço a colaboração de todos e mostro-me grato e sensibilizado com a rapaziada!", comentou-nos o Sr. Prata, que pediu o apoio da Câmara Municipal de Coimbra. O que ele preferia mesmo era que não se desocupasse a Casa e ao mesmo tempo fossem resolvidos os pontos mais críticos da sua conservação."Nunca criei problemas a ninguém, por isso não vejo razão para o que está a acontecer...".

Deste modo, continua em aberto o desfecho deste problema que todos esperam que se resolva o mais brevemente possivel. É que centenas e centenas de pessoas passaram muitos e bons momentos num lugar que se arrisca a desaparecer.... E onde está gravado numa parede o seguinte: " O camelo é o animal que mais tempo aguenta sem beber.....não sejas camelo!". Então, já sabes, vai ao "Pratas"!!!

Olga do Vale

***Ag é o símbolo químico da prata. Estão a ver o trocadilho? É um título inteligente, não é? Fomos nós que inventamos!!**

Reabertura da Casa da Madeira

Lar, doce lar

A reabertura da Casa da Madeira de Coimbra deu–se no passado Sábado, dia 2, e contou com a presença do Presidente do Governo Regional da Madeira - o Dr. Alberto João Jardim - que não dispensou o seu habitual bom humor para este acontecimento. Depois da inauguração oficial e tomada de posse da nova direcção, cujo presidente é Gabriel Leça, um simpático cocktail abriu o apetite para um sumptuoso jantar no Palácio de São Marcos, estando presentes sócios e amigos da Casa. À noite, as portas voltaram, finalmente, a abrir–se ao público, havendo agora um novo espaço não só para os madeirenses, mas para toda a cidade de Coimbra. Os "maderenses" agradecem os "elhogios".

João Bichão



A Casa da Madeira visa fundamentalmente promover e divulgar a arte, cultura, valores e tradições madeirenses, assim como proporcionar, na sua sede, um local de convívio e apoio a todos. Goza do estatuto de pessoa colectiva de utilidade pública, já desde 1994 (decreto–lei ainda assinado por Aníbal Cavaco Silva) e oferece instalações completas e bastante organizadas em ordem a prosseguir o objectivo de oferta de serviços eficazes.

As mudanças que a remodelação trouxe concretizam–se em diversos espaços: uma secretaria (cujo horário de funcionamento é 9h-12h30 e 14h30-19h), uma sala de computadores (adquiridos graças à Secretaria Regional da Educação da Madeira), uma sala da direcção, uma sala de televisão onde em breve haverá TV por cabo (aberta das 9h às 24h), uma sala de exposições (na qual qualquer grupo ou instituição pode expor, mesmo sem ser madeirense), uma sala do Grupo de Cantares Madeirenses da Academia de Coimbra (GCMAC) onde este se reune para ensaios e que funciona também como biblioteca, dois W.C. totalmente remodelados, um pequeno pátio com telefone público, um bar com esplanada e uma cozinha.

O bar é de exploração autónoma e o equipamento de cozinha, adquirido através de um contrato de leasing, constitui uma inovação útil, dado que permite, agora, servir refeições rápidas.

Secções

A secção do Grupo de Cantares (GCMAC) existe há já alguns anos, realizando espectáculos por todo o país. Estre grupo dispõe agora de uma sala onde se pode reunir e ensaiar. Alguns instrumentos musicais encontram–se, de facto, já aí. Na mesma sala funciona a secção da biblioteca.

Além da secção de fotografia e da secção de informática (esta reservada aos sócios), existe ainda uma secção de desporto que já organizou três torneios com boa afluência. Os madeirenses desafiam quem os quiser tentar destronar da vitória.

Em projecto encontra–se uma Escola de Música que permitirá aos sócios a aprendizagem de qualquer instrumento musical.

Não é só um bar

O crescimento da Casa leva ao crescimento dos serviços, agora facilitados pela assinatura de protocolos recentes que proporcionam aos madeirenses o apoio em várias áreas. Assim, além da parte recreativa que todos conhecem, a Casa faz serviço de secretaria que funciona como a Filantrópica, tratando de matrículas, abonos, tropa ou reservas de viagens para os alunos das Faculdades e também do Instituto Politécnico. Isto é possível graças ao protocolo para Serviço de Procuradoria assinado com a Reitoria.

O SAD é o Serviço de Apoio ao Doente, que ajuda qualquer pessoa da Madeira, em termos de instalações hospitalares ou alojamento. Note–se, portanto, que a Casa não é só virada para os estudantes.

Além disso, também disponibiliza a qualquer sócio um cartão da Makro para que façam lá as suas compras.

Menu & Preços

Comidas		Bebidas	
Bifana		Café	55$
Prego		Fino	110$
Salsichas		Tulipa	150
Omomelete		Coca–cola	100$
Hamburguer		Sumos	100$
Sandes, Batatas fritas		Seven Up	100$
Panados		Vinho da Madeira	150$
Moelas		Amêndoa Amarga	150$
Frango		Martini	150$
Costoleta		Vodka	300$
Dobrada		Gin Nacional	300$
Bacalhau cozido		Gin Estrangeiro	350$
Bacalhau à braz		Whisky Novo	350
Caldeirada		Whisky Velho	450$
Carapau, Lulas, Filetes			

10 anos

Existem Casas da Madeira em Lisboa, Porto e Braga. Em Coimbra comemora–se este ano o seu 10º aniversário.

Inicialmente, a sede era na Rua da Sofia, mas o Governo Regional arrendou o espaço na Praça da República, começando desde aí a dar apoio, não só no tocante à renda, mas também em diverso material. Já desde aí, a Casa pretendia ser um local onde se pudesse reunir um grupo de estudantes madeirenses e um ponto de encontro para os caloiros que chegavam desamparados da sua ilha.

Hoje em dia, o número de sócios ultrapassa os 500, tendo 200 sido inscritos no último ano. 600$00 por trimestre é a quantia que têm que pagar para manter as quotas em dia e auferir de todas as vantagens que lhes são proporcionadas.

A Casa da Madeira estrutura–se em três corpos sociais: a Assembleia Geral, a Direcção e o Conselho Fiscal.Os membros destes órgãos têm por dever zelar pelo património desta Casa contribuindo diligentemente para o seu prestígio e dignidade, respeitando os novos estatutos a ela referentes.

Maria Luís Marinho

IRLANDA NA MADEIRA

Irlanda–México foi um jogo de futebol disputado no Mundial dos Estados Unidos em 1994, exibido na televisão e seguido pelo grande número de adeptos do desporto rei. Também a Casa da Madeira seguiu esta partida não só com madeirenses, mas igualmente com um grupo entusiasta de cinco irlandesas louras, embrulhadas em cachecóis e torcendo à distância pela sua selecção. Mais frenéticas que a maioria dos frenéticos, as meninas vibravam com o jogo e com a cerveja que não parava de chegar à mesa. A certa altura, já ninguém prestava atenção ao futebol, a não ser elas que provocavam sorrisos devido ao grande entusiasmo que revelavam. Esta característica é, aliás, associada aos adeptos irlandeses no que toca ao desporto, não só aos homens como também às mulheres, o que foi constatado nesse dia pelos portugueses.

A Irlanda perdeu, porém, isso não impediu que a festa prosseguisse, continuando as estudantes do Erasmus a divertir–se bastante, reconhecendo a simpatia da Casa e caracterizando, à saída, este espaço como o melhor bar de Coimbra.

M.L.M.

PRAXE E CALOIROS

Inicialmente, a Casa da Madeira era vista como um local de praxe, o que afastava a maior parte dos caloiros que continuavam a ser alvo das travessuras que lhes faziam cá fora.

Muitas vezes, eram obrigados a empurrar com o nariz uma moeda, de um lado ao outro da Casa, pelo chão sujo e lascado, ficando alguns com o nariz esfolado. No entanto, ao chegar ao fim, tinham à sua espera um copo de aguardente de cana para beber de penalty como recompensa do esforço. Porém, como um dos caloiros não podia beber aguardente, foi–lhe prometido Pisang Ambon; só que, no final do percurso, alguém já lá tinha ido beber, ficando o caloiro com o copo vazio...mas por pouco tempo, pois o copo voltou a encher–se.

M.L.M.

Humor, Amor e Ódio

TEUC apresenta " Fando e Lis"

" Fando e Lis " é a nova peça do TEUC que estreia no dia 27 de Março, Dia Mundial do Teatro. Permanece em cena até ao dia 31 desse mês. O texto é de Fernando Arrabal e data de 1955. A encenação é de Paulo Castro. As representações terão lugar no Teatro Académico Gil Vicente.

Esta peça gira em torno de relações onde o amor e o ódio se alternam e se misturam. Fando, homem violento que surge como causa da infelicidade de Lis, é ao mesmo tempo imprescindível para ela. Lis é uma mulher paralítica que Fando leva a Tar onde tentam chegar três homens de guarda-chuva. Pode parecer estranho, mas não podemos esquecer que esta é uma peça onde "um humor absurdo vem aliar-se ao desenrolar das inconstâncias dos personagens".

No entender do TEUC, estamos perante uma peça que "convida à reflexão sobre um mundo incompreensível, hostil e alienante, gerador de vítimas e de indefesos que, lançados no drama da esperança, jogam a vida e a morte".

Fazem parte do elenco Elsa Rodrigues, João Pedro Vaz (assume também a assistência técnica), Pedro Sousa, Nelson Rodrigues e Sandra Resende (responsável pela tradução e pesquisa do texto e, ainda, pela caracterização). A cenografia é de João Mendes Ribeiro, o desenho de luz de Jorge Ribeiro e a fotografia de António José Martins. Os figurinos e grafismo estão a cargo de Teresa Amaral, a sonoplastia de Rui Capitão e Pedro Cabral, a luminotecnia de Paulo Esperança. Os assistentes de cenografia são Alexandre Areeira Silva, Jorge Simões, Luís Pedro Crisóstomo e Paulo Girão. Por fim, resta dizer que a produção do espectáculo ficou nas mãos de Alexandra Eusébio e Elisa Nazário.

Encontros de Teatro Universitário em Coimbra

SEGUNDO ACTUS

De 13 a 19 de Abril vão decorrer os Segundos Encontros de Teatro Universitário — acTUs. Dá–se, assim, continuidade a uma iniciativa que começou no ano passado. Em 1996, regista–se para já uma novidade: a abertura de um atelier que funcionará de 8 a 13 de Abril. Este último terá como objectivo a preparação de um teatro de rua que inaugurará os encontros propriamente ditos. Terá a encenação de Pompeu José do ACERT–Trigo Limpo e contará com a participação de mais de duas dezenas de elementos de grupos de teatro universitário. Este teatro de rua vai apresentar–se, à tarde, na Baixa da cidade e articula–se com o projecto da associação recentemente criada chamada Pró–Urbe. Neste mesmo dia 13 haverá também um jantar de confraternização com os membros dos grupos de teatro participantes e alguns convidados na Cantina das Químicas.

ACTUS 1996

Tal como no ano passado, várias são as peças e os grupos que estarão em Coimbra.

O BALLET TEATRO chega com "Vai Vem", encenado por José Wallenstein. O CITAC, aproveita para repor " O Jogo de Massacre", encenado por Dato de Weerd. A Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa também virá a Coimbra. Vindos de Aveiro, os elementos do GRETUA apresentarão " [illegible] de um Morto" com encenação de Mário [illegible] tenegro. Oriundo de Lisboa, o Grupo de Teatro de Letras traz–nos " Os Canívoros " que conta com a encenação de Ávila Costa.

Também da capital do país vai chegar o Grupo de Teatro do Instituto Superior Técnico que, com base no texto "As Aventuras de João Sem Medo" de José Gomes Ferreira, nos vai apresentar "Neste–Lado Do Lado–De–Lá (ou o meu bacalhau com batatas)" encenado por Pedro Matos. " Fando e Lis ", encenado por Paulo Castro, é a peça do TEUC que estará igualmente presente nos encontros . Os locais de apresentação destas peças de teatro são o IPJ, o Teatro Académico Gil Vicente e o Teatro Estúdio do CITAC.

Existem, para além disto tudo, outras actividades previstas: animação nocturna com café–teatro, uma conferência que decorrerá provavelmente no mini–auditório da AAC, a edição de uma revista focando os primeiro e segundo encontros e uma exposição de fotografia a recordar o acTUs do ano passado.

Todas estas iniciativas resultam de um trabalho organizativo que nem sempre foi fácil. Além disso, esse trabalho esteve a cargo de um número mais reduzido de pessoas comparativamente ao ano passado: Lucinda Gomes, Sandra Correia e Vasco Rodrigues. Os apoios surgiram de várias entidades: Fundação Calouste Gulbenkian, Região de Turismo do Centro, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.

André de Brito Correia
Susana Flores

Piano! Molto Piano!

No dia 21 de Março, pelas 21h 30m, o TAGV vai voltar a encher–se com as sonoridades do piano de Anne Kaasa, pianista norueguesa trazida mais uma vez a Coimbra pela mão da Papagueno e de Paulo Enes da Silveira.



Augusto Brázio

Aliás, não é pela primeira vez que Coimbra tem oportunidade de ouvir esta pianista de renome, também professora de piano no Conservatório Nacional em Lisboa. Anne Kaasa já passou por cá aquando das primeira e terceira edições do Festival Internacional de Música de Coimbra e também alguns concertos da Casa Museu Bissaya Barreto, nos quais, diga–se de passagem, impressionou, pois quem ouviu garante que não esquece.

Anne Kaasa obteve o seu primeiro diploma de piano no Conservatório de Trondheim tendo, depois disso, estudado piano e música de câmara durante três anos em Paris, como bolseira do governo francês e norueguês, para além de vários estágios, nomeadamente com os pianistas Eva Knardahl e Jens Harald Bratlie. Em 1988/89, radicou–se em Lisboa, obtendo com distinção o diploma do curso superior de piano do Conservatório Nacional na classe da professora Leonor Leitão Cadete, tendo frequentado também a classe de aperfeiçoamente pianistico da professora Angeles Presoto da Gama. No seu extenso currículo, contam–se também regulares colaborações com outros músicos, tais como a violoncelista Marika Gejrot com a qual formou o duo Gejrot–Kaasa e Aníbal Lima, violoncelista com quem já actuou em recitais e até gravou um CD para a EMI–Classics com a integral de sonatas de Grieg para piano e violino.

Nos 1º e 3º Festival Internacional de Música de Coimbra pudémos também ouvir o piano de Anne Kaaasa em conjunto com Truls Mork. Contam–se também colaborações com a Orquestra Clássica do Porto.

Esta pianista já ganhou o concurso "Prémio Teresa Vieira" e a crítica norueguesa já a distinguiu com comentários como "uma jovem pianista surgiu com temperamento e calor musical... num fogo de artifício de concerto"; "interpretação ora intelectual, ora poética quase lírica... uma técnica impressionante"; "mística, poesia, vitalidade e força", só para citar alguns.

Já se vê que existem mais do que muitas aliciantes para assistir ao recital de dia 21, integrado numa digressão de uma dezena de concertos que levará Anne Kaasa a apresentar–se em Portugal, França e Noruega.

Desta vez a artista irá interpretar obras de Claude Debussy ("L' Isle Joyeuse" entre outras) numa passagem fugaz pelo impressionismo, de Olivier Messiaen, grande compositor francês deste século com "De Vingt Regards sur l'Enfant–Jesus" e de Sergei Prokofiev, expoente máximo da música russa.

Depois de tudo isto já nada mais se pode dizer. Podemos apenas ouvir, ouvir e sentir a música dos mestres nos dedos de Anne Kaasa. O convite fica feito.

Rita Simões

Lusofonias

As VI Jornadas Universitárias Lusófonas descansaram este ano à sombra do lema EFEITOS. Estão quase a chegar ao fim. Contaram com múltiplas organizações que previligiaram a cultura dos países de língua oficial portuguesa. O cenário foi montado em vários palcos da nossa cidade. Por 19 dias, África, Brasil, Gôa, Portugal e Timor estiveram mais perto... O público, esse, é que nem sempre quis saber, e às vezes, não colaborava. As actividades passaram por meios tão variados como a pintura, a dança, conferências, torneios de futebol e basquetebol, gastronomia, cinema... A festa de encerramento é dia 19.

Movimento

A dança esteve representada, e muito bem representada, por dois espectáculos excepcionais.

Logo dia 5 de Março, a Companhia de Dança Madalena Vitorino trouxe–nos "Alma 13".

Madalena Vitorino tem um currículo extenso nestas coisas da dança e expressão corporal. Estudou dança contemporânea em Londres, e foi mesmo na cidade do nevoeiro que se graduou em Pedagogia da Dança. Em Portugal tem coreografado espectáculos em sítios pouco convencionais: Fábricas, casas abandonadas, parques de estacionamento, museus... Em Coimbra escolheu a Casa das Caldeiras. "Alma 13" tratou da felicidade. Seis homens e sete mulheres com formações diversas no teatro e na dança põem em causa o presente, num trabalho de poucas palavras, baseado numa interacção entre os actores e o público.

Olga Roriz é outro nome que dispensa apresentação. Estudou dança na Escola do Teatro Nacional de S. Carlos, completou o curso da Escola de Dança do Conservatório Nacional de Lisboa, integrou o elenco do Ballet Gulbenkian. Tem trabalhos coreográficos consagrados pelo público e pela crítica, Trabalhou ainda como coreógrafa para a Companhia Nacional de Bailado, Dança Grupo, Companhia de Dança Contemporânea, Ballet Teatro Guaira (Brasil), Ballet de Monte Carlo, Ballet Lírico Nacional (Espanha) e English National Ballet. Coreografou ainda algumas peças de teatro. A RTP gravou alguns dos seus espectáculos. Foram–lhe atribuídos vários prémios em Portugal e no estrangeiro. Foi directora artística da Companhia de Dança de Lisboa. Agora lecciona na Escola de dança do Conservatório Nacional de Lisboa e tem a sua própria companhia de dança.

Olga Roriz Companhia de Dança trouxe–nos "Finis Terra" no passado dia 14. O cenário foi montado no Gil Vicente. Sem palavras!

Notas Lusófonas

Dia 9, no Teatro Paulo Quintela, houve um Concerto em Lusofonia. Em palco um pouco de Gôa, Cabo Verde e Timor.

O Grupo Ekvat foi formado há cinco anos por sócios da Casa de Gôa em Lisboa. Dançarinos, um coro, dois violinos, duas guitarras, um violoncelo e um gumatt (tambor feito de barro e pele de lagarto) procuram divulgar e recriar músicas e danças típicas daquele território. Os participantes são todos amadores.

O Grupo Batuque Finka–Pé apareceu em 1988 perto da Amadora e é inteiramente no feminino. É Cabo–Verdiano. Também procura a divulgação da cultura do seu país e a manutenção das suas tradições cá em Portugal. O batuque é tradicional da ilha de Santiago. Normalmente, esta expressão musical caracterizava os acontecimentos socialmente mais importantes (casamentos, baptizados, recepção a pessoas importantes...). O ritmo dos tambores e os textos são cantados e tocados pelas mulheres que exprimem acontecimentos do dia a dia, críticas, sentimentos, louvores, sátiras. A difícil condição das mulheres, os seus problemas concretos no seu dia a dia em Portugal. Já os Talamailau são um grupo musical Timorense. Tivemos a oportunidade de conhecer um pouco da cultura de um povo sobre o qual muitos só sabem que vivem sob a ditadura da Indonésia, e outros nem isso. Para os mais curiosos, Talamailau é o nome da montanha mais alta do território. Quando ainda tinhamos o célebre império colonial, era mesmo a montanha mais alta de todo o território Português.

Dia 13 foi marcado por um sarau cultural com estes e outros grupos da Academia de Coimbra e outras associações de estudantes oriundas dos diversos espaços lusófonos. O Teatro Paulo Quintela encheu (mesmo!) e o espectáculo entrou pela noite dentro até de madrugada!

Fitas

Dois olhares sobre o sul. O primeiro no TAGV, o segundo no Mini–Auditório da AAC. O cinema feito nos países de expressão oficial Portuguesa, duas realidades vistas sob o olhar das câmeras de Flora Gomes e Licínio Azevedo.

Flora Gomes, guineense, nasceu em 49. Cresceu à medida em que cresciam também no seu país os ideais de liberdade que levariam à independência da Guiné. Foi dos primeiros Guineenses a iniciar um curso superior. Foi para Cuba. Queria especializar–se em Desporto e Educação Física. Não chegou a formar–se. O cinema encheu–lhe os olhos e no último ano pré–Universitário optou antes pela arte do grande ecran. Depois do regresso à Guiné, foi um dos fundadores do Instituto Nacional do Cinema.

Para nos dar apenas um olhar pela sua obra, a Organização das Jornadas Universitárias Lusófonas optou pela exibição de dois dos seus filmes. Mortu Nega é de 88 e surpreendeu a todos quando arrebatou prémios do Festival Internacional de Cinema de Veneza. Estreou em Portugal em 1990. Como o próprio autor refere este filme é "o resultado da aventura de um grupo de amantes do cinema, cineastas e cinéfilos, que se empenhou profundamente em oferecer ao mundo imagens da cultura guineense." A guerra através de uma mulher simples e corajosa que decide ajudar o marido a combater na frente. A independência. A incerteza e a esperança dum país novo. Um país pobre."Eu vim de longe, vim do fundo das matas da Guiné Bissau. Sou assim filho de uma longa marcha do povo guineense. Não podia, por isso, deixar de traçar no meu primeiro filme, na primeira longa–metragem do meu país, esta trajectória." A história da Guiné a cores e em Criolo.

A segunda escolha recaiu em Udju Azul di Yonta (Os Olhos Azuis de Yonta), um filme de 1992, escolhido para o Festival de Cannes, já exibido pela RTP. "Existe a África que chora e a África que ri, a imagem da primeira parece–me a que acabou por ocultar a segunda de tal modo que alguns países na Europa e fora dela, só conseguem ver África como a terra desolada, triste e imóvel..." Flora Gomes mostra que África não é só triste. África ri e chora. Bissau é o palco da história de Yonta, uma história banal como a história da vida de qualquer ser humano na Guiné ou noutra parte qualquer do mundo. A evolução acelerada de uma cidade recém descolonizada que procura a sua nova identidade dividida por entre as recordações do passado e o novo riso das crianças. A África que ri e a África que chora.

A terminar o destaque dedicado a este autor, um documentário sobre o seu último filme, que a Organização espera poder apresentar nas jornadas do ano que vem. "Identificação de um país", a visão de uma equipa da RTP comandada por Diana Andringa que foi assistir às filmagens de Po di Sangui. Uma equipa de filmagem em plena acção, o realizador, os actores, as opiniões, tudo o que faz um filme.

O segundo olhar veio ainda mais do sul. É o olhar de Licínio Azevedo sobre Moçambique, considerado muitas vezes pelos homens da economia o país mais pobre do mundo. Licínio Azevedo foi escritor e foi jornalista. Mas sobretudo, documentarista. Nasceu no Brasil mas ganhou o seu tempo em África em busca das histórias da guerra e das gentes, para que não se perdessem. Passou pela Guiné Bissau para formar jornalistas, mas fixa–se em Moçambique.

É neste país que começa a escrever guiões para o Instituto Nacional do Cinema e mais tarde funda a Ébano Filmes, uma empresa de imagem. Um cinema documental, onde a realidade se mistura com uma certa ficção. A realidade é a realidade Moçambicana. A seca, o apartheid que ainda se faz sentir na Africa Austral (A colheita do Diabo, realizado em 88). A vida dos emigrantes Moçambicanos na ex–RDA, e o seu contacto com experiências de racismo num país estranho onde os estrangeiros nem sempre são bem recebidos. A violência. A vida. O regresso, após a unificação da Alemanha, a um Moçambique com realidades novas, onde são apelidados de "magermanos". A história típica do emigrante que também já não se identifica com o país que deixou (Adeus RDA, documentário realizado em 1991). Um país destruído pela guerra, os habitantes e os seus medos (Marracuene, documentário de 1991). E, mais uma vez, os quinze anos de guerra, o milhão e meio de refugiados em diáspora pelos países vizinhos, e o regresso às aldeias para novamente cultivarem a terra e se reconciliarem com os antepassados (A árvore dos Antepassados, um vídeo de 1994 que segue o regresso de uma família real, exilada no Malawi).

A guerra da água é o seu último filme (1995) e foi também com ele que terminou o Ciclo de Cinema e Vídeo de mais umas Jornadas Lusófonas. Passados três anos sobre o fim da guerra surge uma outra guerra no dia a dia dos Moçambicanos. A falta de água leva a que se travem verdadeiras lutas. A importância de um pouco de água. Histórias de um país sofrido no dia a dia de uma das suas aldeias.

Apontamentos

Apesar do interesse sugerido pelos títulos das conferências, o público, neste caso, não aderiu.

Do programa destacavam–se, desde logo, duas conferências.

Lusoculturofonias foi o mote para a primeira, na casa Municipal da Cultura com António Augusto Barros, Carlos Pinto Coelho, Dr. Pires Larangeira, Dr. António Pita, Dr. Castro Ribeiro.

Ramos Horta e José Luís Guterres conduziram a Conferência "Timor: 20 anos de resistência" no Centro Cultural D.Dinis. No fim, pairava uma certa desilusão no ar. O tema parecia convencer, os oradores tinham vindo cá de propósito e tudo (Ramos Horta da Austrália e Guterres dos EUA), mas a sala estava apenas a meio.

Pelas salas das nossas faculdades foram decorrendo, de 11 a 14 de Março, aulas em tom de lusofonia. Romero Magalhães, António Gomes Ferreira, Cardoso Bernardes, Carlos Lopes Pires, Lina Coelho, Euclides Pires, João Marinho, Pires Larangeira, Maria Aparecida Ribeiro, Pedro Hespanha, Milton... Nomes que leccionaram aulas muito especiais com temas tão em voga como o racismo, as relações Portugal–Brasil–África no sec. XVII, as relações económicas entre Portugal e os Palop's, Camões e a língua Portuguesa, a afirmação crescente da literatura brasileira e as plantas medicinais na África tropical... O sucesso foi maior do que o das conferências. Talvez pelos temas, pelos professores, ou talvez pela surpresa, pois foi a primeira vez que se realizaram aulas deste género inseridas nas lusófonas.

Identidades

Dia 5, no TAGV, foi apresentado ao público o livro "Identidades". Trata–se de uma Antologia Literária de Língua Portuguesa que continua à venda pelas livrarias de Coimbra. Custa 2.000$00, já que não vão a tempo de aproveitar o preço excepcional de 1.500$00 na Feira do Livro que terminou no Gil Vicente precisamente na sexta feira passada. Uma feira do livro só de autores de língua portuguesa.

O lançamento foi acompanhado por um recital de poesia por João Madeira, João Pedro Vaz, Luís Pedro Crisóstomo e Susana Figueiredo. Os poemas escolhidos foram em português, como não podia deixar de ser, mas com várias pronúncias. A homenagem passou, entre outros, por Caetano Veloso, Luís Vieira da Rocha, Eugénio de Andrade e Mia Couto.

Sabores

Não há comida como a da nossa mãe! Isto todos nós sabemos. A moambá sabe muito melhor em Angola, a catchupa em Cabo Verde, a feijoada à brasileira no Brasil. Mas na falta de melhor, os SASUC abriram mais uma vez aos que têm saudades da comida de casa e aos que quizeram provar do que se come nos países lusófonos a possibilidade de o fazerem na Cantina das Químicas. E se muitos disseram que este ou aquele prato estava confeccionado numa versão livre, o livro de reclamações, à hora do fecho desta edição, ainda estava vazio!

Flash... Back

A exposição de fotografia Tete-20 anos depois foi inaugurada no foyer do TAGV e depois transferida para o Centro Cultural D. Dinis.

A autoria das fotografias expostas cabe a Miguel Soares, mas o projecto é mais vasto e contou também com a colaboração de Fátima Ribeiro e Elis Regina. Os três são estudantes de jornalismo e além do projecto fotográfico realizaram também um documentário para televisão. Tete é a província mais interior de Moçambique. A expedição foi realizada em Setembro e Outubro de 94 e procurava julgar até que ponto a presença e influência dos Portugueses era sentida no Moçambique profundo, 20 anos após a independência. Uma exposição que mais uma vez nos mostra um Moçambique com um passado recente marcado pela guerra, mas com sinais evidentes de esperança e vontade de recomeçar um país novo.

Traços

Cabo Verde esteve representado pela pintura de Kiki Lima. Um autodidata, que começou nestas coisas em 1974. Desde então já conta mais de 30 exposições individuais, sem esquecer as mais de 60 colectivas por esse mundo fora desde a Europa, África, América Central. Formou–se em Design de Comunicação no ano de 1990, em Lisboa.

Está representado em várias colecções particulares e públicas tanto em Cabo Verde como em Portugal. Foi distingido com o Prémio Prestígio Pintura AI.UE 92, pela comunidade africana em Lisboa.

Os traços, esses são as próprias vivências Cabo–Verdianas, e a originalidade do relacionamento entre o pintor e o mundo em que respira. Predominam as figuras humanas, as manchas fortes, um traço leve. Cabo Verde, que já não é verde mas cinzento, tratado de uma forma simples, como a vida das suas gentes. O essencial.

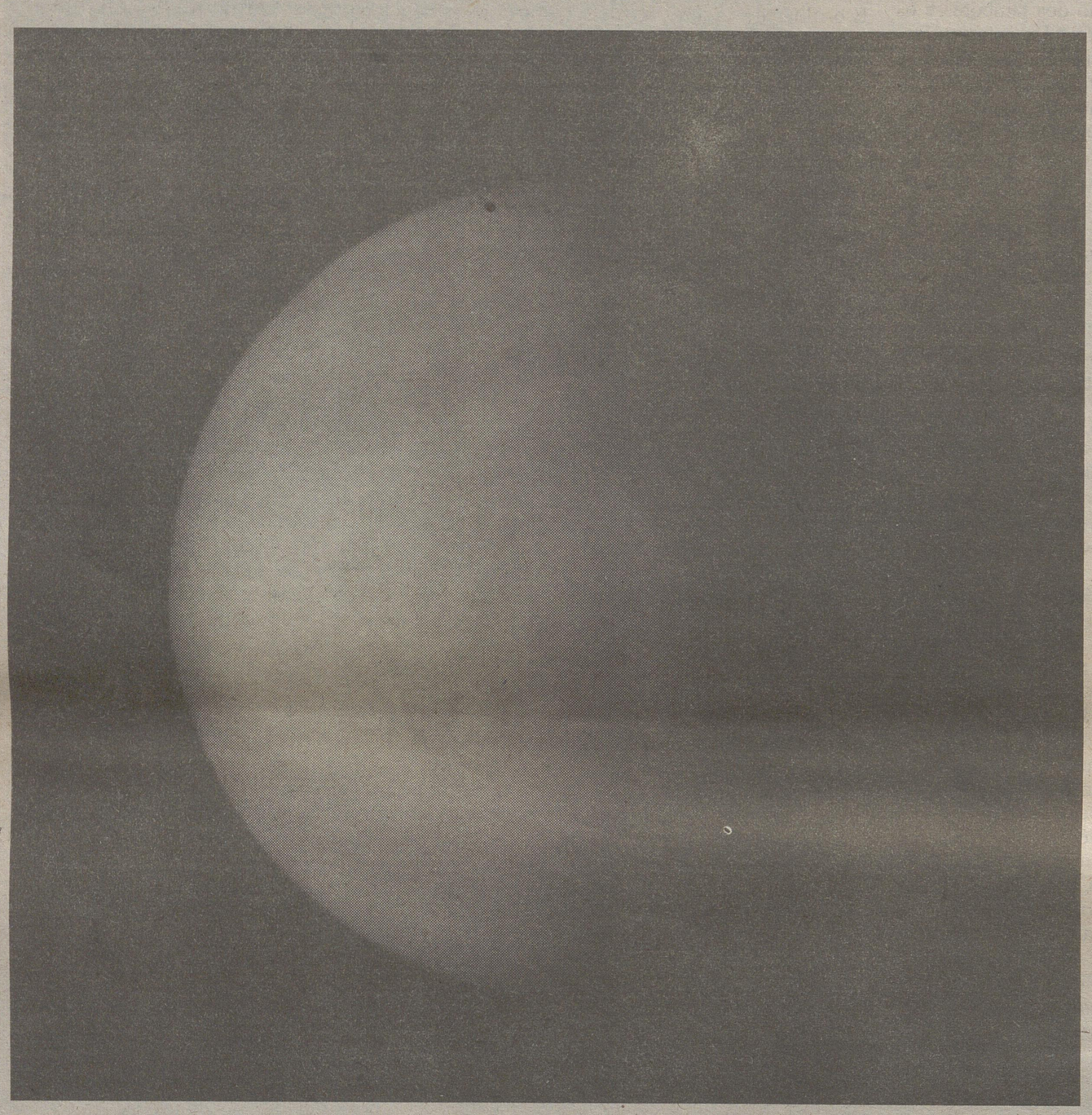
A exposição começou dia 14 de Março no foyer do TAGV.

Rosário Salvado

Vénus, a deusa do Sistema Solar

Alexandre Cartaxo

O firmamento vai ser mais uma vez o palco do majestoso reinado de Vénus, a deusa do Amor e da formosura. De facto, este



planeta - considerado à primeira vista como gémeo da Terra, dado que possui praticamente a mesma massa, diâmetro, densidade média e a mesma gravidade à superfície - é, nesta altura, o objecto celeste mais brilhante do céu, só perdendo para o Sol e para a Lua. Estão pois reunidos os álibis para que possamos debruçarmo–nos um pouco sobre este planeta, o segundo do sistema solar por ordem de distância ao Sol.

A razão porque Vénus é tão brilhante deve–se, por um lado, à sua distância ao nosso planeta (quando Vénus e a Terra se encontram mais próximos um do outro, ambos estão separados por uma distância mínima de uns parcos 40 mil milhões de quilómetros, o que corresponde a uma distância típica de cerca de 100 vezes aquela que nos separa da Lua) e, por outro, à sua atmosfera espessa que reflecte 76% da luz solar nela incidida. Assim, quando Vénus se apresenta com todo o seu esplendor, i.e., quando está mais próxima da Terra, alcança uma magnitude da ordem de -4,5 (a magnitude é a medida da luminosidade aparente de um corpo celeste, em que aos números mais baixos correspondem objectos de maior luminosidade; note–se entretanto que a escala não é linear, mas sim logarítmica, o que quer dizer simplesmente que, por exemplo, um objecto de magnitude 2 não é simplesmente 2 vezes mais brilhante que um de magnitude 4...), ou seja, é mais luminoso cerca de 16 vezes que a estrela mais brilhante do céu, Sírio, também chamada de estrela do cão, por estar situada na constelação do Cão Maior. Regista–se ainda que Vénus é tão brilhante que, curiosamente, em condições favoráveis de uma noite bastante escura (sem a Lua a atrapalhar as observações, claro está!) pode mesmo produzir uma sombra mensu.

Outro registo também curioso prende–se com o facto de que, devido a Vénus estar sempre perto do Sol (a uma distância média que se cifra nos 108 150 000 Km contra os 149 508 600 da Terra) e, por isso, oscilar de um lado para outro da nossa estrela, ter levado (conjuntamente com Mercúrio, o planeta mais próximo do Sol) Heracleides, um astrónomo grego co- temporâneo de 350 Á.C., a sugerir que estes planetas descreveriam órbitas à volta do Sol e não do nosso planeta, como era crença generalizada. No entanto esta noção só foi considerada (não de livre ânimo, estávamos na altura da Inquisição...) quando astrónomo polaco Nicolau Copérnico publica o seu livro De Revolutionibus orbium coelestium em 1543, onde desenvolve um modelo heliocêntrico em contradição com o arreigado e vigente modelo ptolomaico, que concebia a Terra como o centro do Universo, o que era religiosa e escrupulosamente tido como um dogma.

É sabido que quando Vénus se encontra a leste do Sol, pode ser visto no céu ocidental após o pôr do Sol, pondo–se um pouco depois no horizonte, transformando–se então no que a tradição popular convencionou em chamar de "estrela da tarde". Da mesma forma, quando se encontra do outro lado da sua órbita, surgindo a Leste antes do nascer do Sol, é chamado de "estrela da manhã".

Vénus é, então, a "estrela da tarde" até ao mês de Junho, estando aproximar–se da Terra, altura em que deixará de ser visível, visto que estará no nosso horizonte apenas durante o dia, e, depois de passar entre o Sol e a Terra, passará a ser, e até o final do ano, a "estrela da manhã".

Para aqueles que possuem um telescópio, mesmo que modesto, está reservado um espectáculo mais apetecível: e que Venus experimenta uma sucessão de fases, à semelhança da Lua, como consequência da sua localização no interior da órbita celeste. Assim, Vénus estará a minguar progressivamente ao mesmo tempo que está a aumentar de tamanho aparente devido à sua aproximação. No dia 16 de Março estará a 59% e, a 31 deste mês (quando irá brilhar mais) estará nos 52%; em Junho será possível observar apenas uma "casca " filamentar, bem à semelhança de uma Lua Nova.

Outro pormenor interessante que importará aqui referir tem a ver com a passagem de Vénus a 2 e 3 de Abril perto das Plêiades (as Plêiades são um enxame aberto de estrelas na constelação do Touro que reúne cerca de 300 a 500 exemplares, se bem que sejam visíveis a olho nu apenas 7 estrelas - para aqueles com boa acuidade visual, o que não parece ser o meu caso, pois só consigo discernir 3 ou 4...-, razão pela qual também são conhecidas por "Sete Estrelo" ou "Sete Irmãs"), como acontece todos os 8 anos.

Vénus encerrou em si enormes mistérios que só muito recentemente, à luz da ciência, começámos a descortinar. Um deles, ainda não esclarecido, prende–se com o seu movimento de rotação que se faz no sentido dos ponteiros do relógio (dizendo–se, pois, de retrógrado) o que contrasta com o dos restantes planetas do Sistema Solar. Mas tal análise ficará seguramente para um artigo vindouro.

Dia 3 de Abril há Eclipse Lunar

Alexandre Cartaxo

Reza a história que Tales de Mileto, que entre outros afazeres se ocupava da Astronomia na antiga Grécia, aprendeu uma maneira de prever os eclipses através da observação dos mesmos. Assim, em 585 A.C., como previsto por Tales, teve lugar um dos fenómenos mais dramáticos e espectaculares que a Natureza com a sua infinda generosidade nos brinda: a luz do Sol começa a desaparecer e a temperatura decresce rapidamente ao mesmo tempo que um vento gélido se levanta; a Natureza então reage em uníssono - as flores fecham as suas pétalas, as aves fogem em debandada geral para se recolherem e ir dormir e os seres humanos ficam assustados. Tão assustados terão mesmo ficado os exércitos de duas regiões da Ásia Menor (Média e Lídia) que se preparavam para se degladiarem entres si quando o tal eclipse de 28 de Maio de 585 A.C. ocorreu (e hoje sabemos a data precisa através de cálculos a posteriori) que os comandantes respectivos (tomando decerto o eclipse como um sinal divino) fizeram imediatamente as tréguas e partiram prontamente cada um para seu lado.

Actualmente embora as pessoas que têm oportunidade de presenciar os eclipses já não entrèm em pânico ou reajam de maneiras igualmente tão expressivas, não quer isso significar que estes deixem de suscitar bastante curiosidade e fascínio por parte das pessoas em geral e não apenas por aqueles - neófitos ou não - que gostam de vislumbrar as maravilhas do firmamento. Serve então esta pequena história para motivar um pouco o leitor a descobrir o porquê deste fenómeno, que tem presentemente uma maior relevância, dado que nos será permitido observar um eclipse lunar total na noite de 3 para 4 de Abril.

Um eclipse é, em poucas palavras, essencialmente um fenómeno em que a luz de um corpo celeste é temporariamente oculta pela passagem de outro corpo.

Os eclipses solares têm lugar quando o nosso planeta passa pela sombra da Lua, i.e., quando a Lua (Nova) se interpõe entre nós e o Sol, e por sua vez os lunares ocorrem quando a Lua (Cheia) passa por entre a sombra que a Terra projecta. Ora isto só ocorrerá se estes três corpos estiverem dispostos em linha recta, como se pode constatar pela figura 1. O leitor mais atento irá notar aqui que se tanto a Lua Nova como a Lua Cheia aparecem religiosamente todos os 29 dias (ou mais precisamente, cerca de 29,53059 dias - este período de tempo é chamado de mês sinódico) então seria de esperar que todos os mesmíssimos 29,5 dias houvessem dois eclipses: um lunar e outro solar. Mas tal não acontece na prática. Porquê? Isso deve–se ao facto de que o plano da órbita da Lua em torno do nosso planeta fazer um ângulo de 5º em relação ao plano da nossa órbita à volta do Sol. É por isso que a Lua Cheia e a Lua Nova geralmente ocorrem quando a Lua está um pouco acima ou abaixo do plano da órbita terrestre. Só quando, de tempos a tempos (leia–se de cerca de 6 em 6 meses), é que os três astros se encontram alinhados é que temos a felicidade de testemunhar este fenómeno impressionante que é o eclipse. À linha que os três corpos então formam nessa altura designa–se linha dos nodos.

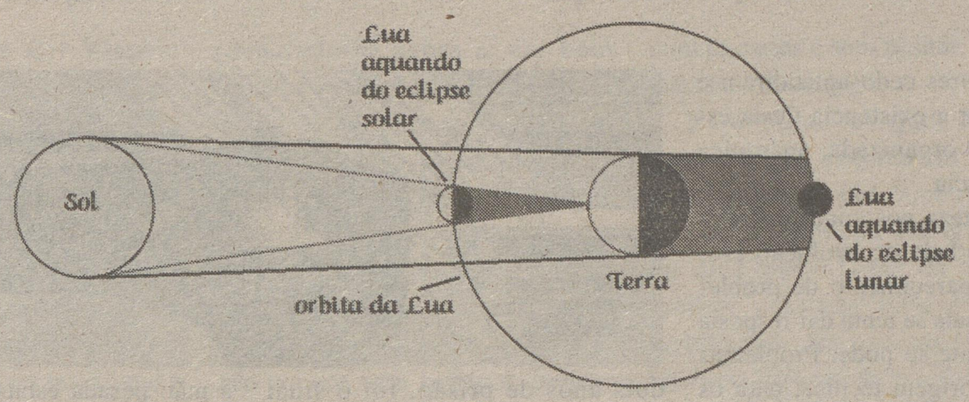


Figura 1

Prever eclipses traduz–se então em conhecer a orientação da linha dos nodos, o que não é uma tarefa tão simples quanto isso, dado que na prática a sua direcção vai se alterando gradualmente devido à atracção gravitacional por parte da nossa estrela, o Sol, sobre a Lua, atracção essa que por sua vez obriga a órbita do nosso satélite natural a alterar–se ligeira e gradualmente, num movimento lento.

Todos os anos não 12, mas pelo menos 2 (no máximo de 5) eclipses solares têm lugar. A título de curiosidade registe–se que o último ano em que o máximo permitido de 5 eclipses solares ocorreu remonta a 1935. No que concerne aos eclipses lunares, estes ocorrem com uma frequência semelhante, se bem que o número máximo total de eclipses solares e lunares num ano seja de 7.

Três tipos de eclipses lunares podem ocorrer: penumbral, parcial ou total, consoante for a região da sombra projectada pela Terra na Lua por onde esta última passe. A sombra da Terra (umbra) tem como vizinhança uma zona de escuridão parcial que dá pelo nome de penumbra, como se vê na figura 2. Na noite de 3 para 4 de Abril os noctívagos terão oportunidade de constatar que a Lua irá entrar primeiramente nessa zona de penumbra para depois mergulhar completamente na umbra. Trata–se pois de um eclipse total. Naturalmente que a duração máxima de um eclipse total da Lua será quando esta passar directamente pelo centro da umbra, o que equivalerá a um total de uma hora e quarenta e dois minutos, se termos em conta a velocidade da Lua em relação à sombra da Terra (cerca de 1 km/s ou em unidades mais prosaicas 3600 km/h...) e o diâmetro dos dois corpos. Em particular, este eclipse de Abril deverá ter a duração de 1h 26m. No caso de um eclipse do tipo penumbral, a Lua percorre apenas a penumbra da Terra (um observador que estivesse na Lua quando tal eclipse ocorresse veria apenas parte do Sol eclipsado pelo nosso planeta). Finalmente, no meio destes dois extremos, temos o eclipse parcial, em que a órbita lunar está orientada de modo a que apenas parte da superfície lunar nos é oculta. É ainda de notar que os eclipses do tipo penumbral são, muitas vezes, simplesmente ignorados dado que a Lua Cheia perde, no fundo, pouco do seu brilho altivo na passagem pela penumbra do nosso planeta.

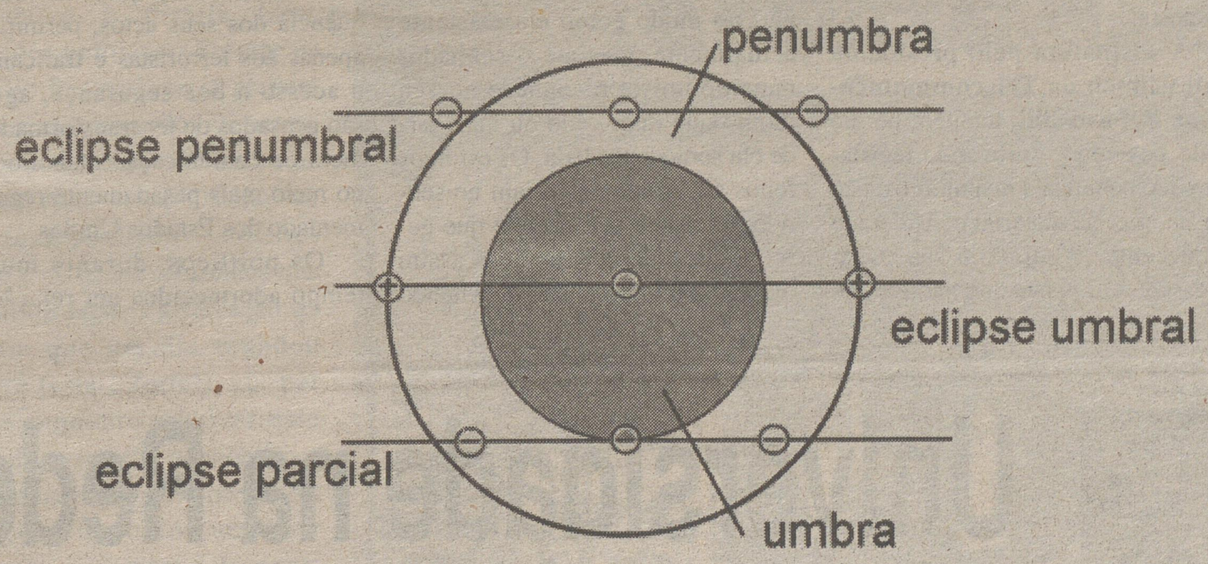


Figura 2.

Curiosamente (ou não) nos eclipses lunares totais a Lua normalmente não desaparece por completo, como seria de esperar, mas apresenta antes um semblante de matiz avermelhada. Tal se verifica devido ao facto de que o seu disco lunar é iluminado por luz dispersa pela atmosfera do nosso querido e poluído planeta, e dado que a maior parte da luz deflectida é vermelha, o leitor terá a oportunidade interessante de, na noite de 3 para 4 do próximo mês verificar in loco a coloração da sombra da Terra na Lua e, analisar muito particularmente a qualidade da atmosfera através do tom róseo já referido.

Resta apenas referir que a Associação Portuguesa de Astronomia e Pesquisa de Inteligência Extraterrestre (APASETI) em conjunto com a Secção de Jornalismo está a organizar um conjunto de actividades com vista a não deixar passar em claro o eclipse do próximo mês. Para mais informações contactar a APASETI, Ap. 3114, e–mail:apaseti@nautilus.fis.uc.pt ou passar pela sua sede (sala B.16 do Departamento de Física).

Para o próximo mês iremos concluir este artigo, focando a nossa atenção nos eclipses solares e vamos saber porque é que o deus Rahu devorou o Sol...

Toda a correspondência desta coluna deve ser dirigida a caos@gemini.ci.uc.pt

Direitos Virtuais

O dia 8 de Fevereiro de 1996 ficará marcado como o dia do ciberspaço, isto enquanto os acontecimentos sempre vertiginosos da rede não o substituírem por um outro mais alucinante e controverso. Inicialmente, para este dia, estavam marcadas as 24 horas de reportagem fotográfica pelo Mundo. Uma década após o lançamento do livro A Day in the Life of America , o fotógrafo Rick Smolan resolveu desenvolver o projecto 24 Hours in Cyberspace onde reuniu cem fotógrafos profissionais, acompanhados por milhares de profissionais e amadores pelo mundo inteiro, bem como por outros tantos editores. Objectivo: um livro, um CD–ROM e, explorando o potencial da World Wide Web, a criação de um servidor para visitar.

Esta iniciativa, querendo mostrar a globalização da rede, só se tornou possível graças ao apoio de entidades como a Kodak, a Sun e a Adobe. Desafiando os vários obstáculos tecnológicos, a realidade não conseguiu contudo igualar o sonho. Tendo–se esperado milhares de consultas, o número rondou os 21 mil visitantes, aproximadamente igual a um terço daqueles que normalmente visitam a homepage da Kodak, um dos patrocinadores do evento, lançando–se mais uma vez a discussão acerca da eficácia da publicidade na rede, e da diferença e imprevisibilidade dos padrões de comportamento dos netizens (os cidadãos da net).

Crescendo a uma velocidade alucinante, a Internet, e em particular a Web, tem surpreendido pela forma como se antecipa às normas científicas, sociais, políticas e económicas, não esperando que se definam conceitos, nem que se avaliem os diferentes impactos que vem causando. Naturalmente ditadora das normas e dos padrões a seguir, tem gerado dúvidas, alimentado esperanças e provocado confrontos relativamente à sua utilidade e ao modo como é utilizada.

A esse facto não é alheio o caso de que os vários elementos ligados ao seu desenvolvimento, desde logo, tenham tomado consciência da sua importância, não querendo perder terreno nas posições da frente, investindo cada vez mais no desenvolvimento de algo que sabem ser imprescindível num futuro cada vez mais próximo. Por outro lado, os utilizadores cedo aplaudiram e fomentaram a existência desta estrutura não organizada, anárquica por excelência.

A incerteza nos conceitos aliada à velocidade de evolução provocam o aparecimento de problemas, aos quais se tenta dar resposta o melhor que se pode. Problemas não só de origem técnica, para os quais existe um largo manancial de capacidade intelectual a trabalhar, mas essencialmente de ordem social. Habituados a viver num Mundo, com fronteiras bem delimitadas, torna–se difícil do ponto de vista político/social/económico encarar uma realidade sem fronteiras. As ferramentas são cada vez mais poderosas, sendo possível estabelecer comunicações, transmitir qualquer tipo de informação, sem que esta possa ser decifrada. O binómio informação/comunicação, considerado por muitos o poder do século XX, está cada vez mais acessível a todos, fora de controlo de Governos, Instituições e afins.

"Como reagirá um governo ao saber que um qualquer conjunto de cidadãos pode ter comunicações invioláveis para si, com a maior das facilidades?" Esta pergunta tantas vezes feita, encontrou a sua resposta.

A assinatura pelo presidente Bill Clinton da **Telecommunications Reform Bill,** também no dia 8 de Fevereiro, aprovando legislação que penaliza a disponibilização na Internet de material considerado "indecente", punindo a sua transgressão com penas que vão até aos



dois anos de prisão, foi o sinal mais evidente das tentativas de controlar a Internet. Usando como baluarte a pornografia, ficam abertas as portas para que se possa controlar, espiar e investigar qualquer tipo de comunicação que seja feito neste meio.

À memória regressam as tentativas feitas pelo governo norte–americano, em 1993, de instalar um chip–espião para o controlo das mensagens na rede. A nova lei provocou uma enorme reacção em todo o mundo, mostrando por si só, mais do que a exposição realizada no mesmo dia, a globalização do meio em questão. Tendo sido declarado "luto na rede", as páginas iniciais de mais de milhar e meio dos principais servidores apresentavam–se todas de fundo negro e com as letras brancas.

O acto de censura em si é contrário à própria natureza da Internet, no modo como ela existente actualmente, mas até o sonhador mais optimista reconhece no seu íntimo que mais cedo ou mais tarde ela seria controlada. Os esforços feitos até ao momento iam no sentido do censor ser "aquele que gere" o sistema, colocando-o assim mais próximo do cliente e evitando a mão pesada estatal. Aquilo que um consórcio de grandes companhias (entre elas a Netscape e a Microsoft) tentavam desenvolver era um sistema de identificação para a rede, para que permitisse filtrar a informação à medida da sua necessidade, dando a possibilidade a cada um de fazer a sua censura. Um método bastante mais próximo de uma sociedade que se afirma livre.

O papel que os legisladores americanos estão a desempenhar em todo o processo é essencial. Considerados os principais opositores ao desenvolvimento da rede, por causa das leis que proibem a exportação de segurança digital, assumem de novo o protagonismo ao inserir a censura naquele que era considerado o meio de comunicação mais livre de sempre.

Se, em relação à segurança, eram acusados de que, em consequência dos seus actos, permitiam apenas aos terroristas e traficantes o acesso a boa segurança, agora são acusados de ter transformado o meio de comunicação mais liberal no meio mais pesadamente regulamentado dos Estados Unidos.

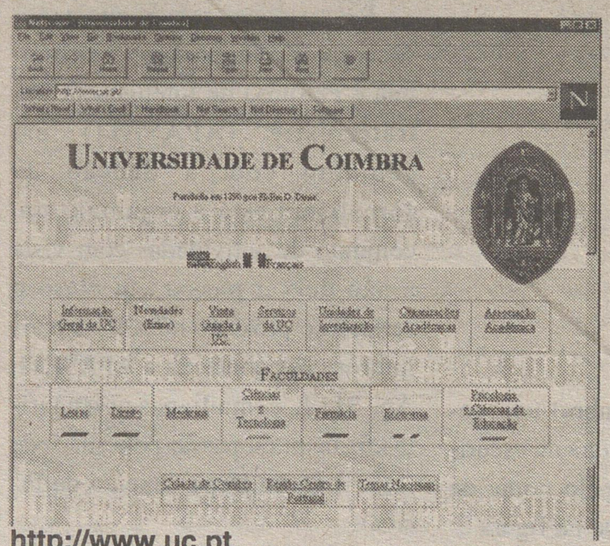
Os políticos, durante muito tempo adormecidos em relação à Internet, depressa despertaram para as suas potencialidades, apesar de nem sempre acreditarem plenamente nelas. Em Portugal, nas últimas eleições foi possível ver o esforço dos dois candidatos em penetrar num mundo que não conhecem, mas do qual queriam tirar o melhor proveito.

Num texto recente, publicado numa edição especial da revista Time, Kevin Philips considera a utilização política das redes como um dado inevitável, a ocorrer nos EUA a breve prazo.

A assinatura de Bill Clinton, vem deste modo por em causa o ex–libris norte–americano: a liberdade de expressão. Não é de pornografia que se trata. A nova legislação americana de telecomunicações é tão vaga que, por exemplo, o servidor do museu do Vaticano pode ser considerado "obsceno". Quem procura aceder/disponibilizar pornografia rapidamente atravessa o Atlântico em procura de servidores holandeses ou belgas onde não existam limitações. O que está em causa é a tentativa de controlo, por parte de um Estado, sobre algo incontrolável por natureza. É um acto contra–natura, que faz lembrar os piores períodos da História norte–americana, onde leis vagas, dependentes da interpretação e benevolência dos juristas, permitiam controlar, espiar e cercear as liberdades individuais de cada um.

César Páris

Universidade na Rede



http://www.uc.pt

A Universidade de Coimbra (UC) aproveitou o seu dia, 1 de Março, para dar um sinal de vitalidade e calar as vozes que constantemente se levantam acusando-a de inércia e de imobilismo temporal. O referido dia foi escolhido para a inauguração oficial dos serviços Internet.

A novidade desta inauguração vai muito para além daquilo que foi mostrado. A existência do serviço Internet remonta a 1991, tendo–se desenvolvido ao sabor das vontades e disponibilidades dos vários intervenientes, pecando sempre por demonstrar arritmias entre as várias entidades constituintes da Universidade. Tentando combater estas diferenças de andamento e procurando rentabilizar as potencialidades da Universidade como estrutura pluridisciplinar por excelência, a Reitoria resolveu criar a Comissão para os Serviços de Informação da UC, onde têm assento elementos das suas entidades representativas. Pretende–se o desenvolvimento de um serviço central de informação e divulgação da Universidade e do seu meio envolvente.

Aquilo que foi mostrado à comunicação social resulta deste esforço conjunto e trouxe como aliciante a assinatura de um protocolo com a Agência Lusa, o Jornal de Notícias e a Comissão dos Direitos do Povo Maubere, onde estas entidades se comprometem a colaborar regularmente com a Universidade, fornecendo documentos, imagens e material informativo que irão deste modo enriquecer o servidor dedicado a Timor (TimorNet) já existente. A TimorNet contém, além de uma síntese documental sobre a história, cultura e tradições do povo timorense, um conjunto de informações complementares sobre o território e as várias opiniões dos envolvidos no conflito.

Mostrando que a UC é uma "universidade de tradição, mas bem aberta ao futuro", como foi frisado pelo seu reitor, Prof. Dr. Rui Alarcão, foi também mostrado, pela primeira vez, um servidor sobre as gravuras de Foz Côa, onde além de se mostrar um levantamento das mesmas, se explica o porquê da importância da sua preservação. Todos os serviços mostrados, contaram com a colaboração de alunos, na sua maioria oriundos de áreas tradicionalmente conotadas como não–tecnológicas, mostrando uma vez mais a pluridisciplinaridade da Internet.

Os protocolos estabelecidos e a exposição pública do trabalho desenvolvido são um sinónimo da vitalidade da UC, além de permitirem aliciar novas energias ao processo. A primeira pedra foi lançada, espera–se pelo edifício.

César Páris

Crónicas da Sétima Arte

Sol Enganador

An António Lérias Written Picture



O Expresso

O cinema renasce em Coimbra, o TAGV está de volta e o sol também. 96 começa bem. Vejo bem as coisas, penso um pouco, dou o dito pelo não dito, e afinal sempre começamos mal, a culpa deve ter sido do sol...

A re-inauguração (ou inauguração para quem ainda é novo nestas coisas) das projecções cinematográficas no Teatro Académico de Gil Vicente, associada a uma nova dinâmica directamente resultante do seu aparecimento e da sua nova postura, envolvida (e não enrolada! espero eu...) numa nova onda governativa, e concludentes novas promessas (e sonhos) na área cultural em geral (e no cinema em particular), assim como o facto de terem aparecido vários filmes portugueses em cartaz (no nosso panorama cinematográfico -a existir- mais de um já são vários, e pensando bem, por vezes, um já são vários) levou a um cenário ultra-optimista que atingiu o coração de todos nós. Pensou-se desde logo estarem lançadas as bases de uma recuperação não só do público ocasional, como de uma nova torrente cinéfila, mas, à medida que a poeira foi poisando, e as nuvens poisando, o sol passava cada vez mais despercebido no horizonte, começando a cair então, algumas folhas (não falo do governo, falo do cinema) outounais. Claro que o tempo nada tem a ver com o cinema, mas a verdade é que não meto as minhas mãos no lume por nenhum deles.

A re-entrada dos Deuses da Sétima Arte (soa mais patético escrito que dito) nas novas instalações do Teatro Académico de Gil Vicente no príncipio deste ano, veio trazer uma nova esperança de diversificação à oferta cinematográfica conimbricense, permitindo alimentar sonhos de todas as espécies: desde os que viam esse esplendoroso espaço, como o único onde poderiam realmente brilhar filmes como "Schindler`s list" (sic); aos que esperavam a sala de culto onde veriam os cineastas independentes que ninguém tinha coragem de programar (e muito provavelmente poucos tinham coragem de ver); passando pelos que sabiam contar agora com um espaço previligiado para os clássicos, desde os "bigger than life" da Warner e MGM, aos "auteurs" europeus. A nova direcção veio (impregnada das melhores intenções) e desde logo alimentou a esperança de todos, alargando as linhas de fundo à esquerda e à direita (sem conotações políticas). E entre os velhos do Restelo que já prevêm um regresso ao passado (não muito distante, pois até eu me lembro de estar no TAGV a ver sozinho -ou mal acompanhado- sessões únicas), e os rostos reluzentes que veem neste espaço a salvação da cinefilia que um dia inundou Coimbra (esta é forte!), eu, por mim, e enquanto se viver este estado de graça (!), aconchego a almofada nas costas e espero, pois o tempo sempre foi um bom conselheiro, e o tempo é de outros problemas.

Outro problema é o facto de a abertura deste espaço ao cinema, e principalmente, aos filmes da Atalanta, ter levado à alteração do significado da sala "Estúdio 2" dos Cinemas Avenida, permitindo a demissão desta sala do acto de programar com regularidade: cinematografias menos comerciais; autores mais difíceis; ou o tão nosso conhecido (ou talvez não!...) cinema português. Conclui-se (concluo eu e quem o assim entender) que a este nível (circuito comercial) o panorama cinematográfico piorou, reduzindo-se agora a: um bom filme de produção Hollywoodesca, quando os há, e apesar de tudo tem os havido; um blockbuster de carreira miserável, ou um filme miserável com pretensões a blockbuster; e por fim, um filme agradável, com um bom actor (capa da Première q.b.), mas que não aquece nem arrefece, próprio para tardes de Primavera, arautas de Verões quentes. E é, mais do que o reaparecimento do TAGV, esta demissão que marca os primeiros meses de 96 e, acreditem, começamos mal. Realmente supreendente é esta situação desenvolver-se nas sals exploradas, não pela Lusomundo - o grande "papão" do cinema de qualidade - nem pela Castello-Lopes, mas sim pelo último degrau da concentração vertical de Paulo Branco que é sem dúvida um dos homens-chave do actual cinema português (quer haja ou não tal coisa). Embaralho as cartas e dou. Qual é então o seu projecto de fundo? Produzir filmes portugueses, distribuir filmes europeus, e exibir filmes americanos?!...Peço duas. Fará bluff? Espero bem que não, tal é a sua importância para a causa do cinema português (a grande causa perdida nacional?). Volto a aconchegar a almofada, vejo as minhas cartas e sem hesitar, decido que não vou ao jogo.

E depois, o que há? A programação sazonal do Teatro Académico de Gil Vicente, que tem mais olhos que barriga (digo eu que tenho fome de mais e melhor cinema) dada a pouca regularidade das suas ofertas; e as terríveis Quartas-feiras Especiais (especiais de quê?), que se propõem programar os tais filmes que são tão bons que não têm público, e que ou já passaram, ou não se conseguiram impingir ao TAGV: o horário é horrível; o resultado é uma nulidade...safam-se os filmes. Espero que tenha sido um passo em falso. Eu é que não os posso dar, por isso continuo. Afinal, como está o cinema em Coimbra? Onde para além dos Cinemas Avenida e do Cinema Girassolum (cuja situação merecerá outras linhas, senão outro espaço de análise), só existem (potencialmente) operáveis: o São-Teotónio cujas condições técnicas desconheço, mas a programação (penso que) é nula; o Mini-auditório da Associação Académica de Coimbra que se encontra algo degradado e com pobres condições técnicas, mantendo contudo programação de destaque; e o Teatro Académico de Gil Vicente, menina dos olhos de muita gente, mas que com a sua programação mista, pouco espaço (apesar de tudo bem aproveitado), deixa para o seu filho rebelde que após três anos (estou a falar de cor) de ausência (nunca muito bem explicada, se é que alguém já a tentou explicar) regressa finalmente. Ora tão pouco espaço de oferta (ou tão mau...), para uma cidade que pretende ser um foco cultural, e espelho duma nova dinamização (ou não?) multi-artística, faz-nos pensar que se o Cine-teatro Sousa Bastos (não me lembro de haver tanto barulho quanto foi do Tivoli...) não for recuperado enquanto espaço cultural (facto aparentemente incontornável), se não haverá pelo menos legitimidade da parte de todas as associações locais, nas quais se incluiem dois cine-clubes, em reclamar a instalação de condições de projecção cinematográfica no, para ser construído, Teatro Municipal.



O Expresso

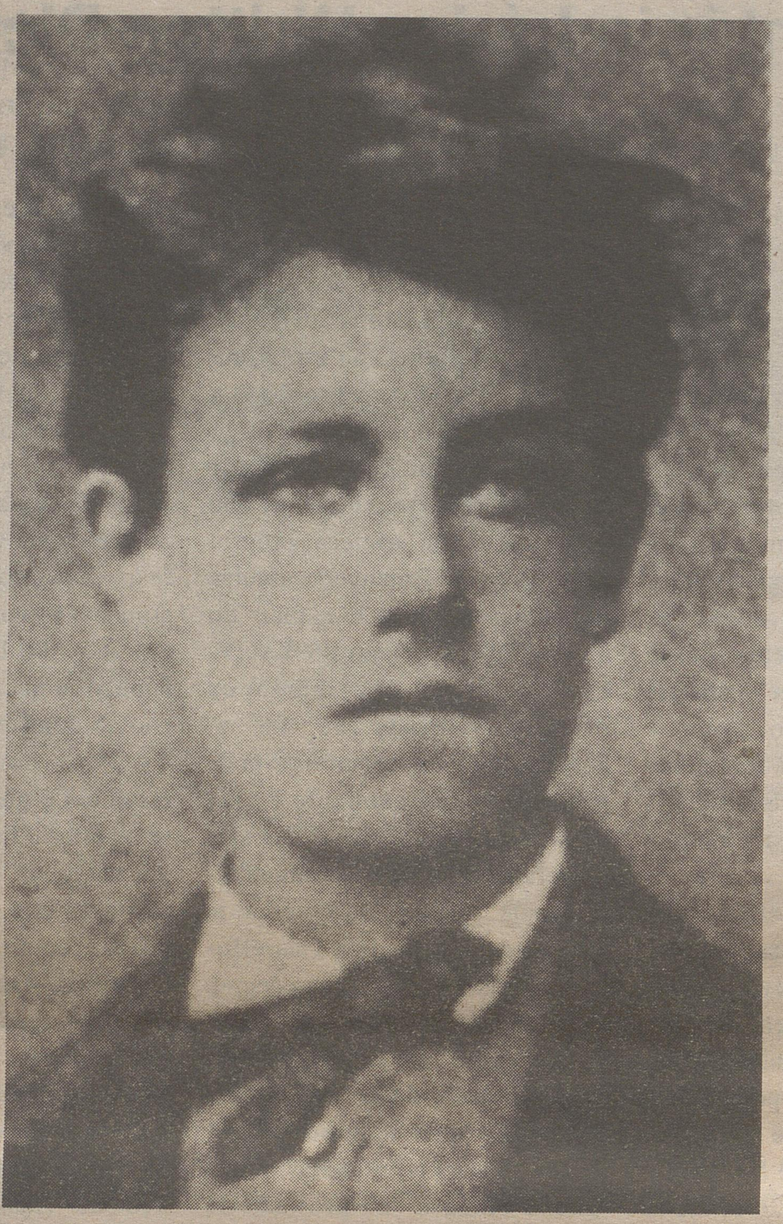
P.S.: Louve-se o facto de o Teatro Académico de Gil Vicente ter passado a curta-metragem "Schizophrenia" de Nuno Leonel a anteceder a passagem do muito bom "La Haine". Sinceramente, gostei. Do filme? Bem, Mundos perfeitos só o de Eastwood...



Rimbaud

A Suprema Contradição

"Contradigo–me?
Muito bem, então contradigo–me,
(sou imenso, contenho multidões)."
Walt Whitman



O nome Rimbaud permanece até hoje ligado a uma aura de mistério e genialidade poética. A sua vida foi errante e escandalosa, desafiando todos os preceitos católicos de "respeitabilidade" da pacata cidade burguesa de Charleville, onde nasceu em 20 de Outubro de 1854.

A mãe, uma filha de grandes proprietários, austera e intolerante, permanecerá como uma sombra na vida do poeta. Do pai, quase sempre ausente, herda a propensão para as viagens e para a aventura.

Mas as viagens iniciais de Rimbaud são feitas com os livros. Precocemente apaixonado por latim e por Virgílio, em 1868 dirige uma carta em versos latinos ao príncipe imperial e é publicamente agraciado. Daí em diante continua a acumular livros e a surpreender os professores, alguns dos quais auguram que com "a sua inteligência ainda há–de acabar mal". Aluno aplicado, seduzido pelas ideias revolucionárias ligadas ao socialismo, receberá a influência do professor Georges Izambard que lhe revela a literatura contemporânea.

Está cada vez mais ciente do poder e importância da "alquimia do verbo".Os poemas brotam como germe duma nova visão - o simbolismo é de um novo estilo, o versilibrismo. Escreve de forma arrebatadora e brilhante, a sua poesia é impressiva, cheia de imagens visuais fortes, por vezes interpretadas com ironia sarcástica.

Digo que é preciso sermos videntes, fazendo–nos videntes". O poeta faz–se vidente por uma longa, imensa e lógica desregra de todos os sentidos. "Os sofrimentos são enormes mas há que ser forte, ter nascido poeta, e eu reconheço–me poeta! Não tenho culpa nenhuma. É falso dizermos: eu penso. Deveríamos dizer: estou a ser pensado".

A mãe, perturbada com as leituras do filho, manda uma carta ríspida a Izombord, considerando perigosas as leituras por ele recomendadas. No fim assina Viúva Rimbaud, ainda que o marido estivesse vivo.

Por meados de 1870 dá–se a ruptura. Rimbaud vende os livros e parte de comboio para Paris. É preso no caminho por não ter pago o bilhete e vê–se obrigado a regressar. Dez dias depois foge de novo, desta vez a pé. O espartilho de Charleville é–lhe insuportável mas a mãe fá–lo voltar. Passa um Inverno solitário a ler na biblioteca da cidade. Acaba por considerar que é tempo de fazer um desafio, de violentar a realidade.

Em 25 de Fevereiro de 1871 vende o relógio e parte para Paris onde vagueia pela cidade, solitário. Por esta altura já tem consciência que "Eu é um outro". A sua visão poética adensa–se. "Digo que é preciso sermos videntes, fazendo–nos videntes". O poeta faz–se vidente por uma longa, imensa e lógica desregra de todos os sentidos. "Os sofrimentos são enormes mas há que ser forte, ter nascido poeta, e eu reconheço–me poeta! Não tenho culpa nenhuma. É falso dizermos: eu penso. Deveríamos dizer: estou a ser pensado".

Começa a estabelecer–se a fama de Rimbaud como poeta maldito. Aquele que deixou de precisar de Deus e dos seus padres.O que dirá "Só eu tenho a chave desta parada selvagem!"

Volta a naufragar em Charleville mas por pouco tempo. Manda poemas a Verlaine que, fascinado, responde "Vem, querida e grande alma, estamos a chamar–te, estamos à tua espera". À chegada a Paris, Verlaine surpreende–se com os dezassete anos de Rimbaud: "Não sei porquê, eu tinha imaginado de outra maneira o poeta..."

Instalado na casa de Verlaine, o jovem autor é apresentado ao círculo poético parisiense. Conhece todos os grandes da época e todos ficam impressionados com o seu talento. Percorre o circuito boémio da cidade suportado e acompanhado por Verlaine.O seu comportamento, por vezes arrogante e selvagem, é notado.Não procurava as boas maneiras, acusava. A ele se aplicaria a máxima de Céline, "mudem o mundo que eu mudo de estilo!"

O casal ventoso, como lhes chamou Mário Cesariny, dava que falar em Paris. A época é pródiga em histórias -e estórias- relacionadas com os dois. Rimbaud descurava totalmente a sua aparência fisica. Vestia–se como um maltrapilho e andava semanas com a mesma roupa. Verlaine dizia que "ele gostava de ter piolhos no cabelo para poder atirá–los aos padres que se cruzavam com ele na rua". Os dois poetas toldados com absinto passeando desbragadamente abraçados num salão de teatro. Verlaine altamente embriagado agredindo a mulher e tentando deitar fogo à casa. Rimbaud procurando esfaquear um poeta que lhe tinha chamado garoto por ele interromper um recital de poesia. Verlaine reage mal e acaba por disparar sobre Rimbaud, atingindo-o superficialmente na mão. A justiça condena-o a dois anos de prisão não comutáveis.

Agastado, Rimbaud isola–se para escrever a que seria a sua última obra poética: "Uma época no inferno". Após o que abandona a poesia aos dezanove anos. Aqui reside o seu mistério. Qual a razão -se é que existiu razão- que o levou "a mudar de vida" tão abruptamente? Ele que já era reconhecido e apreciado. E, mais do que isso, tornar–se traficante de armas e de escravos na Abissínia.

De facto, a expressão poética de Rimbaud atingira o proxismo. Tinha–se proposto a "encontrar o pulso do mundo; ver tudo, sentir tudo, exaurir tudo, explorar tudo, dizer tudo; ser absolutamente moderno".

Na verdade, a partir dessa ruptura só lê textos técnicos como o "Álbum das serrações agrícolas e florestais" e muitos outros. Escrever, só escreve relatórios para a sociedade de geografia . E o mais intrigante é o asco que parece ter ganho à poesia.Segundo as palavras da irmã "lá para o fim da doença, eu lia–lhe. Pois quando aparecia um verso, fosse apenas um, suplicava–me que eu o soltasse. Tinha horror à poesia." O que teria levado Rimbaud a esta metamorfose, eis o que inquieta os estudiosos da sua obra. Numa magnífica interpretação, Bernard Noel afirma: "Os poetas não podiam ajudá–lo em nada; não tinham compreendido o seu rosto nascido de tormenta - e o que teriam, aliás, para lhe dizer? E ele, com mais razão ainda, o que teria a dizer a esses tais poetas? Quem sabe se já nada havia para dizer para lá daquelas páginas onde a vida é apanhada por inteiro! De que valia repetir–se, ser poeta? Depois da iluminação ne dividido entre o amor à mulher e a sua obcessão por Rimbaud que, ao que parece, não era só intelectual.

Agastado, Rimbaud isola–se para escrever a que seria a sua última obra poética: "Uma época no inferno". Após o que abandona a poesia aos dezanove anos. Aqui reside o seu mistério.

Em 1872 partem para a Bélgica e para a Inglaterra, onde se diz que foram vizinhos de Marx e o levaram a apresentar queixa na polícia pelos desacatos que faziam. Tanto brigam que Verlaine abandona-o e deixa-o ficar sem um tostão. Vai para Bruxelas, mas arrepende–se, pedindo a Rimbaud para lá ir ter. Este vai, mas para lhe dizer que volta a Charleville. Verlaine, confuso e perdido, o silêncio não será natural, natural e mais nada? Nervál suicidou–se, morreu com vinte anos. Holderlin, Nietzsche e Artaud foram visitados pela loucura. Talvez Rimbaud, o negociante, tenha sido o louco de Rimbaud, o poeta, quando o seu "interior se esgotou".

De facto, a expressão poética de Rimbaud atingira o proxismo. Tinha–se proposto a "encontrar o pulso do mundo; ver tudo, sentir tudo, exaurir tudo, explorar tudo, dizer tudo; ser absolutamente moderno".

Depois de o ser resta o deserto, "terra de miragens, mundo mais inquietante e irreal".

A Cabra

Talvez tivesse intuído que o mundo mais belo não se vê. Talvez Rimbaud sentisse o silêncio como a única benção capaz de travar a sua tormenta. Ou então, talvez ele já sentisse o que disse à irmã, em grande sofrimento, quase a morrer: "Tudo aquilo foi um erro."

No livro "O Duplo Rimbaud", Victor Ségalen tenta fundamentar a tese do bovarysmo aplicado ao poeta.

Aliás, aqui o termo "Duplo" é usado de forma sublime, como explica Gérard Macé: "A expressão deve ser compreendida em todos os sentidos: monstro de duplicidade, mas também o outro nós próprios que surge periodicamente a assombrar–nos, espectro que nos interroga e sósia que não nos dará resposta."

Para Ségalen existe um muro entre o autor das Iluminações e o comerciante de cartuchos em Harras. Duplicidade que não é psicológica, tem a ver com uma mudança radical na forma de se ver a si próprio. O que Sartre e os existencialistas denominariam de um novo projecto.

O bovarysmo é "o poder que foi dado ao homem de se imaginar diferente do que é". Ségalen acreditava que um processo semelhante se havia passado com Rimbaud. A poesia era o seu dom, fazia parte da sua natureza. Ao romper definitivamente com ela, transmutou–se num Outro.

O corpo desse outro Jean Arthur Rimbaud foi a enterrar em 1891. Ao que parece, pouco antes de morrer, seguiu o exemplo de Verlaine e converteu–se à fé católica. Pelo menos no dizer de um padre que o visitou no leito da morte e à saída exclamou para a irmã: "Oh!, o seu irmão tem Fé! Uma Fé como eu nunca vi!"

A escrita do poeta Rimbaud é grandiosa ao ponto de estar para lá das palavras. Exprime–se no domínio profundo e inquietante da suprema contradição que é a marca dos verdadeiros poetas, para quem "o amor está sempre por inventar". A lenda Rimbaud persiste no seu enigmático fascínio.

De "Uma Cerveja no Inferno":

"Ninguém parte. -Voltemos aos mesmos caminhos, carreguemos outra vez com os mesmos vícios, os vícios que, a meu lado, desde que me conheço, plantaram raízes de dor - que trepam até ao céu, que me fustigam, me arrastam, me queimam.

A última inocência e a última timidez. Está dito. Não deixarei ao mundo a história da minha náusea e das minhas traições.

Vamos! A mancha, o lodo, o deserto, a cólera e o tédio.

A quem devotar–me? Que animal é preciso adorar? Que imagem santa atacam? Que corações terei que esmagar? Que mentira devo defender? -Através de que sangue tenho de passar

(...)

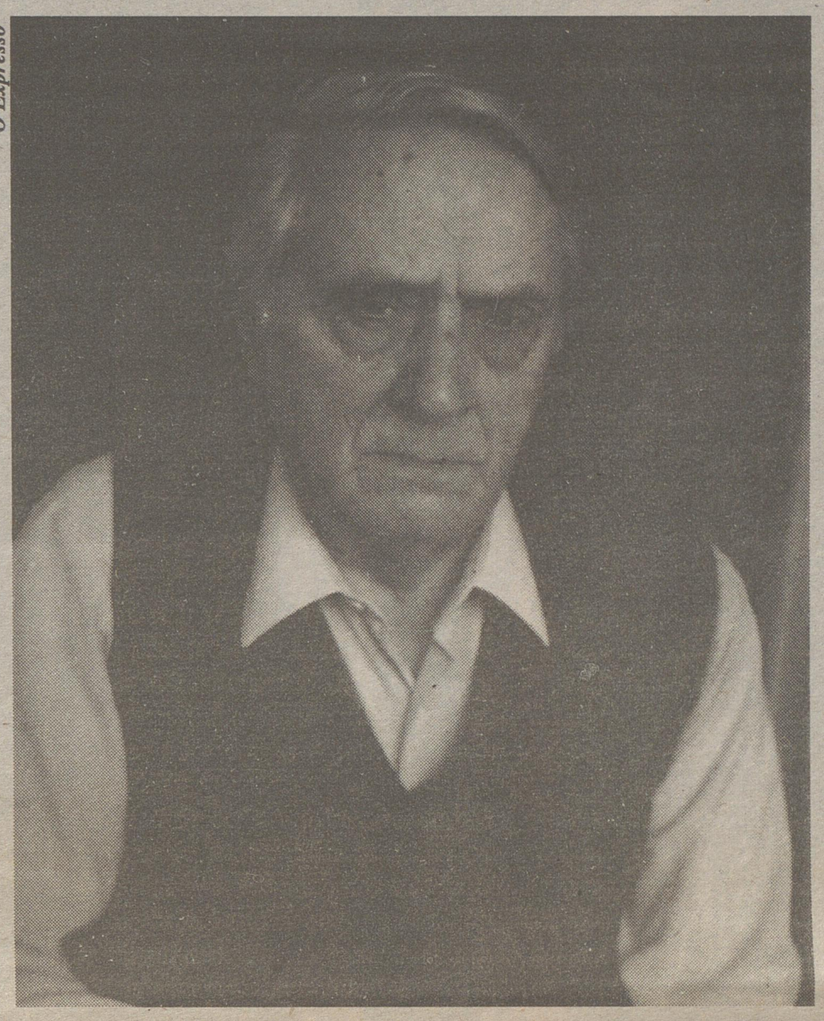
Aí! estou tão sozinho que ofereço a qualquer ídolo as minhas orações."

Paulo Jorge Barbosa

Vergílio Ferreira

Para Sempre

"Quem sou? Tem piada, não me lembro de jamais mo perguntar - quem sou ? E desde quando comecei a sê–lo? Deve ser útil sabê–lo, que é que está dentro de mim? Para ao menos saber o que vou entregar à morte ."



O Expresso

Morreu.

Na caixa animada, as caras pesadas, o olhar baixo. Disseram.

Mago das palavras, sempre brincou com elas. Até ao fim.

O homem de quem vos vim falar, proporcionou–me alguns dos momentos mais preciosos que a vida me ofereceu até hoje. Por isso venho falar dele. Do filósofo em busca do sentido último da vida. Do pensador inesgotável. Da torre de saber. Da criança em eterna idade dos porquês. Do prosador que sonhou a poesia.

Soube, como nenhum outro, descrever o vazio apático das sensações dos que, errantes, esperam a sua hora, quando a vida se resume a um amontoado de recordações encarquilhadas e desconexas. Dispersas. Tivera a sua capacidade e seria possível fazê–lo. Só posso falar–vos dele. Do que foi, para mim.

Creio que nunca a realidade terá sido retratada com tanta precisão; por mãos tão hábeis; com cores tão naturais .

O seu legado são relatos de horas e dias e anos, de olhos bem abertos, perscrutando a contingência mundana. Inigualável nos quadros que pintou. Homem sem tempo. Talento incomensurável.

Deu–nos a sua vida de presente numa Conta–corrente que mais é uma conta à ordem dos dias que passam. Como os viveu. Partilhando conosco a aventura dos sentimentos, mais ainda que a dos sentidos. Deu–nos conta do palco magestático em que nos movemos e soube sempre mover e dispôr nele as peças com maestria impressionante. Nunca, por isso mesmo, lhe escaparam os pregos soltos nas traves que o seguram e tornam o nosso equilíbrio tão instável.Sobre a amargura de sentir a morte de alguém, escreveu aquilo que todos sentimos. Nunca tivemos palavras. Inventou–as. E a escrita fluiu simples. Serena.

Se, aqui e além, foi metafísico, quase sempre quis apenas mediatizar o diálogo entre o ser e a sua alma. Foi, para mim, um novo conceito de dar forma escrita ao indescritível desta relação tão demasiadamente complexa para todos nós.

Veio–me, assim, uma vontade enorme de escrever sobre ele. Uma vez mais. A última.

É uma expiação, um desabafo. Perdoem–me. São apenas mais algumas linhas para quem nos deixou (valha–nos essa pobre consolação) um volume imenso de algumas das mais belas páginas que o génio humano tem sido capaz de produzir.

O professor deu a sua última lição. Escreveu como quem vive. Viveu como quem respira. Morreu assim. Abafado pelo excesso de sentimentos que sempre lhe explodiram no peito. Nunca os pôde conter. Sempre os escreveu. Não sabia ser de outra forma. Sincero.

A sua existência é, para mim, uma grande razão de comoção pela beleza da nossa língua, sua pátria. É bom saber–mo–nos parte de uma cultura que produziu um homem destes. Fica o mundo mais belo.

Não é por acaso que, lembro–me agora, num livro do Astérix, surge, a dada altura, um personagem lusitano que diz algo como: - Não sei cantar lá muito bem, mas, se quiserem, posso recitar qualquer coisita! Pátria de poetas, de fabulosos escritores injustiçados em nome de sei lá que estranhas políticas. Para quando um nóbel? podia bem ter sido.

A sua casa, nossa língua, fica mais pobre. Diz–nos então:

"Que te dá pensares–te o ramo que se suprimiu? A árvore existe e continua para fora da tua acidentalidade suprimida. O que te distingue e oprime é o pensamento que a pedra não tem para se executar como pedra. E as estrelas, e os animais. Funda aí a tua grandeza se quiseres, mas que reconheças e aceites a grandeza que te excede. Há uma palavra qualquer que deve poder dizer isso, não a sabes - e porque queres sabê–la? É a palavra que conhece o mistério e que o mistério conhece - não é tua. De ti é apenas o silêncio sem mais e o eco de uma música em que ele se reabsorva. Pensa-o ardentemente, profundamente, absolutamente. Não és grande, terás apenas a mania das grandezas? Como queres igualar–te ao imenso e imperscrutável? O dia acaba devagar. Assume-o e aceita-o. É a palavra final, a da aceitação. Só os loucos e os iludidos a não sabem. Não sou louco. Não são horas da ilusão. (...) Pensa com a grandeza que pode haver na humildade. Pensa. Profundamente, serenamente. Aqui estou. Na casa grande e deserta. Para sempre."

J.C.

Adeus Marguerite

Morreu a autora de " Hiroshima mon amour".

Dela, ficaram as suas obras e toda a sua história.

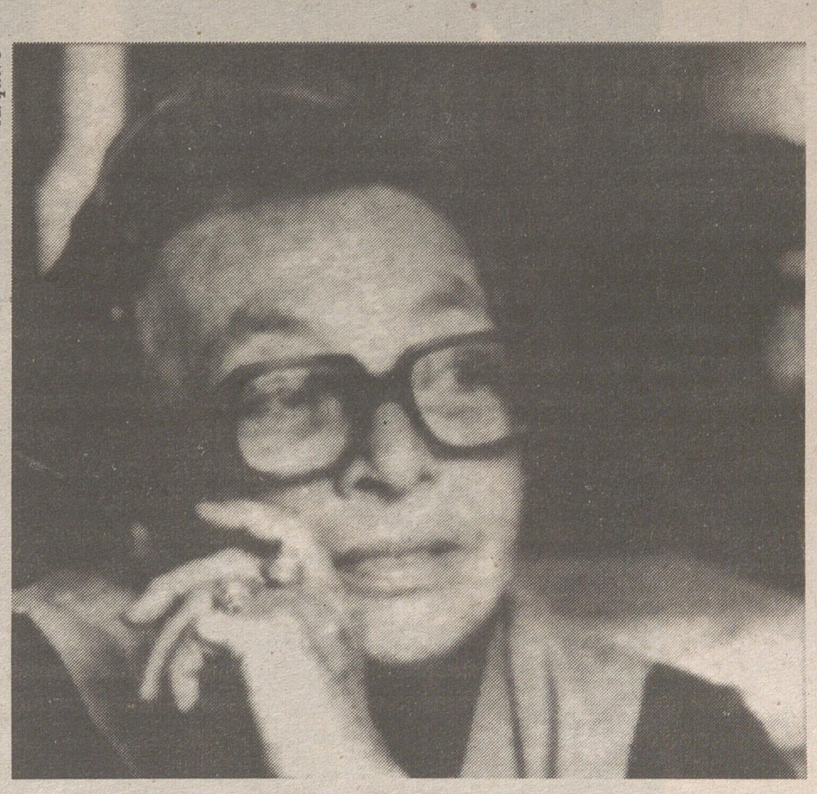
Recordam-se os títulos - " L' Amant", " La vie tranquile", " Le Marin de Gibraltar", " Un barrage contre le Pacifique" e muitos outros, igualmente conhecidos.

Nasceu na Indochina em 1914 e ficou profundamente marcada pela vida da antiga colónia francesa. Estudou Matemática e Direito em Paris, onde começou a publicar os seus livros.

Ao longo da sua vida, integrou–se em vários movimentos de resistência, entre os quais, o que combateu a guerra na Argélia.

Marguerite admirava quem escreve.Quem o faz expõe-se. Escrever é uma doença - dizia - nada mais há a fazer. Duras sempre focou o amor e a morte e os seus personagens são quase um retrato do que se anseia ser ou encontrar. Morreu. Mas os seus amantes estão vivos.

Arquivo




DOM
MÚSICA AO VIVO * CINEMA * SERVIÇO DE BAR * SALA DE PIANO * GALERIA DE EXPOSIÇÕES

Sinais de Queima

Na passada Quarta Feira, dia 13, a Comissão Organizadora da Queima das Fitas deste ano apresentou o pré–programa desta festa. Atentos como só nós, lá estavamos, na primeira fila. Tudo igual, com algumas coisas diferentes. É a tradição! O cartaz é de traços simples: o penico da Praxe e as chamas com as cores das Faculdades! Novidade mesmo, é a mascote da Queima 96. É um morcego, ainda sem nome, à espera da criatividade dos alunos universitários!



Mas vamos ao que normalmente mais desperta os interesses. As Noites do Parque ainda vão ser mesmo no parque. A animação passa, para já, pelos Lunáticos, Rui Veloso, Jesus and Mary Chain, Terrorvision, Amarguinhas, Kussondolola, Mike Flowers Pops, Delfins, Xutos e Pontapés. Há mais, mas estão ainda por confirmar, e mesmo todos estes nomes estão sujeitos a alguma modificaçãozinha! Mas não desesperem! Sempre têm a Sagres, patrocinadora oficial desta Queima, para aquecer alguma noite mais fria!

Nem só de noites vão viver as Fitas desta Queima. Há também a parte cultural e desportiva. Esta última ainda não tem datas definidas, mas sabemos que terá um torneio por cada modalidade desportiva que se pratica pela Academia, e ainda o Passeio–Puzzle, o Peddy–Paper, o Bunjee–Jumping (coragem!), e a descida do Mondego em Kaiac... Quanto à cultura, os eventos decorrem entre 10 de Abril a 10 de Maio. Um mês inteirinho! Um ciclo de conferências, recitais de música clássica, concertos (um com Amélia Muge e os Realejo, outro com Sérgio Godinho), exposições, o FITAS (Festival Internacional de Tunas Académicas), a tradicional Récita dos Quintanistas, e ainda dois lançamentos: o do CD comemorativo dos 10 anos da RUC, e o primeiro trabalho discográfico das Mondeguinas. O Sarau Académico vai ser no Jardim da Sereia. Novidade também é a Gala dos Organismos Autónomos, pois estes grupos, devido ao género de espectáculos que apresentam, não podem actuar na Sereia. Teremos também o bailado "Spartacus" no Gil Vicente, com o Ballet da Ópera Nacional de Novosibirsk, vedetas do Teatro Bolchoi e Orquestra Sinfónica. Os Açores, terão a sua semana, com debates, cantares açoreanos, uma feira do livro e, claro, a sua gastronomia!

Quanto à Serenata, para já, a polémica entre a Secção de Fado, a Fanfarra e a Organização da Queima mantém–se. Se não houver acordo, corremos mesmo o risco de duas Serenatas Monumentais!

Chega de cultura, vamos aos bailes! O tema para o Baile de Gala são Os Oceanos, ou não fosse a Comissão da Expo 98 um dos altos patrocínios desta Queima. Promete–se apostar na qualidade e não na quantidade, com a Orquestra de Shegundo Galarza, uma outra de ritmos tropicais, e uma terceira ainda não confirmada. Foi prometida também uma maior preocupação com a selecção musical do Chá Dançante. A Madrugada das Faculdades será na Cave das Químicas, ou nas Cantinas: A, B, ou Amarelas! Agora escolha! Na noite do Baile, a grande concorrência é mais uma Rave, organizada juntamente com a KAOS, nas antigas instalações da Fábrica Triunfo.

E como já dissemos, este ano a Queima vai ter uma mascote. Trata–se de um morcego, um bicho da noite, que, como não podia deixar de ser, usa uma capa Académica. É "uma mascote viva", já que muda de humores desde o início da Queima (Festa, olai–ó–lari–lolela!!), até chegar ao último dia como um morcego completamente de rastos! Ainda não tem nome. Até dia 20, a Comissão Organizadora da Queima recebe propostas. O concurso está aberto a todos os estudantes da Universidade. O vencedor ganhará um bilhete geral.

E já que falamos em bilhetes, eles custarão sensivelmente o mesmo que no ano passado!

Quanto ao cortejo, -prometeram–nos- passará mesmo em frente à Câmara Municipal, como sempre, e apesar das obras da Praça 8 de Maio!

Para já, aqui fica este cheirinho a Queima. Criticar mesmo, só o faremos depois!

Rosário Salvado

Cantinas

Cantina a funcionar nos dias 23 e 24 de Março: Cantina do Hospital.
Cantina a funcionar nos dias 30 e 31 de Março: Cantina Amarela.

Ementa semanal:

-2ª Feira: Creme de cenoura
Almoço: Febras de porco grelhadas com esparguete e legumes
Jantar: Solha "au Menier" com batata ensalsada e alface.
-3ª Feira: Sopa de legumes
Almoço: Frango assado com arroz de cenoura, batata frita e alface
Jantar: Lulas grelhadas com batata cozida e grelos salteados
-4ª Feira: Caldo verde
Almoço: Feijoada à Portuguesa
Jantar: Costeleta de porco "au sauté", com limão, batata assada
-5ª Feira: Sopa caseira
Almoço: Bacalhau á Gomes de Sá
Jantar: Hamburger com ovo estrelado, fiambre, batata frita
-6ª Feira: Sopa de nabiças
Almoço: Frango de caril, arroz branco e salada mista
Jantar: Peixe espada grelhado com puré, cenoura torneada
-Sábado: Sopa Portuguesa
Almoço: Bife de perú com "champignons", arroz, batata frita
Jantar: Pargo mulato ("red fish") assado com batata corada
-Domingo: Canja de Galinha
Almoço: Costeleta de porco "au sauté" com arroz, batata frita
Jantar: Filetes de pescada com arroz de tomate, alface e cenoura

Horário: Das 12h às 14h15 para almoço. Das 19h às 21h15 para jantar.

-A cantina dos Grelhados e os Snacks não encerram durante a tarde.
-É de realçar que, durante a semana, e por trinta míseros escudos, podes tomar o teu consistente pequeno almoço na cantina A... até às 10h

Beber & dançar

E, para quem goste de curtir a noite coimbrã, estes são os locais aconselhados para este número:

Diligências Bar: Ambiente acolhedor, fado ao vivo, petiscos e uma Sangria Especial(issima) vivamente aconselhados.
Rua Nova, nº 30.
Sem consumo obrigatório. Fecha às 2h00.

Dixie: O bar ideal para uma conversa entre amigos, ao som de música agradável.
Rua Joaquim António Aguiar
Não tem consumo obrigatório

Clube de Rugby: Para beber umas cervejas em ambiente familiar e ter encontros ocasionais (quem sabe?).
Rua Castro Matoso
Pela noite dentro.
Sem consumo obrigatório.

Sing-Sing: Mesmo ao lado das amarelas, uma alternativa paras as noites coimbrãs. Karaoke às terças-feiras e música ao vivo com frequência.
Rua Castro Matoso. Até às 2h.
Consumo mínimo: 500$00, 750$00 terça-feira (com bica aberta)

D. Dinis: Paragem obrigatória para beber um copo (ou mais!). Sandes, pizzas e outros petiscos prontos a trincar durante a noite. Música ao vivo com frequência.
Traseiras do Hospital Velho. Até às duas e meia.
Consumo mínimo: 150$00

Discotecas:

- States: The real "street lobotomy". Mosh, Dr. Martens e outros fumos...
Alameda Calouste Gulbenkian.
Consumo mínimo obrigatório de 700$00.

- Etc.: Música POP comercial que confere ambiente familiar à discoteca. Ideal para aquela buba.
Avenida Afonso Henriques
Consumo: 2ª F.- Bica Aberta- 1000$00 Fim de semana- 750$

Cinema

Estúdio 2 do Avenida, pelas 19h00:
dia 20: **Até as Vaqueiras Ficam Tristes**- de Gus Van Sant, com Uma Thurman, John Hurt, Rain Phoenix.
dia 27- **Ereaserhead. No Céu Tudo é Perfeito**- de David Linch.
Marcações pelos telefones: 22131\26342
Preço: 500$00

TAGV:
-**Opening Nights (Noites de Estreia)**- de John Cassavetes (1977)
De 18 a 20 de Março, às 15h., 18h, e 21h,45
- **Exotica-** de Atom Egoyan (1995, Canadã)
De 22 a 26 de Março, às 15h., 18h. e 21h.45
Preço: 400$00
Telf. TAGV- 29372

Mini-Auditório da AAC:
Cinema Animado Japonês
De 18 a 22 de Março, às 18h. e 22h.
Filmes diferentes todas as sessões
Organização do CEC

Frase do Mês

"São muitos pastores para uma cabra só"

Ricardo Rocha Diniz



1000 pontos de diferença

Bestas Quebram Tradição

Realizou–se na passada Quarta–feira, dia 6 de Março, nos Gerais da Faculdade de Direito mais uma edição do tradicional Bestaball. Este desporto consiste num embate entre as bestas da primeira e segunda manadas do primeiro ano jurídico que, na sua posição natural e podendo apenas dar marradas no esférico, tentam introduzi–lo na sentina da equipa adversária.

A edição deste ano é digna de referência visto que, ao fim de 705 anos, a primeira manada saíu vencedora, inflingindo à segunda uma derrota, embora "de cornis erguitis". O encontro foi disputadíssimo tendo sido necessário recorrer à marcação de castigos máximos para resolvê–lo, tendo o resultado final sido de 3000/2000. A euforia reinava entre os doutores da primeira turma no final do encontro, ao passo que os da segunda afirmavam a sua intenção de protestar o jogo no Conselho de Disciplina da BIFA (Bestaball Internacional Fcaloirus Association). Como em todas as edições foi eleito o "Cornus Aureum" (melhor besta em campo), enquanto que o prémio "melius rabus in campus", cujo juri é composto por algumas doutoras convidadas para o efeito, não foi atribuído "por falta de qualidade".

César Marques

Jovens da Secção de Natação da AAC ganham títulos nacionais

Peixinhos Dourados

Seis títulos de campeão nacional, vinte e um lugares no pódium e vinte e um recordes regionais nos nacionais de piscina curta enriquecem o currículo da Natação da Académica.

Decorreram no final do mês de Fevereiro e princípio Março os Campeonatos Nacionais de Piscina Curta, distribuídos pelas piscinas do Sport Algés e Dafundo em Lisboa e pelas Piscinas Municipais de Felgueiras. A Associação Académica de Coimbra, Secção de Natação, fez–se representar por 22 nadadores (7 infantis, 8 juvenis, 4 juniores e 3 séniores), acompanhados pelo seu corpo técnico, Paulo Santos, Paulo Tejo e Fausto Angelo. No decorrer da sua participação a equipa mostrou–se muito bem preparada para estes campeonatos, resultado de um trabalho progressivo, contínuo e sistemático com o objectivo de atingir o pico de forma no momento mais importante da época de Inverno, pelo que não são de estranhar os excelentes resultados obtidos: 6 Títulos de Campeão Nacional, 21 lugares no pódium e 21 Recordes Regionais.

Por categorias destacam–se os juvenis e juniores, o que cria boas expectativas quanto ao futuro próximo, sendo no entanto de realçar igualmente o comportamento dos juvenis e dos séniores. Individualmente, destacaram–se a juvenil Mariana Cunha, Campeã Nacional nos 200m estilos e bruços, 100m bruços e terceiro lugar no pódium nos 400m estilos, e o júnior João Cardoso, Campeão Nacional nos 100 e 200 m costas e 4x100m livres, Vice–Campeão Nacional nos 100 e 200 m livres e terceiro lugar no podium nos 4x200m livres.

Dada a excelência da prestação da AAC aguarda–se a convocação de alguns dos atletas que a integram para representar a selecção nacional nos diversos meetings internacionais em que Portugal irá participar ainda no decorrer da época 95/96.

R.R.D.

Grupo Ecológico

Sensibilizar para os problemas ambientais, mostrar a sua dimensão e dar a conhecer às pessoas formas de os combater, são os objectivos traçados pelo Grupo Ecológico da AAC para o seu programa de sessões de educação ambiental . Realizadas na Escola Primária dos Olivais, estas sessões têm também o intuito de preparar gerações vindouras para o gosto pela intervenção social,mostrando–lhes a importância de pequenas atitudes ecológicas na nossa vida.

Atleta da Académica alcança mínimos Europeus

Teresa Machado tornou–se a única atleta potuguesa com mínimos europeus no halterofilismo, tendo alcançado o primeiro lugar na categoria de 83 Kg na prova " Taça Dia Internacional da Mulher ", realizada no dia 2 do corrente mês, no Barreiro, assim como o "Troféu da Atleta mais destacada desta Competição". 77,5 Kg noarranque e 90 Kg no arremesso totalizaram 167,5 Kg, marcas estas que bateram os "Recordes Nacionais Absolutos Femininos ".

Da Tortura Infamante

De como dá um certo gozo ler estas coisas...



D.R.

"A pêra oral (ao lado, na imagem) aplicava–se aos hereges e também aos criminosos laicos de tendências anti–ortodoxas; a pêra vaginal estava destinada a bruxas e às mulheres culpadas de relações com Satanás ou um dos seus familiares; e, por último, a rectal era aplicada aos homossexuais passivos.

A mutilação dos seios e órgãos genitais femininos constitui uma prática constante e sempre presente em toda a história da tortura"

Este é apenas um dos plúrimos instrumentos de tortura utilizados desde a Idade Média até à Era Industrial pelos verdugos e carrascos nas câmaras de tortura dos senhores e soberanos e nas Praças Públicas nas mãos da Inquisição, agora em exibição no Pátio da dita, até 19 do corrente.

Mas avancemos para outras criações imaginativas e estimulantes: "Berço de Judas" - criação europeia, usado entre o séc. XVI e o séc. XVIII, consistia numa pirâmide de madeira com ponta aguçada onde se sentava a vítima, soerguendo-a com uma manivela, roldanas e argolas de parede, para a deixar cair de cima no pico da pirâmide. O Garrote - provoca lentamente a morte por asfixia pois aplicava–se no pescoço; foi usado em Espanha até à morte de Franco em 1975, altura em que foi abolida a pena de morte. Esfolamento - cortam–se os tecidos que ligam a pele à carne, como a um coelho para cozinhar; a vítima agoniza lentamente.

O funcionamento da Roda para despedaçar foi descrita magistralmente por um cronista alemão do séc. XVII: "a vítima tornava–se numa espécie de títere ululante retorcendo–se como um polvo gigante de quatro tentáculos entre charcos de sangue e carne viscosa e amorfa, misturada com lascas de ossos partidos".

Enjoado, leitor? Então não sente o "êxtase" à vista de "uma execução pública, quando deliram as multidões ao cheiro de carne humana, imolada pelo fogo".

Houve quem no passado quem tentasse justificar os suplícios e as execuções públicas com a ideia de se tratarem de medidas correctivas (um pouco como quem hoje defende penas mais pesadas para crimes como o tráfico de droga...) mas os relatos e os documentos da época provam que os tempos em que se praticavam estas torturas foram de violência extrema e generalizada. Com tais espectáculos a população satisfazia a sua "inata sede de sangue" e fruição da agonia dos seus semelhantes, e só esse desejo permite a sobrevivência das estruturas sociais que dela vivem. A menção ao presente é intencional pois a mensagem desta "mostra" volta–se para o tempo actual. Avisa que muitos destes instrumentos não se perderam ainda no passado; antes continuam a ser usados em salas de interrogatórios das forças policiais estaduais em países do terceiro mundo.

Só a reflexão permite a consciencialização e o controlo sobre estas pulsões inatas. E quiçá o reconhecimento da fome, guerra, analfabetismo e discriminação como outras formas de tortura...

(as citações foram retiradas da "Amnistia Internacional - introdução e catálogo da Exposição itinerante: Instrumentos Europeus de Tortura e Pena Capital, apresentada de 1983 a 2000, por todo o Mundo").

Magda Cerqueira